

CAMILLO CASTELLO BRANCO



OPRAS

PARCERIA ALPENTIBA - EDITORA

LIVRARIA ACADÉMICA

J. Quedes da Silva

R. Mártires da Liberdade, 10
Telefone, 25988 — PORTO

LIVROS USADOS
COMPRA E VENDE

R 8169, 838



Presented to the

LIBRARY of the

UNIVERSITY OF TORONTO

by

Professor

Ralph G. Stanton

Senhor do Paço
IX. A Mulher Fatal
XII. Correspondência
de Castro e Caminha
vindade de Jesus

NOVA COLEÇÃO

A 50 RÉIS

Vol.

- N.º 1 — Port Taras
1 vol. de 176 paginas.
- N.º 2 — D. Carlos.
- N.º 3 — Madame Camille
paginas.
- N.º 4 — Sapho, de ...
- N.º 5 — Negro e côr de rosa, de Jorge Ohnet, 1 vol. de 100 pag.
- N.º 6 — O senador Ignacio, de Th. Cabu (*Théo-Crit*), 1 vol. de
210 paginas.
- N.º 7 — Jettatura, de Theophile Gauthier, 1 vol. de 170 paginas.
- N.º 8 — Casa com escriptos, de Carlos Dickens, 1 vol. de 160
paginas.
- N.º 9 — O canteiro de Saint-Point, de Mamartine, 1 vol. de 180
paginas.
- N.º 10 — Rosa e Ninette, de A. Daudet.
- N.º 11 — Primeiro amor, de Ivan Tourgueneff, 1 vol. de 160 pag.
- N.º 12 — Peccado mortal, de André Theuriet, 1 vol. de 170 pag.
- N.º 13 — O Judeu, de Henry Murger, 1 vol. de 160 paginas.
- N.º 14 — O tanceiro Nuremberg, de Hoffmann, 1 vol. de 170 pag.
- N.º 15 — Dinheiro maldito (Polikouchka). costumes russos, pelo
Conde Leon Tolstoi.
- N.º 16 — Vida phantastica, por Mèry, 1 volume de 170 pag.
- N.º 17 — O padre Daniel, de André Theuriet, 1 vol. de 160 pag.
- N.º 18 — Um coração simples, de Gustave Flaubert, 1 vol. de
170 paginas.
- N.º 19 — Yan, de Jean Rameau, 1 volume de 170 pag.
- N.º 20 — O tio Scipião, de André Theuriet, 1 vol. de 196 pag.
- N.º 21 — Diario de uma mulher, de Octavio Feuillet, 1 vol. de
200 paginas.
- N.º 22 — O crime do juiz, de Paulo Féval, 1 vol. de 170 pag.
- N.º 23 — A Inundação, de Emilio Zola, 1 vol. de 187 pag.
- N.º 24 — Os Rantzau, de Erckman Chatrian, 1 vol. de 200 pag.

LISBOA

Parceria ANTONIO MARIA PEREIRA

(LIVRARIA EDITORA)

50, 52 — Rua Augusta — 52, 54

Collecção ANTONIO MARIA PEREIRA

VULGARISAÇÃO DOS MELHORES LIVROS

DAS

LITTERATURAS PORTUGUEZA E ESTRANGEIRAS

Romances, Contos, Viagens, Historia, etc., etc.

Volumes in-8.º de 160 a 200 paginas, em corpo 8 ou 10, excellente edição, em optimo papel. Preço de cada volume 200 réis brochado, ou 300 réis elegantemente encadernado em percalina. Para as provincias accresce o porte do correio

Volumes publicados

- N.º 1 — *Tristezas á Beira-Mar*, romance de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 2 — *Contos ao Luar*, por Julio Cezar Machado, 1 vol.
N.º 3 — *Carmen*, romance de Merlmée, traducção de Mariano Level, 1 vol.
N.º 4 — *A Feira de Paris*, por Iriel, 1 vol. (2.ª edição).
N.º 5 — *O direito dos filhos*, George Ohnet, 1 vol.
N.º 6 — *John Bull e a sua ilha*, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 7 — *O juramento da duquesa*, romance historico por P. Chagas, 1 vol.
N.º 8 — *A tenda da meia-noite*, romance phantastico, por P. Chagas, 1 vol.
N.º 9 — *A joia do vice-rei*, romance historico, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 10 — *Vinte annos de vida litteraria*, por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 11 — *Honra d'artista*, romance de Octavio Feuillet, traducção de Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 12 — *Os meus amores*, contos e balladas, po Trindade Coelho, 1 vol.
N.º 13 e 14 — *A aventura d'um polaco*, por Victor Cherbuliez, traducção de Maria Amalia Vaz de Carvalho, 2 vol.
N.º 15 — *Os contos do tio Joaquim*, por R. Paganino, 1 vol.
N.º 16 — *As batalhas da vida*, contos por Gulomar Torreção, 1 vol.
N.º 17 — *Noites de Cintra*, romance por Alberto Pimentel, 1 vol.
N.º 18 e 19 — *Em segredo*, romance, trad. de Margarida de Sequeira, 2 vol.
N.º 20 e 21 — *A irmã da Caridade*, por Emilio Castellar, traducção de L. Q. Chaves 2 vol.
N.º 22 — *Migalhas de historia portugueza*, por Pinheiro Chagas, 1 vol.
N.º 23 — *A Cruz de Brilhantes*, por A. Campos, 1 vol.
N.º 24 — *Contos*, de Affonso Botelho, 1 vol.
N.º 25 — *Contos phantasticos*, por Theophillo Braga, 1 vol.
N.º 26 — *O mysterio da estrada de Cintra*, por Eça de Queiroz e Ramalho Ortigão, 1 vol.
N.º 27 — *O naufragio de Vicente Sodré*, rom. historico de P. Chagas 1 vol.
N.º 28 — *Vid'airada*, por Alfredo Mesquita, 1 vol.
N.º 29 — *O Bacharel Ramires*, por Candido Figueiredo, 1 vol.
N.º 30 e 31 — *Amor á antiga*, romance de Calé, 2 vol.
N.º 32 — *As Netas do Padre Eterno*, por Alberto Pimentel.
N.º 33 — *Contos*, de Pedro Ivo, 1 vol.
N.º 34 — *O correio de Lyão*, por Pierre Zaccane.
N.º 35 — *Vida de Lisboa*, por Alberto Pimentel.
N.º 36 — *Historias de Frades*, por Lino d'Assumpção.
N.º 37 — *Obras primas*, por Chateaubriand.
N.º 38 — *O Exilado*, romance historico, por Mauricia C. de Figueiredo.
N.º 39 — *Poema da Mocidade*, por Pinheiro Chagas.
N.º 40 e 41 — *A Vida em Lisboa*, por Julio Cesar Machado.
N.º 42 e 43 — *Espelho de Portuguezes*, por Alberto Pimentel.
N.º 44 — *A Fada d'Auteuil*, por Ponson du Terrail, traducção de Pinheiro Chagas.
N.º 45 — *A Volta do Chitudo*, por Beldemonio (Eduardo de Barros Lobo).
N.º 46 — *Séca e Méca*, por Lino d'Assumpção.
N.º 47 — *Ninho de guineho*, por Alberto Pimentel.

Requisições á Parceria Antonio Maria Pereira

Rua Augusta, 50, 52, 54 — LISBOA

COLLECCÃO ECONOMICA

Volumes de in-16.º, de 240 a 320

ROMANCES DOS MELHORES AUCTORES

A 100 réis o volume (pelo correio 120 réis)

- * N.º 1 — Aventuras prodigiosas de Tartarin de Tarascon, seguidas de *Tartarin nos Alpes*; por A. Daudet.
- * N.º 2 — Pedro e João, por Guy de Maupassant.
- * N.º 3 — Sergio Panine, por Jorge Ohnet.
- N.º 4 — O Sonho, por Emilio Zola.
- N.º 5 — Soror Philomena, por Edmond e Jules Goncourt.
- N.º 6 — O medico assassino, por Octavio Fére.
- N.º 7 — Os milhões vergonhosos, por Heitor Malot.
- * N.º 8 — O amigo Fritz, por Ereckmman Chatrian.
- N.º 9 — Vogando, por Guy de Maupassant.
- * N.º 10 — Um romance de mulher, por Pierre Mael.
- * N.º 11 — Vontade, por Jorge Ohnet.
- * N.º 12 — O Nababo, por A. Daudet.
- * N.º 13 — Um coração de mulher, por Paul Bourget.
- * N.º 14 — Beatriz, por Rider Haggard.
- * N.º 15 — O crime d'Annunzio, por Gabriel d'Annunzio.
- * N.º 16 — Lise Fleuron, por Ohnet.
- N.º 17 — Os dois rivaes, por Armand Lapointe.
- N.º 18 — O ultimo amor, por Jorge Ohnet.
- N.º 19 — Um Bulgaro, por Ivan Tourgueneff.
- N.º 20 — Memorias d'um suicida, por Maxime du Camp.
- N.º 21 — Forte como a morte, por Guy de Maupassant.
- * N.º 22 — A alma de Pedro, de J. Ohnet.
- N.º 23 — Camilla, de Guérin-Ginisty.
- N.º 24 — Trahida, de Maxime Paz.
- N.º 25 — Sua Magestade o Amor, por A. Belot.
- N.º 26 — Magdalena Férat, por Emilio Zola.
- N.º 27 — Os Reis no exilio, por A. Daudet.
- N.º 28 — Divida de odio, por Jorge Ohnet.
- N.º 29 — Mentiras, por Paul Bourget.
- N.º 30 — Marinheiro, por Pierre Loti.
- N.º 31 — A montanha do Diabo, por Eugenio Sue.
- N.º 32 — A Evangelista, por A. Daudet.
- * N.º 33 — Aranha Vermelha, por R. de Pont Jest.
- N.º 34 e 35 — Odio antigo, por Jorge Ohnet.
- N.º 36 — Parisienses!... romance, por H. Davenel.
- N.º 37 — Ao entardecer!... rom., por Iveling Ramband.
- N.º 38 — A confissão de Carolina, romance.
- N.º 39 — Um casamento no mosteiro, por Alfredo Assolland.
- N.º 40 — Os Parias, original de Francisco da Rocha Martins.
- N.º 41 — O abbade de Favlières, romance, por J. Ohnet.
- N.º 42 — A agonia de uma alma, romance, por Ossip Fchubin.
- N.º 43 — Memorias d'um burro, por Madame Ségur.
- N.º 44 — A nihilista, por Catulle Mendés.
- N.º 45 — O grande Industrial, por George Ohnet.
- N.º 46 — Morta d'amor, por Albert Delpit.
- N.º 47 — João Sbogar, por Carlos Nadier.
- N.º 48 — Viagem sentimental, por Sterne.
- N.º 49 — O milhão do tio Raclot, por Emile Richebourg.

Todos os vol. com este signal * estão esgotados mas vão ser reimpressos.

OBRAS

DE

CAMILLO CASTELLO BRANCO

EDIÇÃO POPULAR

XIV

A DOIDA DO CANDAL

VOLUMES PUBLICADOS

- I — Coisas espantosas.
- II — As tres irmans.
- III — A engeitada.
- IV — Doze casamentos felizes.
- V — O esqueleto.
- VI — O bem e o mal.
- VII — O senhor do Paço de Ninães.
- VIII — Anathema.
- IX — A mulher fatal.
- X — Cavar em ruinas.
- XI — Correspondencia epistolar.
- XII —
- XIII — Divindade de Jesus.
- XIV — A doida do Candal.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

A DOIDA DO CANDAL

EDIÇÃO DEFINITIVA REVISTA E CORRIGIDA PELO AUCTOR

QUARTA EDIÇÃO

LISBOA

PARCERIA A. M. PEREIRA — LIVRARIA-EDITORIA

Rua Augusta — 50, 52 e 54

1903

LISBOA

Officinas typographica e de encadernação

MOVIDAS A VAPOR

Rua dos Correeiros, 70 e 72, 1.º

A HONRADA MEMORIA

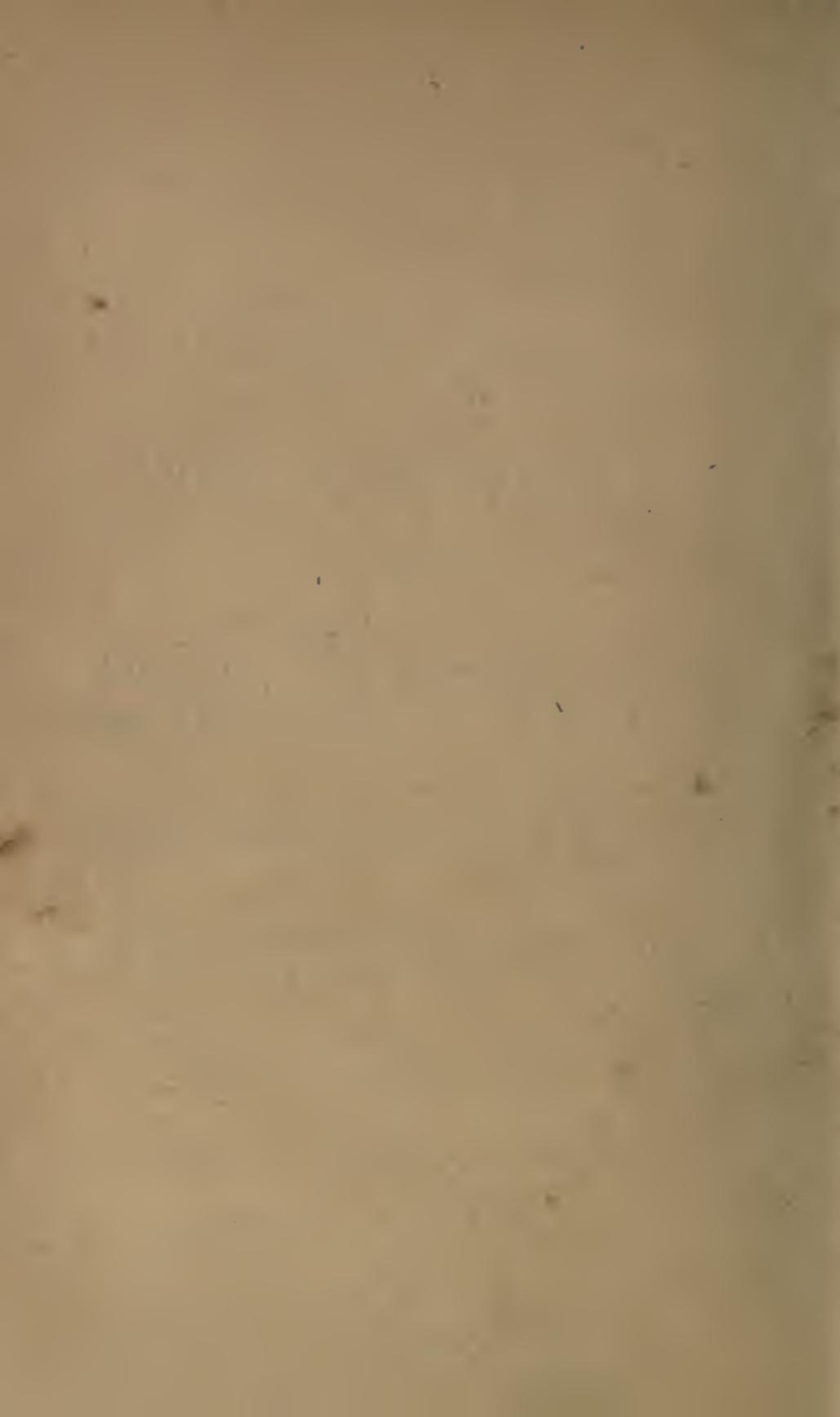
DE

JOSÉ JULIO DE OLIVEIRA PINTO

Vivia o nobilissimo coração de José Julio quando lhe offereci o meu Romance de um homem rico ha seis annos.

O coração, cofre de um thesouro, era material: desfez-se.

Ficou o thesouro incorruptivel e sagrado: a honra.



ADVERTENCIA

Em 1866, na bellicosa cidade do Porto, defrontavam-se de espada nua dois escriptores portuguezes de muitas excellencias litterarias e grande pun-donor.

Correu algum sangue. Deu-se por entretida a curiosidade publica e satisfeita a honra convencional dos combatentes.

Alguns dias volvidos, ia eu de passeio na estrada de Braga e levava comigo a honradora companhia d'um cavalheiro que lustra entre os mais grados das provincias do norte.

No sitio da «Mãe de Agua» apontei na direcção d'um plaino ancuberto pelos pinhaes e disse ao meu companheiro :

— Foi por alli que ha dias a «Critica Portugueza» esgrimiou com o «Ideal allemão».

— Ah! — disse o meu amigo, soffrendo as ré-deas do cavallo — foi alli a brincadeira ?

— Brincadeira !... então vossa excellencia intende que, nos duellos, quem não morre brinca...

— *Quem não morre*, diz vossê... Pois morre alguém no duello em Portugal?

— Não me consta; mas isso prova que os combatentes exercitam as armas entre si tão magistralmente que não é possível matarem-se.

— Pois de certo não tem noticia de duellos em Portugal? — tornou o cavalheiro.

— Não tenho.

— Venha cá.

E, dizendo, quebrou a rédea para a direita da estrada, atravessou o paúl que circunda a «Mãe d'Agua» e parou rente do socalco divisorio de um vasto pinhal.

E alli, apontando para uma clareira da matta, disse-me :

— Olhe para acolá. Hei-de contar-lhe um ou dois combates singulares e fataes que estes pinheiros mais velhos viram travar-se ha cincoenta annos n'aquelle sitio.

Passados dias, mostrou-me um livro in-folio manuscrito, facultando-me o traslado do que merecesse ser contado.

Aqui está a origem d'este romance.

S. Miguel de Seide.—Maio de 1867.

PREFACIO DA SEGUNDA EDIÇÃO

Reconhece o auctor que este livro seria deficientissimo, se assentasre em alguma idéa fundamentalmente philosophica.

Não estamos em terra onde se invista a novella de missão que não seja esparecer o animo de estudos attentos, ou desenfastial-o dos enojos da ociosidade. Os letrados, que baixam até ao romance, querem-no, dizem elles, philosophico, e apontado a discutir alguma transcendente questão social. Nada mais nem menos que encommendarem ao romancista os serviços que aos legisladores incumbe prestar á sociedade. Fazem-lhe muita honra, dão-lhe grande fôro nas coisas da republica ; mas o peor é que os editores recommendam a menos philosophia que ser possa n'estes livros, e queixam-se da mingua da concorrência dos letrados ao balcão, onde a novella discreteadora e pedagogica não ousa medir-se com as facecias da scena-comica. E' vêr quem leva mais os olhos na sala das mascaradas — se Socrates sobraçando a tunica e mesuran-

do os poderosos passos, se o palhaço tilitando os guizos...

Não obstante, os famintos de romances com recheio de sucosas cabidelas insistem que o romanista deve immolar ao agrado e contentamento da critica o gosto destragado da maioria dos leitores.

Pensam e aconselham discretamente. Eu por mim tenho querido contental-os; e, se alguma vez o consegui, foi pontualmente nos livros que esperam no limbo das estantes dos editores a redempção do *gosto-fino*, a segunda luz das intelligencias esclarecidas. Por onde havemos de concluir que o escrever para a posteridade é um sacratissimo dever tão sómente a uns bem-sorteados da fortuna que tem segura a vida presente, e se esmeram em prolongar a futura pela eternidade fóra até encontrar uma geração que lh'a perpetue no bronze da estatua. Bonito destino, quando os contemporaneos se não persuadem que o aparelho digestivo do escriptor é de bronze tambem, e, como tal, descarecido da refeição das moleculas que dão calor vital ao sangue, ao musculo, á massa que fórma os camarins do espirito, esta coisa chamada ingenho. *Ingenho* de bem escrever! Palavra ôca de que ri galhofeiramente quem tiver um de fazer assucar ou serrar madeira.

Tornando ao ponto: estive intentado a interpor n'esta segunda edição da DOIDA DO CANDAL uns discursos ácerca do duello, como quem inculca tendencias a desbravar o genero humano de tão brutal selvageria. N'esse campo de mortos infamados e já tambem chorados, acharia eu que farte tristissimas flôres com que aformosear tragedias.

Não o ha tão abundante para lagrimas e dadivoso

ás menos inspiradas fãntasias. Dei, todavia, de mão ao intento, quando o meu editor e amigo me disse que *A BRUXA DE MONTE CORDOVA* era menos lida que *A DOIDA DO CANDAL*. Entrei a comparar os dois romances para intender a desigualdade dos meritos, e vim ao convencimento de que um pouquinho mais de philosophia estragára a *BRUXA*.

Nada, pois, de tirar á novella a inutilidade que a faz preciosa. Seja cada um do seu tempo e do seu paiz. O melhor romancista em Portugal, por emquanto, ha de ser o que tiver mil leitores que lhe comprem o livro e o applaudam, contra dez que o leiam de graça e o critiquem em folhetins a dez tostoens.

Porto 22 de novembro de 1867.

Juizos do mundo

Libertad, la cosa mas amada, no solo de la gente de razon, mas aun de los animales que carecê della.

CERVANTES.—*Novellas exemplares.*

Marcos Freire Pamplona tinha vinte e sete annos. Era o dono do melhor palacio e mais antigos apellidos da fidalguia portuense. Galhardo e valente. Pouco menos de illustrado. Religioso bastante para crêr em Deus. Propenso a duvidar da religião dos martyres de toda a fé, e duvidar da sciencia insolente e brutal de Voltaire.

Tinha nascido em 1790. Em 1817 era revolucionario como o justicado Gomes Freire, seu parente, ultima victima da illustre serie de soldados e generaes dos seus apellidos, mortos ás mãos de mouros e de christãos portuguezes. ¹

¹ D'esta familia de *Freires de Andrade* nos occurrem alguns varões famigerados por bravura e desastrado fim. Gomes Freire, da casa de Bobadella, morreu em Alcacer-kivir

Revolucionario, porém quieto e rebelde a conjurar-se com os activos operarios que minavam para a explusão de 1820. E' que Marcos Freire sentia-se maneatado ao berço de uma creancinha de dois annos e meio.

O amor paternal era-lhe, a um tempo, delicias e tormento. Indole, denôdo e odio a compellirem-n'o para os congressos secretos dos fortes que fomentavam a heroica vingança de Gomes Freire. Olhos, alma e coração a tirarem com elle para a beira do pequenino, que lhe sorria, como se entendesse a mãe a dizer-lhe: «prende-o filho!»

Parentes e amigos arguiam-lhe a fraqueza de se deixar vencer de considerações improprias do sobrinho de Gomes Freire. Alguns lhe mostravam seus filhos aos pares, aos seis, e com patriotico entusiasmo clamavam que o amor paternal era máo subterfugio da covardia. Outros diziam que tinham, além dos filhos, esposas amadas e amantissimas; e, sendo assim, nem por amor d'ellas acceitavam o stigma de indifferentes á tyrannia de algozes e ao supplicio dos primeiros martyres da liberdade, queimados nas fogueiras do Campo de Sant'Anna. N'esta menção das esposas, acintemente feita pelos mais indelicados, mal se rebuçava o proposito de ferir o pae da creancinha.

com dois dos quatro filhos que levou comsigo. Francisco Freire e outro Gomes Freire morreram na batalha de Alcantara em defeza do acclamado rei D. Antonio. Bernardino Freire de Andrade morreu ás mãos do povo na invasão franceza. Gomes Freire, o general de 1817, é o primeiro nome do martyrologio da Luz nova. Na arvore, que nos dá esta vasta sombra, esta doce fruição da liberdade, circula ainda seiva d'aquelle sangue.

Marcos não era casado.

A mãe de seu filho não lhe chamava esposo, e assim mesmo cuidava que a sua união com elle estava sanctificada e abençoada pelo anjo de Deus e de ambos.

Maria de Nazareth era da classe media, filha de mercadores abastados. Fugira incondicionalmente aos paes, quando o fidalgo lhe deu uma czinha campestre, com a tristeza da solidade e a alegria das flôres em volta, e ao pé d'ella a bem-aventurança do amor. Os sonhos de Maria não tinham implantado mais adiante a baliza da felicidade. Alli se estava como esquecida de si e absorta n'aquelle goso de esposa, segundo a natureza e o coração. Por que a natureza, a maviosissima esposa de Deus, lhe dava a ella as tardes saudosas, o azul do céu das manhãs; e, sagrada inspiradora, lhe ensinava a entender os silencias do seu ninho de folhagem, apenas quebrados pelo vagido do filhinho amimado ou pela voz acariciativa de Marcos Freire.

Maria, não obstante a alta estimação em que tinha a sua fortuna, era, no juizo das pessoas que lhe sabiam o destino, conceituada em conta de creatura abatida ao estrado das perdidias. D'ahi vinha o nenhum pendor que os amigos de Marcos Pamplona queriam que lhe ella e o filho tivessem no espirito, desdourando-a, sem a nomearem, nos confrontos em que a punham com as esposas legaes, e desestimando a insignificante prisão d'um filho, manchado da illegalidade com que abriu os olhos á luz d'este planeta. A juizo de taes — homem que amparava a mulher, por amor d'elle tão perdida quanto o mundo a condemnava, e se deixava iniçar nos encantos d'um filho que, segundo

o uso e a prudencia, devia ter já ido á sepultura pelo postigo dos engeitados — tal homem arguia indignidade e despundonor esquivando-se, por taes motivos, de conjurar com os briosos sectarios de seu tio, o enforcado general Gomes Freire.

N'este parecer abundava tacitamente o pae de Marcos, fidalgo que ainda conhecera avós dos tempos heroicos assim em valôr que em virtudes; sendo todavia que nem seus avós nem elle tinham os filhos illegitimos e as mães illegitimas na conta indecorosa de empecilhos aos deveres da honra e dos apellidos. Por outro lado, os paes de Maria da Nazareth, mercieiros da rua dos Mercadores, entendiam que sua filha, manceba recatada do fidalgo Pamplona, corria parelhas de deshonra com a publica amasia de qualquer mechanico. Portanto, os dois infamados tinham tamsómente o seu amor e o seu filho a sanear e purificar-lhes o opprobrio: isto, da consciencia d'elles para baixo, para a terra: que para cima lá viam Deus.

Supposto que cerrasse ou ouvidos ás invectivas indirectas dos primos, ás severas accusações do pae e ás ameaças ardentes dos padres pregoeiros de irrecusavel inferno para peccadores de tal natureza, Marcos Freire não despresava os dictames da religião de Jesus nem os liames sociaes constituintes e reguladores da familia. Bastava-lhe amar seu filho para aceitar como justo e bom tudo que houvesse de o nobilitar aos olhos do mundo. Bastava-lhe o affecto reconhecido á cega menina, que só a elle o vira á luz do seu amor desinteresseiro, para a miudo pensar na felicidade e obrigação de dar ao seu filho mãe respeitada e defendida das injurias da virtude intolerante.

Se esta esperança lhe ia do coração brilhar nos olhos de Maria, humidados de alegres lagrimas, a maviosa creatura inclinava-os ao rosto do seu Alvaro e não sabia responder com expressão mais commovida. Parecia dizer ao filho: «Teu pae promette dar-te a suprema felicidade. O mundo ainda te hade vêr entre os parentes de teu pae, e ninguem te perguntará com malicioso desdem que nome tive e quem fui.»

Pensava elle n'isto; e ella isto esperava, mas sem anciedade nem receio de perder um bem que pouco viria augmentar a sua felicidade. Os fidalgos parentes de Marcos e os plebeus de Maria, esses é que não scismavam em tão insolito desfecho do drama em si mui trivial. A fuga poucos dias fallada d'uma rapariga popular para os transitorios gosos d'um rapaz de superior linguagem, era caso que podia, quando muito, enterter a palestra das familias illustres, á noite, entre duas chavenas de chá. Em commiserção da mocinha mal-fadada aconteceria dizer uma fidalga velha:

— Pobre rapariga! vae perdida... D'aqui a pouco, se o logista pae a não receber, irá servir, se houver quem a queira; se não...

— Que não fosse tola! — exclamaria uma fidalga donzella e sacudida de gestos e virtudes. — Estas gentilhas do negocio querem sair da fôrma do seu pé... Bem feito! Quem n'as manda olhar para mancebos da qualidade do primo Marcos?

Os velhos e velhas applaudiam estas razões summarias da donzella, provavelmente.

E nunca mais se fallava em casos analogos; até que, no maximo d'elles, um noticiador, entre as duas chavenas de chá, diria:

— Pedro ou Sancho deixou a filha do alfaiate e deu aposentadoria á filha do marceneiro. Está um estroina da primeira ordem, o maganão!

Riso breve e silencio por causa das meninas solteiras que se arredavam a cochichar e a casquinar com tamanha innocencia que dispensava o rubor.

No caso de Marcos Freire andavam os animos menos descuriosos. A demora no escandaloso enlace ia sendo já extraordinaria. Tres annos e um filho! E, n'esse decorrer de tres annos, Marcos não se deixára levar a bailes, raro apparecia em theatros, e nunca em natalicios de parentes se apresentára com a costumada pontualidade e esmero de sua educação palaciana. Sobrevinham as reflexões tendentes a futurar a possibilidade de um enorme vilipendio.

— Casarem-se?! — interrogava irado Christovão Freire, pae de Marcos. — Meu filho casado com a filha de Thomé Tamanqueiro!... Nem me digam que o sonharam!... Saibam que eu dei a vida a Marcos. Não lh'a dei com a condição de me affrontar e matar a golpes de deshonra. Dei-lhe a vida... Sou tambem capaz de lhe dar a morte!

Dizia-o por feição que parecia sentil-o, sendo elle a melhor alma do mundo e o mais estremecido pae.

— Não se cancem a forjar tamanhos e tão aviltantes disparates! — atalhava um desembargador, parente e oraculo das onze familias hierarchicas do Porto. — A amizade que liga, ha cinco annos, Marcos Freire com sua prima D. Lucia Peixoto, authorisa-nos a esperar que tão absurdo casamento se não faça.

— Não estou com vossa senhoria — retorquiu o major de cavallaria José Osorio do Amaral. — A

amizade de Marcos a sua prima Peixoto não passa de amizade pura e honradissima. Além d'isso, é notorio que o irmão a destina para freira bernarda, e n'esse intento, lhe tem desfeito quantos projectos de casamento se lhe offerecem, muito de industria para que ella não levante os grandes prazos que lhe deixou a tia e a terça que lhe doou a mãe; o que redundaria em desfalque de ametade da casa, que Simão Salazar Peixoto se affez a considerar sua exclusiva de partilhas e demandas.

— Mas eu — replicou o desembargador — sei de certeza que a senhora D. Lucia não quer ser freira.

— Pouco monta o querer — voltou o militar. — Tambem eu sei isso e todos o sabemos. Chora que é dôr grande do coração ouvi-la; e quem lhe tem visto correr mais lagrimas é o seu amigo de infancia: é Marcos Freire. Ora aqui tem qual amizade os prende: é a confidencia dos desgostos, é o meigo termo com que elle cura de consolar a prima, dando-lhe esperanças de dissuadir o irmão do sacrilego captiveiro a que a condemna, movido por baixissimos motivos. Como querem antever o casamento de Marcos com sua prima? — Continuou o informador. — Uma novidade lhes vou dar que será bastante a despersuadir o senhor desembargador. Marcos tem um filho, e a madrinha d'esse menino é D. Lucia Peixoto.

— Pois ella desceu a isso?! — exclamou Christovão Freire. — Minha sobrinha comadre da filha de Thomé Tamanqueiro!

— E madrinha d'um neto do meu nobre parente Christovão Freire — disse serenamente o militar que illucidava a questão e era o padrinho do filho de Marcos.

— O quê?! — bramiu o velho fidalgo, quanto a colera o deixava gaguejar. — Meu neto! Arreda canalha cá do meu sangue! Para ter netos mister seria que eu tivesse filhos! Filho nenhum tenho. Esse que me chama pae, maldito seja! a quem d'elle como tal ousar fallar-me, não cuide que setenta annos me pesam sobre o braço que ainda póde levantar-se á altura da cara dos insultadores.

Dito isto, retirou-se resfolegando a fumaça do incendio interior. O major sorriu com applauso dos circumstantes e disse:

— Este pobre pae chega a casa. Pergunta se o filho já entrou. Se lhe dizem que não, espera-o até á madrugada, e, depois que o vê entrar, deita-se. Marcos tem grandes despezas, porque o ninho campestre da sua Eva é o éden do Candal. Estive lá hontem e fiquei encantado d'aquillo tudo que me parecia um milagre do amor. As acacias vestem as estatuas de festões e os passarinhos cantam cá fóra as delicias que lá vão dentro.

As velhas, que escutavam isto, lançaram de esconso os olhos ás novas, e, como as não vissem es-carlates, attribuiram a illusão de optica esta falta que, a ser verdadeira, poria em hypothese o pudor das môças.

Osorio do Amaral continuou:

— Fallei das delicias da arte e da natureza do Candal para explicar as despezas de Marcos e vir ao ponto de dizer que o pae lhe dá sobejos recursos para tudo, sem lhe serem pedidos, nem pedida a conta de tão avultado desembolso. Tal pae não mata o filho nem levanta o braço para repellir a injuria de lhe chamarem avô do neto de Thomé Tamanqueiro. Digo mais: não me heide maravilhar

se ainda vir Christovão Freire de braço dado com sua nora a senhora D. Maria de Nazareth Freire Pamplona, etc.

— *Credo!* exclamaram as damas com despavoridos gestos e caretas.

— *Credo!* tambem eu digo — tornou o major. — Porque eu tambem creio em Deus Padre Todo Poderoso ; e creio, senão tanto, alguma coisa no deus tambem todo poderoso chamado *amor*...

— Se casar com ella, rompe com toda a sua parentella ! clamou uma fidalga de annos e authoridade solemnizada pelo assobio do simonte com que trauteou a exclamação.

— Minha prima e senhora —olveu o militar — se Marcos romper com toda a sua parentella, creia vossa senhoria que um homem que tem uma esposa e um filho não precisa de mais parentes.

O espadachim

Ay amada, que de pesares me estas, y que infeliz ha sido mi fortuna!

FRANCISCO DE LAS CUEBAS.—*Hipolito y Aminta.*

Informára veridicamente José Osorio; faltou-lhe, porém, acrescentar que D. Lucia Peixoto, depois de ter amado com impetuoso coração seu primo Marcos, se habituára á tortura de o estimar, apurando-se na sanctidade da abnegação até ao lanço de ir, a occultas de sua familia, baptisar-lhe o filho e dizer palavras affectuosas á mãe de seu afilhado.

Marcos Freire dava-lhe a paga que as almas ardentes despresam e consideram injuriosa: amizade de irmão, se alguma vez irmãos se quizerem tanto como aquelles dois. Que a piedade era grande parte no affecto de Marcos á mulher, que tantas vezes se lhe denunciára com silencio e lagrimas, é bem de vêr; mas tão natural e entranhado estava n'elle o

geito de lhe bem querer, e estremecêl-a com cuidados de muita amizade que nunca lhe deu modo de ella se vêr aviltada pela compaixão. Discretamente se esforçava o moço por que Lucia jámais desconfiasse que elle souberá quanto foi amado e que amantissimo coração despresou e crucificou para sempre. Sabia elle que sua prima era sancta; mas entendeu judiciosamente que as sanctas e martyres do amor, até á hora suprema de se evolarem puros espiritos á união angelica, conservam na sua compleição, tanto ou quanto feminil, a fibra sensibilissima do amor proprio.

Seria plausivel e usual que D. Lucia Peixoto, fraudada no seu amor unico, e irreparavelmente desenganada, não sómente acceitasse mas até elegeisse o destino do mosteiro e as nupcias com o celestial esposo. A repugnancia que lhe fazia o convento fôra propria da donzella captiva do amor profano; despersuadida, porém, do seu intento e carecida de silencio e reclusão para carpir se, que lhe faria a ella a vida das salas? que esperava? que prazer lhe ía no encontro de um homem que lhe referia as galantes meninices do seu filhinho?

Pois não: convento é que ella detestava, com resalva dos seus sentimentos religiosos em que Lucia era mais afervorada e menos hypocrita que as damas da sua prosapia.

Cuidar-se-ia que a esvelta irmã de Simão Peixoto queria, fóra do sepulcro monastico, esperar a resurreição de sua alma para amores melhormente prosperados? Seria isto um calumniarem-na. Lucia abominava o mosteiro por amor... diremos *amor*? seja, emquanto nos não lembra, se a ha, palavra que diga o sentir menos de divino e mais de huma-

no — por amor de Marcos é que ella repellia o convento. Se a mandavam para Lorvão, onde suas irmãs estavam contentíssimas e pelos modos namoradas do ideal divino lá dentro e do ideal objectivo fóra das grades, Lucia razoavelmente cuidava que raras vezes veria seu primo. Se lhe indicassem convento no Porto, póde ser que ella, esperançada em repartir-se entre as psalmodias do côro e as innocentes palestras no locotorio, deferisse á cupidez do irmão. E, principalmente, se Marcos Freire lhe pautasse que fosse freira, sel-o-ia; porque ella, doida ou divina, matar-se-ia, se scismasse que sua vida agorentava o contentamento de Marcos. Deus abençõe, e respeite o mundo as mulheres que entendem aquella!

Simão Salazar Peixoto, irmão de Lucia, aborrecia Marcos desde que suspeitou inclinar-se-lhe e irmã. Desfez-se-lhe a repugnancia, logo que se divulgou o rapto da galantinha môça da rua dos Mercadores, por quem os peralvilhos da cidade se não corriam de andar rivalisando, e elle tambem, na escorregadia alfurja que ainda se gosa d'aquelle soberbo nome.

Bem que a estima reciproca dos dois suspeitos namorados continuasse depois do rapto, Simão dava-se pouco d'isso. Casamento é que elle impugnaría a todo transe. Intimidades de primos, tirante o escandalo, não lhe faziam rebate nos brios nem ameaçavam os bens. Se lhe dessem, todavia, a optar entre sua irmã dama, no sentido ruim e antigo da palavra, ou esposa de Marcos Freire, tenho para mim que, sem escolher expressamente, Simão Peixoto fecharia olhos, ouvidos e razão ao primeiro caso e levaria da espada para impedir o outro.

E já que se fallou em espada, é de saber que Si-

mão, alferes de cavallaria retirado do serviço, depois de haver acutilhado um ou mais camaradas, gozava fama de mestraço esgrimidor d'armas brancas. Vaidoso d'este renome, jactanciava-se de proezas feitas e desafiava conflictos em que as victimas saíssem bem capacitadas e experimentadas da sua destreza. Os fidalgos portuenses temiam-o e arredavam-se, a horas mortas, das ruas por onde elle, arrastando a espada, passeasse os seus amores que eram um em cada rua.

Um ou dois homens sómente lhe tinham sustentado a competencia em taes conquistas. Um tinha sido Marcos Pamplona com a formosa filha de Thomé Tamanqueiro; o outro, de quem elle parecia respeitar a indole e o ferro, era o major José Osorio do Amaral, o padrinho do filho de Marcos.

O medo, que incutia, afastava da irmã os pretendentes. Ella propriamente lhe temia os impetos, quando ousava declarar-lhe que só de rojo pelos cabellos a levariam á clausura. Asseverava-lhe Lucia que não casaria nem seria freira, cuidando que assim lhe lisongeava a esperanza de lhe não restituir o dote.

Sem embargo, Simão Salazar insistia no seu designio, posta a mira em casar com uma herdeira abastada cujo pae lh'a dava, tirando a partido que a casa se não dividisse. Urgia, pois, que Lucia, professando, renunciasse aos bens patrimoniaes e aos prazos herdados de sua tia.

Do violento assedio em que o irmão a tinha se queixou D. Lucia ao primo Marcos, captando-lhe a compaixão e patrocínio que todos os parentes lhe esquivavam. Pamplona, bem que duvidasse da efficacia de sua intercessão em negocios tão domesticos

e momentosos para o ambicioso Peixoto, prometeu esforçar-se para o demover.

A menságem era tão nobre quanto arriscada, sabida a condição irritavel de Simão Salazar. Não obstante Marcos foi direito á questão, disposto a sustentar em juizo a justiça com que a opprimida menina impugnava a violencia do usurpador da sua liberdade e bens de fortuna.

O irmão de Lucia, apenas entendeu o proposito do primo, atalhou-o admoestando-o a que não se intromettesse em vidas alheias. Marcos, insensivel ao modo grosseiro da intimativa, replicou-lhe com serenidade :

— Não venho pedir-te conselhos, primo Peixoto. Já me aconselhei com quem cumpria... Tua irmã está defendida por braço mais inquebrantavel que o meu: é o braço da lei que te não permite dispor a teu grado da vontade d'ella.

— Bem se me dá a mim de leis! — exclamou Simão.—Mandem-me cá os officiaes da justiça que eu lhes imporei a lei por que me costume regular...

— Não te regulas bem n'este caso, primo — redarguiu Marcos Freire.

— Sabes tu que mais? — volveu Simão já enfiado. — Deixa-me em paz e vae cuidar no que te importa. Não me venhas dar lições de moral. Aprende-as tu, que bem precisas te são.

— N'esta materia dispenso-as — retorquiu Pamplo-na.— Eu não cogito em augmentar os meus haveres á custa das lagrimas e encarceramento de ninguem.

— Pois então... — accudiu Simão erguendo-se de golpe com os olhos flammejantes de colera.— Retira-te... e apparece tu e mais a justiça, quando quiserem.

— Eu costume andar só...— tornou o defensor de Lucia.

— Vens provocar-me?! — accudiu, sorrindo com entono de comiserção o outro.

Marcos, sorrindo tambem, respondeu:

— Não vim a provocar-te senão sentimentos de homem de bem. Se me respondes com sentimentos da bravura, que eu não te nego nem receio, dispenso-me de ser tão selvagem como tu. Retiro-me conforme as tuas ordens, declarando-te que protejo minha prima a senhora D. Lucia, como seu pae, se vivesse, a protegeria.

— Pois protege... — concluiu Simão, esfregando uma das mãos na palma da outra, assim com ar de pimpão de arraial que se aquece para o pugilato.

Presagios em coração de pae

... yo no me admiro, porque entiendo
 Quanto el amor en los mortales puede
 Con sangre, estrella, inclinacion y tracto.

CESPEDES Y MENESSES — *Poema tragico.*

Marcos Freire, horas depois, pensava no dialogo desabrido que tivera com o irmão de Lucia.

Afagava sobre os joelhos o filho. E Maria de Nazareth, ajoelhada aos pés d'elle, perguntava-lhe o que tinha, que ar desacostumado de tristeza era o seu.

Não se afizera o fidalgo a ser expansivo com Maria, As duas almas distanciavam-se tanto quanto os corações se identificavam. Não basta um forte e sincero affecto para nivelar egualdades de espiritos. A filha do merceeiro, bem que amantissima, carecia do lustre e polimento intellectual em que o seu amado espelhasse imagens e idéas de esphera superior ao tracto commum. Póde ser que o amor a subtilisasse e alumiasse para tudo entender; Marcos, porém, não a julgaria capaz de satisfazer a to-

das as caprichosas necessidades da sua alma estreme do vulgar.

Como quer que fosse, Maria teimava em interrogar o com brandura e já com lagrimas. Não tinha outros recursos a eloquencia da sentida môça; mas aquelles bastaram para que o pae de Alvaro, acariciando-a, lhe dissesse :

— Socega, Maria. Estou pensando em nossa comadre que o irmão quer á força fazer freira. Não sei como hei de remediar isto...

— Veja lá, senhor Marcos! — acudiu ella assustada. — O senhor Simão é muito máo... Olhe que não vá elle matal-o...

N'outra occasião, Marcos rir-se-ia; mas, ao tempo d'aquellas palavras, a creancinha recurvara-lhe os braços em volta do pescoço, e com muita meiguice lhe inclinara a loira cabeça sobre a espadua.

— Olhe o pequenito que parece entender-me! — clamou a mãe alvorotada.

— Ora!... tens coizas!... — disse Marcos forcejando em repellir uns assaltos de preconceito e talvez presagios supersticiosos que o sobreagitavam. — Alvaro não faz isto tantas vezes?! Que tem que me abrace?...

E, voltando á creança, perguntou-lhe :

— Que tens, filhinho? Estás triste?

Estas perguntas a um menino de dois annos e meio já denotavam fraqueza ou turvação do animo do pae.

Estava verdadeiramente commovido. Os sustos de Maria quadravam ao secreto pensar d'elle: d'ahi o abalo, o tremor involuntario, a vehemencia amorosa com que beijou o filho, e quem sabe se o pensamento de o deixar, de succumbir na guerra de-

clarada a um adversario destemido e incapaz de perder o lanço da vingança !...

Maria, pallida de susto, continuou :

— Tenho muito pena de minha comadre ; mas... Deus se compadeça d'ella !... Que hade fazer o senhor Marcos ?... Ella que lhe pediu ?!...

— Nada, Maria... Não me pediu nada... E' preciso que alguém a defenda do irmão. Devo-lhe grandes obrigações ; e a maior foi calcar todos os perigos e ir á igreja baptisar o nosso filho. .

— Coitadinha ! — atalhou Maria. — Já me disse muitas vezes que tudo o que ella tem havia de ser para o seu afillhado...

— Não é isso o que me obriga a protegêl-a. Está desamparada : é o bastante.

— E como hade ser ? — tornou ella. — O senhor vae tiral-a de casa ?... Mas o irmão que é tão má creatura !... Ouvi dizer que elle matava homens quando era da tropa... Nossa Senhora me accuda !...

Marcos Freire, impacientado com a repetição da sinistra idéa, passou o filho aos braços da mãe e saiu como corrido de si mesmo. Espantava-o o sentimento da sua pusilanimidade.

— Isto é covardia ! — disse elle de si comsigo. — Nunca experimentei esta inquietação dolorosa... Já mais de tres vezes Simão me faz ameaças e eu desejei occasião de me bater com elle. Já por causa de Maria o vi arrancar da espada ; e esperei-o com a minha e com a certeza de o repellir. Que pavor é este que me acovarda hoje ?

Relampejou-lhe no peito a imagem do filho e para logo lhe assomaram as lagrimas.

— Então... — continuou elle na sua meditação

—é então certo quê tu, filho da minha alma, todo o coração, toda a vida e toda a dignidade de homem me tiras!... Não pôde ser isto assim... E' uma fraqueza bem disfarçada em amor paternal... é; mas eu não quero sacrificar me tanto. Se eu tenho de acabar n'um combate honrado e generoso, deixar-te-hei, meu filho, um bom exemplo. De deshonor e baixeza d'alma é que tu não hades herdar memorias de teu pae. Quantos levam ás batalhas da patria, onde os arrasta o dever, a imagem de muitos filhos que não hão de ver mais!... Que desculpa pôde ter o fraco que, por amor d'um filho, resiste aos impulsos pessoaes da sua honra, de seus proprios brios?... Mas... — tornava elle sobre si como repulsando a pertinaz idéa da morte — que estou eu a imaginar combates e luctas corpo a corpo! Este pleito vou entregal-o á justiça. Minha prima não hade querer de mim senão o auxilio que lhe deve um amigo... Simão, envergonhado da sna fome de ouro, hade ceder sem que a demanda o force nos tribunaes a desistir do projectado roubo. — E, cogitando n'este rumo, pouco e pouco restaurou o socego e voltou risonho a buscar o seu Alvarô. Encontrou-o nos braços da mãe, ajoelhada diante da imagem da Virgem, á qual tinha accendido duas vélas de cêra.

Marcos poz os olhos na imagem e d'ella desceu os ao rosto da creança, que lhe estendia os braços.

Maria de Nazareth continuou orando.

D'ahi a pouco espaço, recebeu Marcos Freire uma carta. Leu-a e disse alto :

— Era de esperar.

Maria sobresaltada perguntou de quem era a carta.

— E' de minha prima. Diz mē que o irmão prohibira a minha entrada em sua casa, ordenando-o primeiro a ella e depois ao guarda-portão. Está afflictissima a desgraçada menina. Receia não ter d'aqui a pouco um servo por quem possa escrever-me a contar me os passos do seu martyrio. Diz-me que entregue a sua sorte á justiça a vêr se Deus a livra do algoz. Roga me que não tenha desavenças pessoaes com elle, e... não diz mais nada.

Aquellas reticencias escondiam de Maria o mais grave da carta. Lucia accrescentava em *P. S.* :

«Desci ha pouco aos aposentos de Simão, porque
«o ouvi fallar alto. Estava dizendo aos primos Coe-
«lhos que este negocio da minha profissão talvez te
«custasse a vida. Assim que ouvi isto, vim abrir
«esta carta para te dizer que estou resolvida a entrar
«no convento, logo que meu irmão queira. Agora
«te peço, meu querido primo, que não dês um pas-
«so a tal respeito, e creias que só estarei descança-
«da quando me vir na clausura e souber que meu
«irmão está contente com a sua victoria. E, a fal-
«lar a verdade, estar livre de que me serve? Lá
«morrerei mais depressa; e então descançarei, e vi-
«verei na tua lembrança...»

Marcos Freire, sem detença nem hesitação, respondeu a sua prima em breves palavras que diziam assim :

«Não serás freira violentada ou eu não serei ho-
«mem. As tuas reflexões ultimas são dignas de ti e
«indignas de mim. Tem animo. Ha uma só cousa
«que me intimida n'este mundo: é a deshonra. Te-
«mer teu irmão é a maior de quantas me tornariam
«a vida empeçonhada de opprobrio. Espera o re-
«sultado das diligencias que vou fazer.»

Saiu do Candal para o Porto. O primeiro amigo de Marcos Pamplona era o major de cavallaria José Osorio do Amaral, o padrinho de Alvaro. Procurou-o e mostrou-lhe a carta de Lucia Peixoto como seguimento dos factos da vespera já referidos ao seu amigo.

José Osorio, homem de quarenta e oito annos, amadurecido de travessuras e valentias que lhe haviam dado renome, meditou pausadamente e disse :

— Primo Marcos, ahi vae um parecer...

— Vaes dizer-me que desista de patrocinar a prima Lucia? — accudiu o outro.

— Vou.

— Não esperava isso... de ti, Osorio ! homem de bem, mestre de cavalleiros e typo da dignidade !...

— Obrigado pelos elogios ; mas deixa-me acabar o recado, menino — tornou de bom humor o major.

— Vossê vae desistir do patrono de sua prima e trespassa-me a procuração que recebeu d'ella. Eu é que vou correr com esta demanda por muitas razões. Primeira, porque não tenho que fazer nas horas vagas do serviço. Segunda, porque me quero divertir. Terceira, porque nunca fiz acção boa na minha vida e não deixo fugir esta occasião. Quarta, porque tu me ehamaste mestre de cavalleiros, e eu o que até aqui tenho sido é mestre de infames, e não quero perder a opportunidade de ensinar o mais villanaz de quantos conheci. Quinta...

— Basta ! — interrompeu Marcos. — Não admito nenhuma das razões. A sorte de minha prima confiada aos teus cuidados e energia de certo sairá melhor prosperada ; comtudo, eu não me posso desembaraçar com honra do encargo a que me offereci. O miseravel cuidaria que eu te deleguei cobardemente os perigos da lucta.

— Vamos entrar em termos de conciliação — replicou o major torcendo as guias do bigode grisalho. — Se o pleito chegar a termos em que seja necessario dar provas de coragem, serás tu o primeiro a dal-as. Eu figuro n'esta demanda como procurador pacifico e tu como procurador guerreiro. Convém? estamos ajustados?

— Não entendo bem a distincção — observou Marcos.

— Pois eu expliquei-me bem claro. Se Simão Peixoto quizer provar a sua justiça com as armas, dou-te a primazia no combate. E enquanto elle quizer a batalha no campo da lei, sou eu o agente dos negocios de nossa prima Lucia. Isto é rasoavel e irrefutavel.

— Acceito — disse Marcos.

— Agora conversemos e planeemos a batalha pacifica. Tens confiança nas tias Lemes como depositarias de Lucia?

— Tenho.

— O meu primeiro passo, salvo melhor juizo, é requerer que Lucia seja removida da casa do irmão onde se acha em carcere privado e incommunicavel. Não sei de justiças nada: farei o que me disser meu irmão desembargador; mas isto é tão curial e racional que é impossivel não ser o melhor conselho do melhor letrado. Esta carta de Lucia é bastante a documentar o requerimento. Se o regedor ou quem diabo é não despachar favoravelmente, corto-lhe a mão. Estás comigo?

— Estou: o primeiro passo creio que deve ser esse. Depois...

— Depois veremos. Tua prima é já maior de vinte e cinco annos, segundo cuido.

— E'.

— Melhor. Entra na posse da sua legitima paterna, e acabou-se a pendencia, ou eu sou tão alarvajado como o irmão é patife.

— E, se Simão sair a pedir-te contas?

— Mando-o para ti; é negocio contractado; porém, se elle teimar em pedir-m'as a mim, que remedio terei eu se não liquidal-as, menino? Desconfio, porém, que o mestre de espada não se dá bem com discipulos de bigode branco. Sabes que elle cortou uma orelha a um cadête do regimento de Bragança e dois dedos a um tenente de dragões de Chaves?

— Sei.

— Já te contei que eu era capitão da companhia em que elle primeiro serviu e que, apesar das grandes protecções que o arrancaram ás mãos da justiça, o fiz passar pelo vexame de ir pedir perdão aos offendidos? Duas vezes me disse elle, ao sair do regimento: «Nós nos veremos, sôr capitão». Temo-nos visto duzentas vezes, e já nos encontrámos, com vergonha dos meus cabellos brancos o digo, debaixo da janella da prima Coutinho; e, como fosse necessario sair d'alli um dos dois, visto que a prima costumava namorar quatro, mas a diferentes horas, quem saiu foi elle, fazendo bem notoria a sua retirada com o tilintar da espada nas lages da rua. Desde este caso fiquei entendendo que Simão Peixoto ou me respeita ou tem compaixão dos meus quarenta e oito annos. Seja o que fôr, insisto em conjecturar que dom Roldão não me pedirá contas a mim. Por esse lado, socega, menino... E adeus, que vou d'aqui a casa de meu irmão desembargador. Dá um beijo no meu Alvaro.

Fidalgo pundonor

...Dizendo aos contrarios se retirassem
se morrer não pretendiam.

P. MATH. RIBEIRO — *Alivio de tristes e con-
solação de queixosos.*

Simão Peixoto, fiado na aurea pavorosa do seu nome, curou de mandar adeante da questão judicial o terror da sua pessoa.

Procurou o pae de Marços; e, queixando-se da immoral intervenção do filho nos negocios de sua familia, lhe dava a escolher uma de duas: ou desviar o filho do seu petulante proposito ou sujeitar-se á muito provavel contingencia de o perder.

Bem que assustado e extremoso pae, Christovão Freire irou-se contra o ameaçador e obedeceu a impulsos da juventude, exclamando:

— Villão! Vens dizer a um velho que lhe matas o filho! E podes tu dizêl-o a um primo de teu pae!... a Christovão Freire!... E quem te disse a ti que eu

perdi a força do braço e te não posso afogar entre estas mãos?... Se meu filho fosse um covarde e se deixasse offender de ti, matal-o-ia a elle primeiro e a ti depois, ladrador importuno, perro desaçamado que andas aqui sempre a mostrar os dentes a todos! Vae-te de minha casa, que sujas estas tabuas! Vae roubar tua irmã; mas não venhas como salteador de estrada espavorir as aldeias visinhas das encruzilhadas para mais a seguro roubar os passageiros... Vae-te, canalha!

O velho tremia desde as pontas dos cabellos e chorava de raiva. Simão, ao retirar-sé disse:

— Vossa senhoria é um velho... Alguem me dará contas d'esse insulto.

— Pede-as aos meus lacaios patife!—bramiu o pae de Marcos.

Christovão fez procurar o filho e interrogou-o severamente sobre os motivos da queixa de Simão. Referiu Marcos os successos. O pae, abafando o applauso á generosidade briosa do moço, ordenou-lhe que, se não fizesse procurador de negocios alheios. Explicou Marcos a parte essencial que José Osorio escolhêra na defeza da desamparada menina, reservando-se elle para o incidente possivel, mas não provavel, de virem ao desafogo das armas.

O velho jubilou secretamente com o pundonor do filho; todavia, bradou:

— Não quero desordens, Marcos!... Salvo, o caso em que elle te insulte. Olha que és Freire de Andrade...

— Sou homem — disse serenamente o filho.

— Mas não o provoques, mando eu! Aquillo é um tigre. Tem costella d'uns avós, cujas manhas eu te mostrarei nos livros genealogicos do primo

Alão de Moraes. ¹ E' um facinora! Ainda não to-
pou com o seu homem... mas, olha bem, Marcos!
não quero que te entre na cabeça a basofia de o
ensinar. Não se perca um rapaz da tua condição
por causa de tal féra. Deixa-o lá até que lhe saia
um inimigo do seu lote. Quanto a Lucia, approvo
que as leis a defendam; mas acho desnecessario
que figures n'isso. O José Osorio é bom para o
effeito. Esse não teme o Simão...

— Nem eu! — atalhou resentido o filho.

— Bem sei que nem tu, rapaz: mas sejamos cor-
datos... Tu pouco sabes de armas, e Osorio joga-as
todas, como professor, e em Lisboa acutilou Theo-
tonio Rodrigues, o mais destro esgrimidor do seu
tempo. ² Simão não lhe arreganha o dente; que
sabe com que casta de homem as hade haver...

— Parece que meu pae — interrompeu Marcos
— está aconselhando a prudencia a um filho inhabil
no jogo das armas... De sorte que a ignorancia
me põe na mesma linha dos covardes...

— Não! — bradou Christovão Freire. — Não digo
tal... e não me estejas a cotar as palavras. Con-

¹ Estes livros genealogicos de Alão de Moraes estão es-
criptos desde o principio do seculo xviii. Encerram os crimes
e vilipendios das familias mais levantadas e mais convisinhas
do diluvio e aparentadas com os Arcades que se dizem mais
antigos que a lua. Antonio C. de Sousa, na *Hist. genealog.*
da c. real aproveitou d'aquelle ms. as lisonjas e occultou as
curiosidades affrontosas. Regeitou o melhor e mais util.

² Theotonio Rodrigues de Carvalho, fidalgo da c. r. e te-
nente de infantaria, publicou em prova da sua mestria, no
principio d'este seculo, um *Tractado completo do jogo de*
florete. Chama elle ao jogo das armas a *mais brilhante das*
artes.

tra um mestre na espada ou no florete inventou-se a arma dos ignorantes que é uma boa pistola. A coragem está no animo ; não a dá a arte. Prohibo que em defeza d'uma injuria te fiques ; mas o que eu desejo e mando é que não dês motivo á injuria e hajas de ser assassino para ficar honrado. Entendeste-me agora ? Esta é que é a lei porque sempre se governaram os Freires de Andrade : evitar inimigos com proceder honrado e acabar com elles quando a injustiça lh'os arremessa. Quem isto não fizer, usurpa dois dos melhores opellidos de Portugal. Entendes bem a minha idéa ?

— Sim, meu pae.

— Outra materia, já que estamos conversando sobre o que cada homem bem nascido deve ás tradições de seus antepassados. Eu, bem sabes, não tenho feito grande caso da tua ligação com essa moça que tens no Candal. Algum tempo cuidei que esse divertimento era uma rapaziada nem louvavel nem muito reprehensivel. Vi que levavas d'esta casa dinheiro em grandes quantias e nuuca te fui á mão. Soube que em nome da rapariga compraste uma casa e pomar no Candal e não t'ó reprehendi. Sei que fundes muito cabedal em aformosear a tal casa e não te censuro. Tens muito ; eu não o levo para a cova ; gasta que do teu gastas, e por emquanto não damnificas a decencia do teu futuro. Mas o que sobremodo me afflige é dizerem-me que ainda póde ser te vejamos casado com essa rapariga !... Marcos ! — continuou o velho com solem-nidade — um favor te peço, um favor te pede teu pae, e comigo t'ó pedem teus avós. Não me expohnhas ao desgosto de ser o legitimo avô de um neto de Thomé Tamanqueiro !

Marcos estremeceu e logo os olhos se lhe encheram de lagrimas.

Doêra-lhe profundamente o desprezo assim brutal atirado á innocente criancinha. N'aquelle instante não viu a mãe nem os avós do menino: viu seu filho, o anjo loiro, com a graça do céu nos olhos e o sorrir dos queridos de Jesus na boca. Viu o seu filho, sentiu-o mais estremecido no seio, chorava de compaixão d'elle; e quizera, n'aquella hora, que as suas lagrimas banhassem o rosto do pequenino. Nunca tamanhas saudades do filho sentira apertarem-lhe o coração!

E, n'este doloroso alheamento, não respondia ao velho; antes, silencioso e commovido, parecia confessar ao pae a sua ingentissima perversidade de o fazer legitimo avô do neto de Thomé Tamanqueiro.

— Não respondes? — rompeu Christovão o silencio com desabridos gritos. — Então? é certo o que por ahi corre? Vaes casar com essa mulher? Estou deshonrado!... Matam-me!... O' filho!...

— Meu pae! — atalhou Marcos mansamente. — Eu não caso, nem tenciono casar com a mãe de meu filho.

— Ah! — respirou Christovão Freire. — Por que me não disseste isso logo?

— Não pude. Toda a minha alma estava cheia de dó e ternura da creança que eu amo muito. Aquelle pequenino no seu berço, sem culpa de ter nascido, sem saber que o mercieiro é seu avô, parece-me um ente sagrado e defendido pelos anjos de Deus. Se meu pae se lembrasse do amor que me tinha quando eu era como elle... Da meiguice com que eu lhe beijava nos labios as palavras carinhosas... Nunca se ajoelhou ao pé do meu berço, pedindo a

Deus que me deixasse viver, e pensando um instante na irremediavel dôr de me perder? Meu pae decerto não via então em mim o neto dos Freires e dos Pamplonas: via um filho, sentia a sua alma toda n'um pequenissimo corpo, uma existencia sem individualidade humana, mais do céu que d'este mundo, sem mais genealogias que o ter-lhe nascido no coração e parecer-lhe ser divina a ascendencia do pequenino anjo. Eu tambem ao pé do berço do meu filho, não sei não penso que sangue lhe gira nas arterias. O meu sei eu que todo vive n'elle, e comprehendo bem como é o repentino morrer d'um pae quando a vida parou nas veias do seu filho... Não respondi logo porque me abafaram os seus brados sem razão nem piedade, meu pae. E agora lhe peço eu não já favor mas esmola, e de mãos postas o faço: se não póde afeiçoar-se a meu filho, não o desestime com palavras que todas me trespassam a mim, porque a innocencia d'elle é inviolavel.

— Está bom! — disse o velho commovido — está bom... Eu não sabia que tinhas tão entranhado o amor paternal. Não é esse o costume na tua idade. Eu já tinha os meus trinta e oito annos quando nasceste. As contas com a vida de rapaz estavam saldadas. Voltei-me para Deus, para a vida de esposo e pae. Tens vinte e oito annos; é extraordinario esse teu prendimento; mas... bom é que te não esqueças do que deves a teu pae por amor do filho. Deus faça tudo para bem de todos e vae á tua vida com a minha benção...

Marcos beijou a mão do velho e ia retirar-se com os olhos da alma postos no seu Alvaro, quando o pae o chamou com branda voz e lhe disse:

— Lembra-te sempre do teu filho quando sobrevierem os conflictos possiveis de entrares em lucta com Simão Peixoto. Parece-me que te devias arredar d'essa familia... Não agouro bem do máo caminho que vae ter a peleja dos dois irmãos. Se Lucia não te serve para esposa, que te faz que seja freira ou mulher de outrem?

— Nada. Seja ella o que quizer — disse Marcos — mas não seja preza em ferros de toda a vida para ser roubadada. Haja alguem que a proteja com mais direito do que eu: retirar-me-hei. Meu filho não póde empecer-me o caminho do dever: o que póde e hade conseguir é afugentar-me do mundo para ermos bem sósinhos onde me não chegue a noticia de homens deshonorados como Simão Peixoto e de senhoras desventuradas como minha prima.

Um solicitador de causas formidavel

El perro va cobrando miedo á quien solia
hacer fiestas.

FRANCISCO SANTOS—*Dia y noche de Madrid.*

O expeditissimo Osorio acompanhou o corregedor a casa de Simão Salazar. O requerimento despachado e apresentado ao irmão de Lucia levava a assignatura do major de cavallaria. Peixoto leu o papel, encarou entre furioso e risonho com o seu antigo capitão e disse :

— Oulé !... Temos alcayote no caso !... Das devassas velhas sabia eu que era esse o costume : dos velhos, é o primeiro exemplo que tenho...

O major sorriu, voltou-lhe as costas e disse ao corregedor pacificamente :

— Este homem tem tres partes de tolo e uma de infame. Pelo que a mim toca declaro-o irresponsavel das injurias que diz, em vista de serem mais numerosas as tolices.

O corregedor quedou-se carrancudo para ambos; e, sem levantar olhos á face abraseada de Simão, disse-lhe que apresentasse a senhora D. Lucia Peixoto.

A senhora estava precavida.

Foi o irmão chamal-a e disse-lhe de afogadilho :

— Se saes d'esta casa, caia sobre a tua cabeça o sangue de Marcos e do Osorio que elle cá mandou !

Lucia entrou tremente e indecisa.

O escrivão do corregedor leu o requerimento. O magistrado perguntou se era exacto o que ouvira ler. Lucia relançava ao irmão e ao major os olhos. Tartamudava, novamente interrogada. Então José Ororio tirou da algibeira a carta escripta a Marcos e leu as linhas em que ella, temerosa do intento homicida do irmão, pedia ao primo que desistisse de a beneficiar.

Lida a passagem o major continuou :

— Senhor corregedor, estas linhas explicam a hesitação d'esta infeliz senhora. Cuida ella que o primo Marques Freire tem os seus dias contados ; e talvez seja grande parte na sua perplexidade a pena que lhe faz tambem a minha sorte. Será bom que vossa senhoria faça saber a esta menina que ninguem mata homens com a facilidade que se lhe afigura a ella.

— Matar ! — bradou o corregedor, olhando fito no rosto de Peixoto. — Com que então o senhor tem assim uns ares de assassino atterrador ? admiro-me que a justiça lhe tenha deixado desenvolver essa funesta bossa ! Faz-se mister cauterio n'ella... Ora vamos. senhora D. Lucia Peixoto, queira dizer-me...

Simão atalhou o magistrado :

— Advirto o senhor corregedor que cumpra suas obrigações e se abstenha de insultar-me, protegido pela auctoridade e pela velhice.

— E eu faço-lhe saber que o mando conduzir á cadeia por dois quadrilheiros, se vossa mercê ousar ensinar me as minhas obrigações ! — replicou o magistrado offegando.

Simão considerou exequível a ameaça ; todavia sorriu-se e mordeu o beijo inferior. Era uma visagem de tigre espicaçado na gaiola.

— Senhora D. Lucia Peixoto — proseguiu o corregedor — responda affoutamente, que as pessoas suas amigas tem braços proprios e a vara da lei que os defendam. Os assassinos são preza dos carrascos. Nós não estamos na cafraria. Eu faço desde já responsavel o senhor Simão Peixoto das vidas de Marcos Freire e aqui do senhor . . .

— Da minha vida ? — atalhou o major risonhamente. — Peço a vossa senhoria que o descarregue d'essa responsabilidade. Eu cá me responsabiliso pela minha conservação ; e meu primo Marcos Freire, se houver de responder pelo requerimento que eu fiz e assignei, responderá como cavalheiro. Duas palavras mais, se o senhor corregedor me dá licença, e estas necessario é que eu os diga ao senhor Simão Salazar Peixoto : O procurador da senhora D. Lucia sou eu ; o instigador d'este acto sou eu. Quem não consente que esta senhora seja posta entre ferros para renunciar os bens patrimoniaes e aos herdados de sua tia sou eu. O odio do senhor Simão deve apontar-se-me ao peito. Se um falso pundonor lhe impõe vinganças, não vá o senhor exercital-as n'outra pessoa, que dará n'esse passo prova de que é um covarde.

— Eu sei o que heide fazer, disse pausadamente Simão.

— O que o senhor deve fazer—acudiu desabridamente o magistrado — é ser homem de bem e lavar-se da mancha que está pondo no seu nome, arrastado de torpe cobiça de riquezas havidas por tão nefarios meios. Deixe sua irmã gosar em liberdade o que seus paes e parentes lhe deixaram. Contentese com o que tem que lhe abasta á decencia com que seus antepassados viveram. Isto é o que o senhor Simão Peixoto deve fazer. E, se o não fizer, se insultar, se ferir ou desafiar alguém, como costuma, heide eu tomar sobre mim o officio, além do dever, de o perseguir até o enviar para onde foi outro mattamouros chamado tambem Simão, ha treze annos.¹ Estimarei que estas advertencias se não percam, e que o senhor Peixoto muito se convença de que eu posso perdê-lo, aproveitando para a sociedade a amputação de um pessimo membro d'ella.

Simão inclinou a cabeça com ironica reverencia e disse :

— Mercês!

— Olhe que zomba de si, que não de mim. . . — observou o corregedor.

— Decidamos — tornou Simão com energia. — A enfadonha scena vae-se demorando. Se esta senhora tem de sair, peço-lhe por favor que não se detenha. O que n'esta casa está é meu, por isso lhe não digo que vá carregada já com o seu patrimonio. A sua sorte são propriedades, são quintas; vá tomar conta d'ellas. Tenho dito. A missão do senhor corregedor

¹ Veja o romance *Amor de perdição*.

está cumprida. Se não tem outra que me diga respeito, lembro-lhes que estou em minha casa.

— Já vê — disse o magistrado a D. Lucia — que seu irmão nos manda sair. Quer acompanhar-nos, senhora ?

— Sim... eu vou ; mas desejaria que meu irmão me não odiasse nem offendesse alguma pessoa das minhas amigas — balbuciou a senhora, commo-vida.

José Osorio do Amaral fez um gesto de ira e bradou :

— Ora, minha prima e senhora ! empregue melhor o patrocínio da sua compaixão. Aqui ninguém teme o formidável Hercules que a prima implora.

Simão Peixoto olhou de soslaio o major e disse á irmã :

— Não sei se deva odiar se desprezar a mulher que me trouxe a casa estes delicados cavalheiros, e me publicou seu carcereiro e algoz, por intervenção de agentes tão vis como ella. Já lhe disse que não tem nada n'esta casa. Vá-se embora, senhora !

— Tenho os meus bahus — disse ella com energia.

— Leve-os — bradou elle.

— Preciso de dois criados.

— Não os tem Os que servem n'esta casa são meus — tornou Simão.

— Eu vou chamar dois gallegos — disse Osorio caminhando para a porta ; e, parando accrescentou : — bastaria chamar um, se o outro que está aqui dentro quizesse ganhar um patacão.

E, dizendo, fitou Peixoto insultantemente.

Simão só o entendeu, corridos minutos.

Voltou Osorio com os carreteiros. Achou D. Lucia preparada e o corregedor passeando na sala, e

Simão de braços cruzados encostado á hobreira de uma porta.

Saíram sem profêrir palavra. O corregedor despediu-se com uma ligeira cortezia. Simão Peixoto aproximou-se de Osorio e disse :

— Até á vista, major. O gallego, que fica, irá receber as suas ordens.

— Despenso os seus serviços — replicou o outro — sirvo me com gente mais fiel.

Não podia ser mais lancinante a affronta.

O major desceu as escadas dizendo entre si : « Excedi os termos da provocação ; mas não sei outro modo de salvar a vida a Marcos, que infallivelmente será morto por este homem. E' necessario que eu seja o desafiado . . . »

VI

Qual matará primeiro?

Este imigo não era como os passados.

FRANCISCO DE MORAES — *Ch. de Palmeirim.*

D. Lucia entrou lagrimosa em casa das senhoras Lemos.

Eram duas velhas viúvas. D. Eduarda tinha um filho chamado Heitor. Este rapaz era o amor e o tormento da mãe e da tia. Davam-lhe tudo que tinham e elle gastava o que as velhas não tinham. Aqui está a familia.

Heitor da Camara Leme, dois annos antes, ensaiára um cortejo amoroso a sua prima Lucia. Aconselharam-no a isto o deus cego e principalmente o testamento das tias de sua prima. Os bens patrimoniaes de Lucia faziam-na estimavel tanto ou quanto; mas não lhe bastavam a concertar uma casa desmantelada ás garras de onzeneiros. Herdeira, porém, dos prazos da tia, D. Lucia Peixoto deu nos olhos de todos os fidalgos arruinados de entre Douro e Minho.

O insenso de Heitor vaporou despercebido ao

idolo. A menina escassamente o vira baralhado entre as dezenas dos thuribularios. E, se o estremou, foi para o qualificar entre os mais aborrecidos.

Ao avistal-o agora na sala, onde as velhas Lemes a receberam, nem ao menos se recordou de o ter visto apparecer e sumir-se com os seus competidores.

O magistrado disse ás senhoras que a depositada era livre para poder sair, entrar e receber quem lhe aprouvesse, visto que o deposito perdia o character judiciario desde que a senhora D. Lucia fôra tirada da coacção e incommunicabilidade em que o irmão a retinha. Ajuntou que D. Lucia ia tomar posse dos seus haveres e residir separadamente.

As velhas, acariciando a menina, renunciaram n'ella todo o direito de hospedeiras, declarando-se hospedas em casa de sua prima Lucia Peixoto.

Heitor imaginou-se mais ditoso do que merecia a Deus, ao ver tão perto de si a creatura insensivel de outro tempo. Tinha uns ares de tolo innocente a contemplal-a, e dizia pasquacices com presumpção de finezas.

A' saida, notou o major ao magistrado uma cousa bem presagiada :

— O Heitor Leme ficou em extasis : eu vou jurar que é elle o primeiro bode expiatorio sacrificado á vingança de Simão. Vossa senhoria verá que elle apanha bordoadas, se lhe entra nos seus planos de regeneração regenerar a casa com o dote de D. Lucia.

— Está enganado, major, volveu o corregedor.— A primeira victima hade Simão querer que seja...

— Eu ? — atalhou Osorio.

— Vossa senhoria o disse.

— Olhe que não me bacoreja isso, por que sou muito infeliz e contrariado em todos os desejos. O

pundonor de Simão costuma medir-se pela ousadia de quem lh'o affronta. Todavia, póde ser e queira o céo que eu me engane.

Gastou o major a tarde d'este dia a passeiar no *Caes de Massarellas*, local dilecto dos peraltas portuenses n'aquelle tempo. Como ahi o avisassem de que Simão Peixoto passeiava na *Praça nova das Hortas*, Osorio galgou as ingremes escadas da *Esperança* e vingou chegar á *Praça* a tempo que Simão Peixoto ainda o podia reconhecer e atacar. Entreviram-se e perpassaram hombro com hombro.

A' noite, o major encontrou uma carta que resava assim: «Vossa senhoria executou apenas uma ordem. «Foi mandado. Mais vil e digno de castigo é quem «o mandou. Começarei por onde devo começar. Não «se admire da delonga. A sua vez hade chegar. «Julho de 1819.— *S. Peixoto.*»

O major escreveu no inverso do bilhete: «Fico sciente. Eu já o sabia... attencioso covarde.» E devolveu-o aberto a casa de Simão.

Diziam a Peixoto os primos e amigos Coelhos, tendo lido o bilhete:

— Quem tu deves desafiar é o Osorio. Elle é quem te insultou, assignando-se como procurador de tua irmã.

— E' procurador de Marcos, replicou Simão. E um biltre subalterno. Não me fallem á mão em assumptos de cavalheirismo. Sei o que faço. E, se cuidam que temo o major, são vocês indignos da minha amizade.

— Quem imagina isso! — voltou João Coelho. — Sabemos que nenhum homem te ganha em jogo de armas; porém, se algum ha que as possa medir contigo sem desvantagem, é José Osorio.

— Estimo muito — redarguiu Peixoto. — Ainda bem que tenho a certeza de encontrar um homem. Estão tu e teu irmão resolvidos a procurarem Marcos Freire?

— Por em quanto não acceito a mensagem — disse o sensato Egas Coelho. — Convence-me primeiro de que teu primo Freire deva pagar com a vida a injuria que te fez. Depois, sim: estou ás tuas ordens. O que ao presente sei, é que a prima Lucia pediu a Marcos soccorro em uma carta affligidissima que eu vi e tu ouviste ler. Marcos procedeu como tu e nós procederíamos. Delegou n'um agente os actos judiciarios, e n'um agente já de annos adiantados, a fim de cortar suspeitas deshonestas. Osorio é quem se apresenta, quem te injuria e desasombradamente se offerece á vingança e te provoca. Se me mandas desafiar José Osorio, seja quando quizeres. Se me envias a Marcos, digo-te que ainda é cedo. No correr d'esta pendencia, talvez teu primo se torne digno de odio; quando isso vier, lá iremos. O meu parecer, Simão, é que esperes. Quando o desafiares seja em tempo e por motivos que o mundo te absolva. Actualmente ninguem é por ti. Se morreres no combate, folgarão todos; se Matares Marcos, serás execrado de todos.

— Que me faz a mim a opinião publica? retorquiu Simão.

— E a consciencia? — tornou Egas Coelho. — Em verdade a consciencia perdôa-te a morte de Marcos Freire? Deshonrou elle a tua familia? Deu motivo

ás insidias da calúnia? Não vinha elle a tua casa todos os dias? Quem se lembrou de desacreditar tua irmã, vituperando a leal amizade que Marcos lhe dá desde os primeiros annos de sua juventude?

— De maneira que o defendes! — atalhou Simão.

— Para te accusar de injusto — accedeu prompta e gravemente Egas Coelho. — Injusto és. Serias menos repentista nos teus odios e vinganças, se confiasse menos na dexteridade da espada e na pontaria da pistola. A bravura irracional é a fereza do tigre, Simão. Com que alma embeberias a espada ou a bala no peito de Marcos Freire?...

— Está acabado o sermão, primo Egas — atalhou Peixoto. — Querem vossês que eu desafie principalmente o José Osorio...

— Não queremos que desafies alguém, cuja morte venha a dar-te nenhuma gloria e muitissimos remorsos; entretanto, se alguém te ha offendido não é de certo Marcos, respondeu João Coelho.

— Bem. Desafiarei o major. Posso contar com vossês?

— Sem duvida.

— Hoje mesmo?

— Já! disse Egas.

Simão atravessou tres vezes agitadaamente a sala. João Coelho fez um tregeito intencional ao irmão e o irmão correspondeu-lhe intelligentemente. Queriam dizer que Simão Peixoto estava reflectindo com o siso de quem não tinha bem segura a vida com o esgrimidor do bigode grisalho.

Parou de pancada Simão, e disse:

— Notem vossês isto. Se eu mato Osorio, tenho de fugir, e Marcos Freire fica impune.

Não é indiscrição, duvidar da sinceridade com que o famoso brigão saiu com a hypothese.

João Coelho assentiu:

— Isso assim é. Os vencedores n'estas luctas são homicidas e desterram-se, se podem.

Egas continuou:

— Ha outra hypothese que te esqueceu, primo Simão.

— Qual?

— Se Osorio te mata, Marcos Freire tambem fica impune.

Peixoto não deu pela facecia rebuçada no geito grave de Egas.

— E' possivel... — murmurou elle. — De qualquer das maneiras, Marcos Freire fica tranquillo. E então?... que dizem?

— Que defiras o duellô com o major, em harmonia com a carta que lhe enviaste hontem. Cruza os braços, e espera que algum successo te abra accasião de te bateres rasoavelmente com o Freire.

Uniformaram-se. Os dois Coelhos, se não temessem a formidavel espada de Peixoto, romperiam a solemnidade da sessão com uma benemerita risada.

Entretanto, José Osorio, a fim de garrochar os brios de Simão Peixoto, andava por casa de amigos e parentes, despedindo-se até á eternidade. Lia a carta ameaçadora com voz cortada de gemidos e pedia suffragios por sua alma ás primas devotas nas grades dos mosteiros.

Mas estas apparencias de gracejar occultavam uma interior e quasi afflictiva inquietação. O major não podia illudir o receio de que Marcos se batesse.

Nem sequer pensava que um golpe feliz de Freire,

apezar da destreza de Simão, podesse dar a victoria ao seu amigo. Tinha como inevitavel a morte do protector de Lucia, e como horrendissimo o finir-se ás mãos de um deshonorado o pae d'aquella creancinha, o amparador da pobre mãe.

VII

A resignação da victima

E por isto a tristeza que de tanto tempo em mim se criava mais se dobrou.

D. DUARTE — *Leal Conselheiro.*

Instaurou-se litigio para desapossar Simão dos titulos concernentes aos haveres da irmã. Desconfiado das bravatas, o fidalgo soccorreu-se da trapacice, contando com o systema mixto : o terror para uns casos e o suborno dos sacerdotes da justiça para outros.

Começou na tentativa de annular o testamento da tia cuja herdeira tinha sido Lucia: e, ao mesmo tempo, curava de reivindicar como vinculo a maior parte dos bens livres em que fundia o patrimonio da irmã. Estes processos, comquanto iniquos e ao primeiro intuito fraudulentos, davam e promettiam annos de pleito.

A actividade do procurador de Lucia, cujos bigodes e marcial entono recommendavam a causa da sua cliente, esbarrava nas delongas judiarias. José Osorio, pela primeira vez entrado á liça de Themis,

bufava de raiva contra os paladinos e bonzos da deusa, e gritava que a justiça em Portugal se concubinava com todos os ladrões ricos. Os juizes e escriptvães já não contavam muito com a sagrada inviolabilidade de suas pessoas, desde que o major offereceu ao advogado de Simão Peixoto um abraço estrangulador.

Os valiosos parentes de Lucia não saíam por ella nem lhe approvavam a retirada da casa de seus paes. Divulgara-se um boato propalado acintemente por Simão: e era que D. Lucia, não podendo gozar-se da vida escandalosa com Marcos, por lh'o impedir o irmão, debaixo do tecto honrado de sua casa, deliberára resgatar-se por tão vil e impostor estratagem, auxiliada de José Osorio, cuja mocidade viciosa explicava cabalmente a indecente agencia que exercia na velhice.

A maldade humana aceitou isto de boa mente.

Formou-se a opinião publica. Era aquillo. A gente honesta dizia que os precedentes de Marcos justificavam as queixas de Peixoto. A filha de Thomé abonava a ruim morigeração do concubinario. O desprezo com que Lucia regeitava o cortejo dos moços das primeiras familias dispensava outras explicações, sabida a intimidade em que vivia com seu primo. O medianeiro n'este immoralissimo pleito, Osorio era — dizia a opinião — o unico interventor capaz de servir em taes meijoadas. E' o que dizia a sociedade, a nata heraldica das famalias que mais galeavam em virtudes herdadas e adquiridas: é o que diziam nas salas, nos passeios, e nas egrejas.

A justiça do mundo, d'aquelle modo, compensava notavelmente os dissabores de Simão Peixoto.

O homem já esperançado em vingar parte do seu

intento, o roubo, com o auxilio da opinião publica e corrupção dos juizes, desfigurou a sua indole, despidendo-se das armaduras guerreiras, e adoptando um ar de amargura e pejo de se ver deshonrado por sua irmã. Ninguem já o ouvia fallar em desafios nem ameaçar os protectores de Lucia. Fingia-se affrontado pelos olhares compassivos dos seus amigos e escondia-se; deixava correr boato do seu invencivel desgosto e tenção de fugir de Portugal para onde ninguem soubesse o seu opprobrio.

Marcos e Osorio sabiam isto: todavia, ninguem lh'o lançava em rosto, exceptuado o velho Christovão Freire que, uma vez, levantara ao alto uma cadeira para deslombiar um amigo que lhe exprobara o proceder do filho.

D. Lucia ingnorava a injuriosa fama que na bocca das suas parentas lhe anavalhava a reputação. Um dia, porém, o primo Freire, assumindo gravidade de conselheiro e director espiritual, lhe disse:

— Prima Lucia, ás vezes fazem-se grandes rodeios de palavras para chegar a coisas muito simples. O que eu vou dizer te precisava de largas antecedencias; mas tu sabes que eu, sem ponderosos motivos, te não aconselharia n'esta occasião o teu casamento...

— Casamento! — exclamou Lucia trespasada de espanto.

— Casamento, sim, minha prima — respondeu placidamente Marcos — não é boa a tua situação. A nossa consciencia louva-nos do proposito que fizemos de demandar teu irmão; mas a voz publica deturpa a justiça d'este procedimento.

— Pois que faço eu? — atalhou Lucia. — A voz publica que quer?

— Quer provavelmente que te deixes roubar e enclausurar; quer que sigas o exemplo de centenas de infelizes meninas sacrificadas no altar de Deus ao demonio da cobiça; quer que não vença o teu exemplo de resistencia á tyrania de teu irmão...

— Mas que me importa o que ella quer?! — voltou Lucia com exaltada colera. — E casar-me... por quê?! Então a opinião publica diz que eu devo casar-me?

— Não, prima; sou eu quem o diz.

— Tu!... — murmurou ella baixando os olhos.

O monosyllabo embarçou Marcos. Pareceu-lhe moldar o ensejo a um dialogo melindroso, do qual a sua descripção lhe impunha esquivar-se.

Observou elle que duas lagrimas derivavam vagarosas por debaixo das palpebras que forcejavam por escondel-as. Commovido tambem até ás lagrimas, fingiu Marcos Freire que as não via. Ainda assim, continuou com a voz tremula:

— Conversemos, prima. A idéa do casamento é minha...

— E a do convento é de meu irmão — occorreu Lucia com presteza vehemente. — Tanto monta um sacrificio como outro... Assim mesmo, antes quero o convento.

— Não, Lucia — replicou Marcos. — Se os sacrificios são eguaes, regeita-os ambos. Teu irmão ordena, eu aconselho. São coisas distinctas.

Lucia esforçou-se em dissimular-se serena e re-darguiu:

— Tu não me aconselharias semelhante passo tão contrario ao meu genio sem fortes motivos. Por que é isto?

— Precisas de um braço poderoso que te defenda das fraudes de teu irmão. . .

— E tu?! interrompeu ella.

— E, além de poderoso, legitimo — continuou Marcos. — Poderosa e legitima, ha uma só protecção: a de um marido, nas tuas circumstancias de senhora desligada dos parentes mais proximos que a calumniam e desdouram.

— Que dizem de mim? — sobreveio Lucia alvo-roçada.

— Logo lá chegarei, se fôr necessario. Ainda mesmo que, independente da auctoridade de marido, conseguisses a posse de teus bens de fortuna, o teu modo de viver na sociedade seria excepcional e sujeito a suspeitas e curiosidades injuriosas. Chamar-te-iam singular. O mundo costuma dar a ruim alcunha de singular á mulher que se presume usar maneiras singulares de vicio.

Lucia avincou fundamente a fronte e disse com força nervosa:

— E mais nada? não tens outra razão que me dêes? E dizes-me que devo sacrificar-me a não sei que odiado marido para que o mundo não me chame singular?

— Ha outras razões—retorquiou Marcos Freire, maravilhado da insolita enercia de Lucia. — Vejo que me obrigas á ultima franqueza, e violentamente direi tudo. Teu irmão diffama-te. . . e a sociedade applaude as calumnias e reforça-as na intenção de te matar os creditos e auxiliar Simão no roubo do teu patrimonio. Segundo a fama corrente, saíste de casa porque teu irmão te queria obrigar a ser honesta. Segundo a fama, o cumplice na sua indignidade de senhora sou eu. Segundo a fama, tu soli-

citas a posse dos teus bens no proposito de estabeleceres a tua desmoralizada vida em absoluta independencia e escandalo sem rebuço. Segundo a fama, José Osorio, o nosso extremoso amigo, representa entre nós o papel ignominoso de terceiro e medianeiro na nossa vergonhosa ligação. Aqui tens, Lucia. O teu nome é assim atirado ás vaías da canalha que nos chama primos. O meu pundonor é aviltado até á ultima vexação. Sou eu quem te inspira a guerra judicial ao possuidor dos teus haveres. Não sei se me assacam o intento de t'os empolgar. Póde ser que sim ; mas essa calumnia cáe morta aos meus pés, debaixo dos quaes eu tenho a consciencia dos diffamadores que conhecem a casa de meu pae e a superabundancia dos meus recursos. Agora, prima, pésa estas palavras : sabes o que era, n'esta conjunctura, o teu casamento ? era a restauração da dignidade de tres pessoas sem macula. Eras tu a resalvada das aleivosias ; era José Osorio e era eu a sairmos honrosamente do auxilio que demos á tua honesta deliberação. O teu casamento, Lucia, ainda leva outro intento, comparativamente, de maior alcance. Este diz, em especial, respeito á tua honra. Aceitas um marido, quando o mundo apregôa que fugiste para um homem a quem não dás esse nome, e eu não ousou proferir o nome que o mundo lhe dá. Lucia, fallei. Não espero a tua resposta já. Reflexiona minha amiga.

Lucia levantou-se ao mesmo tempo que o primo. Estendeu-lhe a mão, apertou-lhe a d'elle com febril vigor e disse :

-- O que tu quizeres, Marcos . . . Não soffras por amor de mim na tua honra. Dispõe da minha vida. Tu és meu irmão e meu pae. Obedeço-te . . . como filha.

— Se a mim te sacrificas, Lucia—tornou amavelmente o primo estreitando-a ao seio — Deus te encherá das alegrias de uma boa acção. A vida para ti, alma generosa, não póde ser assim sempre uma solidade triste em que ha passado a tua juventude. O teu coração hade receber a semente dos jubilos de esposa e mãe; virá o tempo de recolheres os fructos que a Divina Providencia não denega ás almas immoladas a um designio virtuoso. Mas... — susteve-se Marcos, e, feita uma longa pausa, continuou: — Quem será o esposo digno de ti?

Lucia sorriu-se tristemente e disse:

— Qualquer... E' necessario que o sacrificio seja completo... Qualquer...

— Compreendo te... — accudiu Marcos extremamente abalado.— Mas, meu Deus!... eu não quero que seja assim... *Qualquer!*... Para ti não serve qualquer homem, Lucia! Escolherás um entre os mais dignos. Deixa-me estar entre o teu coração e os muitos que te hão de estremecer. Serei ainda o teu conselheiro, se a paixão te der logar a conselhos...

— A paixão! — murmurou ella, sorrindo ainda.— A paixão, Marcos! Pois eu heide apaixonar me? Em consciencia, crês que eu posso?!

Reteve-se Lucia. As palavras iam sahir-lhe do coração na torrente das lagrimas. Marcos receou a explosão da cratera abafada. Apertou-lhe convulsivamente ambas as mãos e sahiu.

Na ausencia de Marcos, a energia da senhora esmoreceu. O grito de amor tinha sido abafado até áquelle conflicto. O coração dilatara-se com a dôr expansiva, e mais dolorosamente se retrahira, obrigado a nem sequer poder dizer ao homem amado desde a infancia: «Não me falles em paixão; que eu

só tive uma na minha vida, uma e unica por ti, em cujos olhos eu só pude merecer piedade.»

Lucia Peixoto, sondando o fundo de sua alma, disse entre si:

— Agora principia a irremediavel desgraça. A minha vida era vê-lo... amal-o assim n'esta doce certeza de lhe ser querida como irmã. Quando eu tiver um marido, heide corar de mim propria, se o coração o chamar... Agora, sim, meu Deus, não tenho nada n'este mundo...

E chorava soffocada por soluços, quando, relançando os olhos em volta de si, surpreendeu atravez da vidraça de uma porta uns olhos esfaimados que a espreitavam.

Eram os olhos de Heitor da Camara Leme.

VIII

O vaticinio do major

O certo é que sendo em o mundo a coisa mais ordinaria o amar, é n'elle a coisa mais odiosa o amor.

GREGORIO DE OLIVAES.—*Cupido prostrado.*

Heitor tinha espreitado e escutado. O ciume agarrou-o e plantou-o ali. Dizia-lhe a razão que o acto era feio; mas o amor chumbou-o no sitio.

O homem ouvia lá fóra as calumnias e pendia a crêr que Lucia Peixoto amava Marcos.

E o amor que elle tinha á sua hospeda era, no dizer de Salamão, mais forte que a morte; e o seu ciume, no dizer do mesmo sabio e santo, era mais ardente que o inferno.

E, comtudo, Heitor não o dizia. Entalava-se, chegada a occasião. Sentia fervuras no cerebro, reboliços estranhos no peito, caimbras nas pernas e na lingua. Seria lastima notavel, se não fosse caso vulgar, uma embriaguez especial da felicidade, uma angelisação da alma — deixem passar a palavra — an-

gelisação que dispara em evolução ridícula, porque ninguém pôde ser seriamente anjo em quanto o espirito está encouraçado no corpo.

Como iamoz dizendo, Heitor ouvia as calumnias e vinha referil-as á mãe e á tia. As velhas defendiam a parenta e refrigeravam o coração escaldado do rapaz.

— Mas ella não me ama... — carpia elle. — Quando a mãe lhe disse hontem que a prima devia tratar de cazar-se, Lucia respondeu que não tinha tal pensamento.

— Todas dizem isso — objectava a senhora D. Leonarda Leme, a velha solteira, que tambem tinha dito isso até envelhecer e já ninguem, a pezar d'ella, lhe perguntar se intentava casar-se.

D. Felicissima, a mãe, corroborando o dizer da irmã, animava o filho a esperar que a convivencia d'elle com a prima lhe predispozesse ao amor o coração. Ajuntava prudentemente a velha que se não apaixonasse emquanto não visse o resultado da demanda com o irmão; que não fosse ella ficar pobre e o filho apaixonado por uma menina cujo dote não valesse ao desfalque da casa.

Dizia *desfalque* D. Felicissima, sendo certo que os bens da casa não estavam desfalcados — estavam extinctos, e as fidalgas senhoras, em razão, deviam considerar-se inquilinas dos seus generosas credores.

Como quer que fosse, Heitor Leme, sciente de tudo que os primos tinham dito e elle escutado, inteirou-se da innocencia da prima e do subido cavalheirismo de Marcos. Propriamente elle, esporeado por benignos sentimentos, andou por casa dos parentes contando o principal do dialogo e invectivando

contra o calumniador Simão. N'este digno porte ia de envolta o intento de honrar e purificar a mulher diffamada para que mais tarde, quando ella fosse sua mulher, lh'a não abocanhassem os invejosos. Vê-se que o fidalgo não era dos mais desconfiados de si proprio nem dos mais timidos em avassalar corações rebeldes.

A senhora D. Felicissima, informada da pratica escutada pelo filho, apanhou occazião e perguntou a D. Lucia Peixoto se o seu Heitor lhe quadraria para esposo no caso de ella se resolver a tomar estado. A hospeda entendeu logo que a sua conversação tinha sido espiada. Inraiveceu-se, e de abafada não respondeu senão com um aborrido tregeitar de que a velha se deu por desconsiderada. Tornando, porém, sobre si, D. Lucia emendou a mão, compondo o rosto com agrado e respondendo que seu primo Marcos Freire, mais do que ella mesma, dispunha da sua vontade.

De feito, se Lucia abraçasse a proposta de D. Felicissima, o sacrificio, como ella dizia a Marcos, seria consummado e completo. Heitor Leme era o mais repugnante e engulhoso dos pretendentes. A figura não tinha coisa repulsiva. A cara, pelo contrario, andava cotada entre as mais bonitas dos rapazes do Porto, de boa linhagem. Nenhum pizaverdes lhe ganhava no apontado do vestido e trages da moda. Sobrepujava em ignorancia os mais encorpados nescios da sua raça; mas essa qualidade não era boa nem má. A sandice rematada nos moços da sua plana era dote innato e tão congenial d'ella que já se expunha á chacota dos amigos quem, como Marcos, tivesse alguma tintura de letras e dissesse coisas lidas em livros. Heitor era o fidalgo sem joio.

Caçador, bom picador, teful, possante, sadio, chronista de suas proprias pimponices, dissipador, jogador de barra e alavanca, destruidor da pureza das creadas de sua casa e das visinhas, afóra a estupidéz em barda. Não havia ahi mais desejar. Lucia parecia detestar este rapaz tão acabado no seu genero ao revez das mais requestadas herdeiras que lhe piscavam o olho apaixonado por cima do lençinho de cambraia, e não lhe voavam, como pombas, a poisar nos hombros, porque os paes d'ellas tinham sondado a caquexia da casa dos Camaras Lemes.

D. Felicissima disse ao filho a resposta de Lucia. Heitor foi ter-se com Marcos Freire e declarou a sua paixão antiga e a resolução moderna de offerecer a mão de esposo a sua prima Lucia.

Marcos alheou de si deliberação ou interferencia em tal accordo; ainda assim, aventurou algumas reflexões tendentes a confrontar a desconformidade do genio de Lucia com o de seu primo Heitor.

Tal alliança repugnava grandemente a Marcos; todavia, o impugnal-a, depois de ter aconselhado á prima o casamento, seria uma incoherencia despropositada e provocativa de suspeitas.

O certo é que Heitor saiu contente da entrevista e com sobeja ufania para se apresentar a Lucia pedindo-lhe o coração de esposo, e ajuntando logo que seu primo Freire o recebera agradavelmente e se mostrára contente com a realisação do projectado casamento.

Lucia disse breves palavras em resposta. Heitor não as percebeu muito bem; mas interpretou-as á sua vontade.

A angustiada menina escondeu-se no seu quarto

para chorar e escrever a Marcos, perguntando-lhe se era contente com a desgraça que se lhe annunciava de ser esposa do mais aborrecido de quantos homens a tinham pretendido.

Marcos, em resposta, referiu o que passara com Heitor. Dizia que não se opposera manifestamente a semelhante enlace por não saber até que ponto Lucia condescendia. Informado, porém, da indisposição d'ella, lhe aconselhava que terminantemente se negasse a tal casamento, ou por algum tempo se esquivasse a responder com decisão, visto que convinha não complicar embaraços com a mudança do deposito.

Entretanto, Heitor Leme andava contando a toda a gente a sua bem agourada fortuna.

Em breve chegou aos ouvidos de Simão Peixoto o casamento apalavrado de sua irmã. Este boato aluia-lhe o baluarte donde elle apontava os tiros á honra de Lucia. As ligações vergonhosas da irmã com o primo desatavam-se, logo que ella casasse. Baldava-se a diffamação e modavam de rosto as esperanças que lhe asseguravam a nullidade do testamento e a reivindicação dos bens patrimoniaes. Urgia-lhe, pois, impedir o casamento, mediante o unico meio de que podia lançar mão.

Pessoas sensatas e nomeadamente José Osorio tinham dito a Heitor Leme que se pozesse a cõbro d'algum insulto de Simão. O moço não se conformou com a possibilidade de ser espancado sem desaffronta immediata. Como a arma usual dos desafios era florete e espada, Heitor chamou mestre que lhe dêsse a ultima demão n'este genero de esgrima, e andou tres dias no exercicio da espada preta, e tão aproveitadamente que já sabia dois ou tres golpes

decisivos. E d'esta arte apercebido, esperava o desafio em fórma.

Baldaram-se os heroicos e fidalgos preparativos. Simão Peixoto encontrado com Heitor Leme no pátio do theatro de S. João, perdeu o tino, esqueceu-se de seus propositos pacificos e descarregou sobre a cabeça de Heitor uma nuvem de murros tamanha que ao aggredido não bastavam os dois braços para amparar um terço dos murros, variados com pontapés.

A policia viu aquella calamidade e absteve-se de intervir na desordem dos dois fidalgos, em volta dos quaes se apinhou a nobreza portuense.

Simão Peixoto recolheu-se ao theatro e Heitor Leme, azoado do craneo e mal composto de fisionomia, saiu de braço dado com dois amigos, a quem elle pediu o favor de desafiarem Simão no dia immediato.

Quando Heitor entrou em casa, e as duas velhas o viram com a cara accidentada de collinas esverdinhas e a palpebra rubra d'um olho a tapar-lhe a pupila, romperam n'uma dissonancia de gritos que era uma inferneira.

— Venha vêr, venha vêr! — exclamava D. Felicissima batendo á porta do quarto de Lucia — venha vêr como seu irmão poz a cara de meu filho!

Heitor teve a necessaria vergonha para se não deixar vêr. Sumiu-se no seu quarto, ordenando ás velhas que o deixassem com os seus amigos.

D. Leonarda, voltando-se então para Lucia, disse-lhe com má so.nbra :

— Menina, isto não tem geito. Seu irmão é um scelerado, e nós não queremos que o nosso Heitor seja morto por sua causa. Não fallemos mais em ca-

samento; que elle é capaz de nos matar o menino.

D. Lucia não soube responder a isto. Recolheu-se ao seu aposento e passou a noite em tormentosa vigilia. Ao romper d'alva chamou a creada que a tinha acompanhado de casa do irmão e disse-lhe que a seguisse á missa. As velhas dormiam ainda. Lucia escreveu algumas palavras em um quarto de papel que entregou a um creado para o dar ás senhoras. Depois saiu com a mantilha aconchegada do rosto. Desceu á ponte das Barcas, atravessou o Douro e subiu a calçada de Gaya que conduz ao Candal.

Nascia o sol, quando Lucia Peixoto, offegante de canção, se sentava debaixo das cilindras que sombreavam a porta da risonha cazinha de Maria de Nazareth.

IX

Pobres mulheres!

O amor... é o amor.

FR. MANUEL DE LIMA — *Ideas sagradas.*

Marcos Freire recebeu em sua casa no Porto uma carta de Lucia chamando-o ao Candal. Affligiu-se entranhadamente. O desatino de sua prima ia confirmar as calumnias de Simão, e do mesmo passo abater o nome de uma senhora que procurava o abrigo do amante em casa da mulher de baixa condição. Eram armas dobradas que D. Lucia offerecia a maledicencia.

O attribulado moço valeu-se de seu pae. Referiu-lhe os successos decorridos até á saída da prima para o Candal. O velho, lida a carta de Lucia, ordenou ao filho que não saísse de casa sem que elle voltasse. Decorrida uma hora, Christovão Freire entrava com duas venerandas senhoras, suas parentas, mandava pôr as mulas á carruagem e pedia ás damas que fossem com seu filho a uma casa do Candal e conduzissem comsigo para a sua casa D. Lucia Peixoto.

Marcos beijou ajoelhado a mão do brioso velho e murmurou :

— Que santos exemplos de honra me tem dado, meu querido pae !

— Para que os transmittas aos teus filhos—disse Christovão Freire.

Quando Marcos e as senhoras Leites Pereiras chegaram á vivenda do Candal, estava Lucia com o pequenino Alvaro no colo e Maria de Nazareth, sentada aos pés da fidalga, exultava de ver seu filho nos braços da madrinha.

Marcos deteve-se alguns segundos a contemplar o grupo que tinha belleza do céo entre os arbustos floridos. Depois, disse á prima que suas tias estavam fóra do portão esperando-a para a acompanharem a casa de seu pae.

— Pois nem uma hora d'esta felicidade me concedes, primo ? — disse Lucia com maviosa tristeza.

— Vae, minha amiga, antes que no Porto se saiba que entraste n'esta casa. Vae abrigar-te sob as telhas onde vive o honrado Christovão Freire. A tua casa não póde ser esta . . . Vae que a detracção não ousará infamar-te á sombra de meu pae. Tens duas senhoras do maior respeito como companhia. São as unicas para quem o teu nome é ainda sagrado. Não te demores, Lucia. Peço-t'o eu em nome d'essa creancinha. Teme como eu a tempestade que se está formando sobre nós. Eu tenho previsto desgraças que só podem ser conjuradas com muita prudencia. Não sei se teu irmão fará de mim um assassino ou um cadaver.

Lucia Peixoto sem detença abraçou Maria de Nazareth, entregando-lhe o filho, banhado de suas lagrimas.

A consternada filha de Thomé chamou de parte Marcos Freire e disse-lhe.

— Se esta casa fosse decente para a senhora D. Lucia, eu saía já d'aqui e ella ficava com as outras senhoras. Eu bem conheço que não posso nem devo estar onde está sua prima, senhor Marcos...

Não respondeu o moço. Deu o braço a D. Lucia e acompanhou-a á carruagem que rodou apressurada para o Porto.

Marcos voltou a tomar nos braços o menino, e murmurou enternecidamente :

— Ai! o socego, a felicidade que nos foge, meu filho!... Onde irei eu esconder-me contigo, anjo do céu!...

— Que é, senhor Marcos? — perguntou Maria convulsiva de medo.— Seu pae quer fazer-nos mal? Diga-m'o que eu fujo com o filho e vou esconder-me onde Deus me levar...

A commoção de Maria devera tocar o coração de Marcos. Que dilacerante dôr ella expressara em termos tão singellos! Assim só mães! E para entendimento d'aquella angustia queria-se muito amor em homem que se não visse a tamanha distancia da mãe de seu filho.

Pois não lhe queria elle muito á devotada creatura?

✓ Ai! muito, não. O filho era o aroma de uma flôr sem viço e já esmaiada. O filho era todo o amor, toda a esperança, a vida em que todo o coração d'elle pulsava. A ebridade de tanto amor provinha do nectar: pouco importava a urna. Maria era como o despojo da crysalida. A formosura, a graça, as côres do céu resplandeciam na borboleta. Pobres mães!

E que lhe fazia isto a ella, se o não entendia? A creancinha acrescia-lhe em caricias a ternura que Marcos lhe não dava. A parte do coração, que podia doer-se do vacuo e encher se de lagrimas, estava cheia do amor do filho. Por um amor que a fatalidade lhe ia levando — o amor humano — dava-lhe outro a Providencia — o amor do anjo.

Celestial compensação! Quantas desgraçadinhas, quantas perdidas por que não foram mães! As creanças distendem suas azas por sobre o cairel das voragens. O perfume que trazem de Deus desinfecta o ar corrompido pelo vicio. Descerram arcanos não conhecidos de bemquerer. Almas canceradas no incendio do novo amor, depuram-nas. Rehabilitam, dando valor, prestimo e sublimidade á mulher que todo mundo despreza, e ainda áquellas que, desvinculadas do mundo, se despresavam. Como que á volta do seio que se abre em fontes de vida se forma uma atmospherá pura. Lá do peito a dentro renova-se o que quer que seja de segunda virgindade.

Assim mesmo, triste d'ella!

Marcos podia sem confranger-se-lhe a alma pensar na orfandade materna, imaginar seu filho sem mãe. Atterrava-o esta imagem; mas a dôr grande procedia de fantasiar o filho sem os affagos da mãe; não era a mãe morta que lhe alanciava a alma. A carpida não era ella: era o filho sem o amparo acariciativo da extremosa creatura. Pobres mulheres!

Como a sociedade abre as sepulturas

Mas eis aqui onde se dão terriveis combates entre o verdadeiro e falso ponto da honra.

GUILHERME J. PAES VELHO—*Tratado do ponto da honra.*

Heitor da Camara Leme abalançou-se a um acto de memoranda heroicidade.

Ao outro dia insistio no desafio. Os padrinhos entraram á presença do desabrido esmurraçador e propuzeram tartamudos a sua mensagem.

Simão respondeu n'este solemne theor :

— Eu, quando dou dois murros e dois pontapés n'um homem, fico inhabilitado para lhe dar com a espada. Se eu tencionasse castigar nobremente o villão que hontem empurrei fóra do theatro, provavelmente desafial-o-ia, como costume praticar com pessoas que não procuram resgatar os bens empenhados alliciando os corações das hospedas. E' o que me cumpre responder, sem incommodar amigos que respondam por mim, na fórmula e praxe d'estas explicações.

Os enviados de Heitor saíram entalados : e antes de levarem o insulto ao seu amigo, acaso encontraram o major José Osorio do Amaral a quem referiram o succedido.

José Osorio perguntou-lhes se duvidavam voltar a casa de Simão Peixoto com umas quatro linhas de seu punho. Condescenderam violentados pelo decoro.

Amaral escreveu :

«O abaixo assignado quer provar de qualquer maneira que Simão Peixoto insultou covarde e infamemente Heitor da Camara Leme. Os insultadores que se furtam a semelhantes provas descem na escala da deshonra o que vae de covardes a canhalhas. — *José Osorio do Amaral.*»

Simão leu o petulanie repto e respondeu :

— Podem ir. Mandei um gallego da cocheira a um recado. Quando elle chegar, levará resposta vocal ao miseravel que escreveu isto.

Os mensageiros saíram d'esta vez entaladissimos. Riu-se Amaral ; e, assim mesmo, teve a innocencia de esperar o gallego promettido que não chegou durante aquelle dia. Mas, no immediato, uns dois fidalgos da intimidade de Simão procuraram o major, da parte do seu amigo, e lhe disseram que Simão Peixoto, forçado a desafiar Marcos Freire em cuja casa se acolhêra devassamente D. Lucia Peixoto, não podia deixar de dar a primasia do duello ao inimigo de quem recebera a maxima affronta ; mas, que em seguimento se bateria com José Osorio do Amaral.

O major cravou olhos curuscantes no parlamentarario e disse :

— O senhor é o gallego promettido ?

— O gallego!... — disse o fidalgo enfiado.

— Sim. Simão Peixoto fez-me saber que a resposta ao meu cartel seria verbal por meio de um gallego. A resposta ouço eu; o portador disse Simão quem havia de ser... Não se contorçam, senhores! — exclamou irado o major, como elles tregeitassem meneios de irritados. — Não se enfureçam, que é preciso ter bojo para insultos quem como vossas senhorias tem arrojo para os cuspir á cara de uma senhora illustre, infeliz e honrada como D. Lucia Peixoto! Quem disseram os senhores que se acolheu devasamente a casa de Marcos Freire?

— As expressões são de Simão Peixoto — interrompeu um dos atordoados.

— Sejam, que dignas são d'elle, — sobreveiu o major — mas homens de bem não se fazem linguas de Simão Peixoto. Irresponsaveis em mandatos de tal natureza são de feito ou recadeiros sabujos, os gallegos que vossas senhorias vieram fingir. Querem uma resposta vocal tambem? Ella ahi vae secca e breve: digam-lhe que o heide matar como quem mata um salteador, um pêrro damnado!

Havia muito de que rir nas mensagens d'estes valentes, se a linguagem dos luctadores não vapporasse um cheiro acre de sangue. Era já notorio no Porto esta rataliação de insultos fidalgamente brutaes. Já se bandeavam os apostadores sobre qual e quantos dos envolvidos na lucta morreriam. A favor de Amaral e Simão dividiam-se os mais previstos. Poucos aventuraram a favor de Marcos, e ninguem expunha um ceutil em abono da coragem de Heitor.

A opinião geral mudara desde que D. Lucia entrou em casa de Christovão Freire. Desfez-se rapida

como se fizera. A sombra do virtuoso ancião regenerou os creditos de Lucia. As senhoras Leites gozavam tal e tão justo renome de austeras e santas que bastou dizer-se que acompanhavam a menina a casa de seu tio.

Simão Peixoto cahiu na desgraça da movediça opinião publica. Restituiram-se-lhe os titulos de espoliador e feroz. Foi geral a reprovação dos insultos publicos a Heitor. Toda a gente se compadeceu do fidalgo espancado, e applaudiu a galhardia do major saindo bizarramente em desaffronta do outro e de todas a victimas do impude roncador.

Esta mudança sobre-irritou o animo de Simão e ao mesmo tempo soffreu-lhe os impetos da vingança. Cercaram-no contrariedades oppressoras. Uma, a celeuma em que proromperam os amigos de Camara Leme; outra a provocação notoria de Amaral; sobre todas a passagem de sua irmã para casa do venerando Freire, e, superlativamente ainda, a declinação subita em que descaíram os seus creditos no conceito dos juizes a quem cumpria legalisar-lhe o roubo da herança e patrimonio de Lucia.

N'esta abertura dolorosa, era de esperar que Peixoto respirasse pela ferocidade, desafiando Marcos ou chamando ao campo o major. Não succedeu assim. O homem olhou para si n'alguma hora lucida e raciocinou. Se o corollario dos seus raciocinios foi medo, se prudencia, não sabemos; de qualquer maneira, prudencia ou medo, a opinião publica, sem mais nem menos, entrou a gritar que Simão Peixoto era um covarde, que andara basofeando proezas em quanto não topou homens do pulso de Marcos Freire e José Osorio do Amaral.

Este funestissimo juizo da opinião publica estava aquecendo o embrião de grandes calamidades. E' ella quem afogueia a colera, e afia os gumes do ferro e dá a morte, ou remorsos ao matador. A ferida que ella rasga no peito do homem, chamando-lhe covarde, é mais sensivel que a dôr da balla penetrante. O injuriado e atormentado pelos remoques da opinião social doe-se mais do que o alcunhem de covarde que de homicida. E ainda o homem de bem, de lucida razão e piedosas crenças, tendo de escolher entre o perdão das injurias, que vem do céo, e o remorso do matador, que a sociedade lhe ensinúa, inclina o ouvido e alma á voz do mundo, e toda a phylosophia e piedade não bastam para rebater o epitheto de covarde com que lhe malsinam a honra.

A sociedade, pois, pregoando que Simão Peixoto afinal, topára com os seus homens, estava cavando terra de sepulturas. Os bons amigos não lh'o diziam : os máos, os terribilissimos inimigos, contavam-lhe o juizo que o mundo ia formando da sua indiferença, volvidos oito dias depois que a D. Lucia se hospedára em casa de Marcos Freire.

Simão dilacerava-se de angustias reconditas, e ao seu mais verdadeiro e sisudo amigo dizia :

— Se eu morresse, Egas, toda a minha casa ia passar á prostituida !

— Não dês esse ultrajante nome a tua irmã, Simão. Olha que és o unico a pôr-lhe labeo, devendo ser tu o primeiro a defendel-a. Queres tu esta complicada crise acabada de hoje para amanhã ?

— Como ?

— Dá-lhe o que é legitimamente d'ella.

— Ah! — clamou Simão. — Que prazer para a

canalha!... Então sim!... Assentava-me bem a pêcha de covarde que me assacam...

— A gente de juízo chamar-te-hia honrado.

— Honrado... — voltou Peixoto casquinando sarcasticamente — honrado, quando o medo me obrigava a sel-o! honrado para salvar o corpo das cutiladas do major! Não quero!... Heide bater-me!...

— Seja — tornou Egas — ainda mesmo na hypothese de que a tua casa vae passar a tua irmã, dando-se a alternativa de succumbires.

Esta clausula batia no peito de Simão como barra de ferro. Duas garras lhe tiraram pelas entranhas a mortaes impuchões: uma era o chamarem-lhe fraco, outra o direito de successão da irmã.

XI

Luz nova

Que sobresalto é este?...

GERARDO DE ESCOBAR — *Novelas.*

Christovão Freire disse a D. Lucia :

— Minha sobrinha, começa hoje a ser minha filha. Não te pergunto se te sujeitas ás minhas decisões de pae : sei que te offenderia com tal pergunta. Menina dos teus annos que recusasse auctoridade de um velho tio, na falta de pae e mãe, seria uma douda caminhando a passos rapidos para a perdição. Por tanto, Lucia, tomo a peito dirigir as tuas acções, excepto aquellas que fizerem implicancia ao teu coração.

— Sujeito-me á vontade de meu tio — disse D. Lucia.

— Saibamos. Tens alguma affeição a Heitor Leme ? Serias sem repugnancia esposa d'elle ?

— Não poderia ser sem repugnancia — respondeu ella temerosa de que o tio lhe propozesse tal sacrificio á sua obdiencia.

— Eu tambem não gosto d'elle nem lhe daria uma filha minha.

Respirou a pallida Lucia e ganhou côres. O velho continuou :

— Basta que elle se deixou carregar com uma duzia de murros a pé quedo e não lavou uma hora depois as contusões com o sangue do outro. Ainda que o mundo lhe attribuisse quantas virtudes ha, faltando-lhe a do brio, duvido que elle tivesse alguma ; pelo menos, eu não lhe queria as outras para herança dos meus sobrinhos. Saibamos : consta-me que varios rapazes de bom nascimento e boas casas te requestaram. Lembra-te algum que o teu coração distinguisse ?

— Nenhum, meu tio.

— Começas a enganar-me, Lucia ?

— Deus sabe que lhe digo verdade.

— Pois tu não amaste meu filho, menina ?

Lucia corou e abaixou os olhos.

Christovão proseguiu :

— Amaste e eu folgava de te ver desde a primeira mocidade n'esta casa com um ar, e contentamento de quem tivesse nascido aqui e houvesse de cá morrer. Não o quiz Deus assim. Marcos não tinha o seu coração no meu. Viu-te desde muito menina, creou-se e cresceu contigo. Foi o mal. Para te amar como esposo, conviria que te não estimasse como irmão. As paixões de alma vem de sobresalto, nascem imprevistas, aferram do coração e sentidos de surpresa. A tua formosura, menina, desenvolveu-se de anno para anno, vagarosamente, defronte dos olhos d'elle indifferentes e como insensíveis ás graças que tu ias adquirindo. Fio que elle se te houvesse contemplado aos quinze annos, seria o homem do

teu destino, e tu serias a paixão unica de sua vida. Eu entendi logo que meu filho não seria teu marido, e doí-me e condoí-me de ti, Lucia, quando soube que lhe querias. Fui teu advogado perante meu filho. Encareci-lhe os teus merecimentos com o melindre necessario em taes e tão sérios negocios da vida. Descobri que o rapaz te era tão affeçoado quanto elle t'ò ha provado na lucta em que anda com teu irmão; porém, marido capaz de te fazer feliz e de o ser, não era de certo aquelle... Não chores, filha. Se Deus t'ò não fadou para os contentamentos de esposa, sabe que ainda não houve irmão tão affectuoso. A meu ver, Lucia, maior infortunio ha sido que nenhum homem te haja captivado o pensamento. Hoje o teu enlace com um digno e respeitavel marido seria a tranquillidade de meu filho, a inteira restauração dos teus credits manchados por esse desastrado filho de tua mãe... que eu...

Christovão Freire se continuasse em voz alta o pensamento diria: «que eu sómente creio que elle é filho de tua mãe, e irei jurar que não é filho de teu pae e meu primo carnal Balthasar Peixoto.»

Porém, como o complemento da ideia não era de boa e moral revelação a uma donzella, o velho cortou a phrase e continuou n'outro rumo:

— Se tu, Lucia, podesses indicar-me o homem que te merecesse e sem grande sacrificio podesses felicitar... Qual é a menina dos teus annos que não conhece uma pessoa, senão amada, ao menos estimada bastantemente para sem grande rebeldia da vontade lhe poder confiar a sua boa sorte? Pensa n'isto, Lucia...

— E' escusado pensar... — disse a menina — eu

não tive nem tenho affeição a ninguem... A minha vontade era viver assim... Pois eu não posso ficar solteira?!

— Podes, mas sempre a braços com os desgostos e desordens de uma posição embaraçosa na sociedade. O mundo não comprehende a abnegação e animo recto com que meu filho te protege. Deus me livre que tu visses as cartas anonymas com que me trespassam o peito os detrahidores da honesta generosidade com que Marcos saiu em defesa da tua liberdade. Não te direi as surdas dôres que o pobre rapaz curtiu, mais por ti que por elle, vendo-te envolvida na sua diffamação. Além de que, Lucia, eu agouro terriveis consequencias d'esta desordem e meu filho não póde honrosamente evital-as. A sociedade está no palanque e não desiste de ver homens a espedaçarem-se como bestas-feras. Toda a gente vem fallar-me em desafios, todos me vaticinam a morte de meu filho...

— Meu Deus! — exclamou Lucia, pondo as mãos.

— Eu obrigo-me a tudo que meu tio ordenar para que o primo Marcos não tenha algum desgosto. Jesus! pois o Simão desafiou-o?

— Ainda não, filha. Entre Simão e Marcos tem estado até aqui um peito de bronze que os não deixa aproximar. O nosso primeiro amigo é o major José Osorio; o defensor da vida ameaçada de teu primo ha sido elle. Quanto este dedicado amigo tem feito arrojadamente em teu serviço e nosso, é com o proposito de ser desafiado por teu irmão afim de salvar meu filho; porque o major crê que Marcos succumbirá no desafio.

— Virgem Maria! — clamou ella despavorida e tremula de afflicção. — Que desgraçada sou! Bem o

disse eu a Marcos... e elle não fez caso. Meu irmão protestou que o havia de matar, e eu, que ouvi isto, escrevi ao primo a pedir-lhe que me deixasse ir para o convento.

— Sei isso, filha; mas José Osorio, cuidando que Marcos ficava de fóra n'esta batalha, chamou a si a responsabilidade do requerimento. O corajoso major tem affrontado teu irmão audazmente a ver se o desvia de Marcos; mas Simão teme-o e foge-lhe com o pretexto de desafiar primeiro quem primeiro o offendeu. Meu filho não é homem que recuse o combate. Bate-se como valente e honrado que é; e, se houver de morrer, acabará deixando viva e eterna memoria da sua dignidade sem mancha. E' meu filho... E' mais um Freire desastradamente caído á voragem de tantos infelizes d'esta familia...

Christovão queria esconder as lagrimas: dir-se ia que lhe pesava ainda mais a fraqueza de choral-as.

N'este comenos annunciou-se José Osorio do Amaral.

— Lucia Peixoto adiantou-se a recebê-lo a perguntar:

— Ha alguma noticia?... Estamos afflictos...

— Afflictos! porquê, prima? — disse o major.

— Não estamos afflictos — emendou o velho. — Estavamos conversando sobre os desafios. Que sabe a tal respeito, major?

— Parece-me que as sangrias serão menos copiosas do que por ahí agouram os ociosos das praças. O tigre ruge; mas as victimas por em quanto engordam. Propendo a crer, minha prima e senhora, que não ha razão bastante para sustos.

— Não?... Simão não desafiará o primo Marcos?
— acudiu Lucia.

— Eu e os meus amigos trabalhamos para que o desafiado seja eu. Se eu for o desafiado, posso asseverar ao tio Christovão Freire que seu filho não será morto. A explicação d'este positivo annuncio é obvia: Se morro ás mãos de Simão Peixoto, o homicida terá de fugir deixando illeso e em paz o meu amigo Marcos Freire. Se Simão morrer, será ocioso demonstrar que Marcos não póde ser morto por elle.

O major sorria-se e D. Lucia escutava-o com trememente anciedade. Proseguiu elle :

— Creio que não haverá desafios, porque me dizem que Simão é incommodado pelo receio de expatriar-se, matando, e pelo receio de transmittir a casa a sua irmã, morrendo. Ora, como d'este dilemma não ha escapulir-se estou vendo que escolherá um alvitre que o salve de ambos os bicos do argumento. E, sendo assim, graças ao Altissimo, que ainda me dá mais alguns annos de socegada velhice, a mim, cansado velho que me vejo envolvido entre luctas de moços cheios de vida e forças. Minha prima e senhora, haja sua senhoria por bem de me perdoar desde já, se eu, enganado n'estas minhas doces esperanças de paz, alguma hora tiver de me encontrar no chamado campo da honra com seu irmão. Eu não o temo, e levarei para lá a quasi certeza de que o caminho d'elle na volta será o do jazoigo de sua familia. Esta honra convencional do mundo absolve os que matam em duello ; eu, porém, não me absolvo até me considerar tão innocente que não tenha de pedir a vossa senhoria, prima D. Lucia, desculpa de lhe matar um irmão, embora elle haja querido ser o carrasco da sua honra. Entre minha prima, Marcos e Simão, o que estou representando é a parte de defensor de um moço, cuja nobre alma

avalei n'este perigoso amparo que deu a uma senhora infeliz. E darei a razão por que o não deixei sósinho peito a peito com Simão Peixoto. Tio Christovão, sou soldado: digo tudo como o coração m'o envia á lingua. Seu filho é pae: não lhe dou novidade nenhuma. Não sei, porém, se vossa senhoria sabe que Marcos Freire, quando falla do filho que tem, ainda que seja a contar as graças da creancinha, chora. Trاسبorda-lhe do peito aquelle amor que eu nem sei comprehender e devo a Deus a mercê de nunca m'o fazer sentir. O que seria de tormentosa a vida de um soldado que assim amasse os seus filhos! Que horrorosas separações! que morrer mil vezes no coração a cada som do clarim das batalhas, a cada zumbido de bala, e a cada cair d'um camarada trespassado, proferindo o nome de um ente querido! Eu por ventura adivinhei qual amor seria o de esposo e pae, por que tambem tive affeições lisongei-ras na minha mocidade, e, se o coração m'as encarrecia ao entendimento, eu punha logo na minha idéa a imagem de uma senhora que vi na batalha do Vimieiro, com tres filhos, á volta do coronel Albuquerque, atravessado de tres balas, que, apesar de tres e mortaes, ainda assim o não pouparam á suprema agonia de ainda reconhecer sua mulher e dizer ao mais velho dos seus filhos: «Pedro, ampara tua mãe». Disse... e morreu.

O major, limpando as lagrimas, balbuciou:

— Oh! isto que vem a ser?! Não me lembra de ter chorado senão então!... Ha doze annos!... Mas... — tornou elle sacudindo a cabeça e retorcendo os bigodes — que vinha eu dizendo?... A divagação fez-me perder!... Ah! recordo-me... Fallava eu do grande amor de Marcos Freire ao seu filho Alvaro, nosso afi-

lhado, minha prima, aquelle innocentinho que, a fallar verdade, é um encanto, e parece que olha para o pae com a vista toldada de lagrimas. Dizia eu que, á vista de tão entranhado affecto, era natural que o meu bom Marcos não quizesse entender em negocios alheios, e de natureza tão arriscada e ameaçadora do seu socego. Pois não foi assim: parece que para amparar sua prima, aquelle rapaz se esqueceu propriamente do filho! Isto abalou-me! Honrado moço! E eu então disse de mim para commigo: vou tomar a dianteira n'esta batalha: vou eu arvorar a bandeira de guerra. A bandeira de guerra é o libello contra Simão Peixoto. Vou eu dal-o e assignal-o contra elle. O inimigo activo e ostensivo sou eu. Se algum houver de morrer serei eu. Marcos é pae; além de pae é filho estremecido e estremoso: além de filho, é a alma que anima a existencia de sua prima Lucia; e, Lucia — perdõem-me a rudeza e fraqueza militar — e Lucia que não tem pae, nem mãe, nem filho, nem esposo, tem tudo em Marcos, e nem eu sei se a real presença do anjo da sua guarda a dispensaria de antepor em sua defeza Marcos Freire. Não córe minha prima, não córe, porque a sua consciencia não póde arguil-a. Deixe-me a satisfação de lhe dizer que ainda mulher alguma adorou com tão sagrado affecto mais digno homem que Marcos Freire. . . Tenho dito tudo e creio que fiz de tudo isto uma embrulhada. Em summa, eu dou-me os parabens por não ter ninguem que me ponha peias á liberdade de me sacrificar, com tal vontade, ao bem dos outros, que ainda não senti em minha vida tamanho prazer de poder torna-la util a alguem. Bom é isto! é bom não ter pae nem mãe, esposa nem filhos, irmãos nem protegi-

dos que tenham de dizer ás minhas cinzas : «A morte levou-nos contigo o pão de cada dia.»

Calou-se o major e D. Lucia permaneceu largo tempo com os olhos fixamente embevecidos nos labios d'elle.

Christovão Freire abraçou-o com enthusiasmo affectuoso e disse-lhe :

— Deus não permitta que nos falte o honrado amigo d'esta familia... Major, eu tinha não sei que respeito por esse seu aspeito cheio de bondade e de bravura ao mesmo tempo. Conheci-o menino e fui eu quem deu a seu pae a resenha geanologica de seus quatro avós para se reconhecer cadete. José Osorio foi um estouvadito; mas não ha lembrança de uma quebra de probidade na sua vida de rapaz.

— Ora, meu amigo — atalhou o major — quantas fraquezas, quantos vicios, quantas quedas na lama das ruins paixões ! Não me gabe que a consciencia levanta-se em terrivel juiz e eu faço confissão publica diante da prima Lucia, que está formando de mim e dos meus bigodes brancos a falsa ideia de um santo patriarcha da Mesopotomia. Deixe-o falar ao indulgente velho que trata de encobrir as fraquezas de outro velho...

José Osorio ouviu um toque remoto de clarim de cavallaria, levantou-se rapido e disse :

— Adeus, vou ao quartel assistir á contagem das praças. Boas noutes. Minha prima, nada de lagrimas. Quando se sentir afflicta, mande chamar o seu patriarchal parente, que eu conto-lhe historias do meu tempo e vossa senhoria diverte-se e affasta as melancholias. Adeus.

Saiu.

— Que te parece este homem? perguntou Christovão Freire á sobrinha.

— Um admiravel character!... E como elle chorava! que formosura e respeito lhe davam as lagrimas!

— Tocou-me no coração! Eu não cuidei que meu filho tinha este amigo!... Se Deus me desse uma filha para que metade da minha casa fosse d'elle!...

— Se a divina providencia me tivesse dado assim um irmão! — disse D. Lucia.

— E um esposo? — ajuntou o velho.

E, passados instantes, continuou:

— E, se o teu coração...

Lucia esperou o restante da phrase. Christovão não a concluiu.

E, todavia, a inquieta menina adivinhou-a.

Inquieta! amorosa, por ventura?

— Não se sabe ainda.

A inquietação podia ser a vaga e indefinida causa que a commovera. Podia ser cousa pouco mais importante que um modo de ser dos nervos.

Como quer que fosse, na espirito de Lucia Peixoto espelhou-se uma imagem carinhosa como a de um pae, quasi indistincta nos affagos da imagem de um esposo.

Era como se dissessemos a imagem do major com a sua bella fronte escavada e os seus bigodes listrados de branco a cairem-lhe sobre as dragonas.

Seja absurdo a bel-prazer dos que sabem geometricamente as linhas do coração.

Seja. Seguramente aquella mulher é outra. Fez-se luz nova n'aquella alma.

XII

Ama-o ?

Confesso-vos ingenuamente, amigo leitor,
que pasmo e me admiro. . .

NUNO MARQUES PEREIRA—*Compendio
narrativo do peregrino na America.*

Corção de mulher é atreito a umas cegueiras, no primeiro aspecto, incuraveis. Sôa uma hora inesperada. Faz-se um relampago. O coração abre os olhos, tontêa de excesso de luz, conhece umas maravilhas novas, reconhece outras que tinha visto, entrevê delicias que se lhe figuram um resuscitar no céo.

Aclaremos este caso de amaurose espiritual.

Uma mulher, como Lucia, tem o coração captivo não já de um homem como Marcos, senão de uma saudade como ella a sentia a chamal a ao tempo ido dos seus affectos santos a quem lh'os não premiou. Ella vê esse homem captivo de outra e de um filho : sabe que o thesouro de sua alma, a desbordar riquezas de ternissima amizade e de indulgencia de martyr, nada fazem á felicidade de Marcos Freire descaecido d'ellas. Sabe-o ; e todavia não se dóe, não

se offende, nem pensa descaptivar-se nem quer que a desalgemem. Esta condição de vida, não vulgar em mulher, é o que eu puz no artigo de patologia psychologica, chamado «cegueiras do coração.» Tal era o estado de Lucia Peixoto, no momento em que se fez o relampago de luz.

Naturalissima coisa concede a leitora que seja o relampago. Poucas damas desconhecem amores fulminantes, precursores, umas vezes, de longas e tenebrosas trovoadas de coração; outras vezes, precursores de algum breve chuvisco de lagrimas em que de prompto se dilue o espinho do arrependimento. Isto sabe-se o que seja; mas não anda trivial o caso de jorrarem torrentes de luz olhos meio apagados como os do major, quasi quinquagenario, luz bastante a derreter as cataratas de uma alma, cega a quantos moços gentis se lhe offereciam, florentes de juventude, aromatisando o ambiente das salas com o thymiana colhido na alvorada da vida. Custa a crer e entender isto.

Eu, que o devia esmiuçar, escassamente me demorei a pensar no secreto de semelhantes acções e reacções na recondita retorta. Crer, sim, isso creio e juro que D. Lucia Peixoto principiou considerando qual seria a sua ventura se tivesse um pae como José Osorio; depois considerou-o irmão; por fim, esquadrinhou se um coração de pae e irmão não teria favos de celestial sabor bastantes a dulcificarem a vida e coração de uma esposa.

Se ella o amou, não assevero. Que lhe quiz com superior affecto, podem jural-o os mais meticulosos em conceitar o que mulheres querem e desdenham. Póde quem quizer dispensar-se da intervenção do amor n'este renascimento de Lucia. A necessidade

que ella sente de um amigo válido e respeitavel, — amigo porém que não possa dar margem á calúnia nem esconder o braço protector—é racionalmente bastante motivo do impeto com que o coração de Lucia emerge de sua lethargia e aneia acolher-se ao abrigo da sublimada alma de José Osorio.

É verosimil que ella veja a sombra de Marcos Freire passar por diante do seu amparador; mas tal sombra passa desinteressada, fria, com os olhos postos no filho embalado em braços de outra mulher. E' a sombra do querido da sua mocidade que, pouco ha, lhe aconselhou o casamento, como necessario ao socego e bom conceito de ambos. Lucia pensa n'isto já quasi intolerante e despeitada. Recorda-se, magoa-se e quasi se offende. Contempla-se. A sua posição figura-se-lhe tão dependente, tão ameaçadora de perigos para quem a soccorre, que por pouco se não accusa de irreflectida ou pobre de pundonor.

O affecto nascido a subitas devia ser medianamente violento por que D. Lucia raciocina e conclue que enlaçada com José Osorio do Amaral ganhou um tão poderoso e natural protector que já seu irmão não poderá ir assestar a sua vingança contra outro. Marcos e Christovão Freire vão restaurar o almejado socego. Ella terá cumprido a vontade de ambos que, espicassados por brios e piedade, lhe dão amparo, e tão de agradecer e todavia de recusar, que é dôr grande d'alma ver o pae temeroso da morte do filho e o filho com a pallidez do presagio a delatar as angustias abafadas.

D. Lucia saudou o sol do seguinte dia, sem ter provado somno.

Quando encontrou na casa do almôço o velho Christovão, sorriu-lhe com desusada alegria.

— Estás sem côr, menina! — observou o velho. — Tu não dormiste...

— Não dormi, meu tio; mas não soffri.

— A conversação do major deu-te que scismar... A mim tambem!... Que homem! Ha poucos d'aquelles, se ha outros. E' um resto dos bons tempos de Portugal. Pena é que á volta d'elle não estejam filhos que aprendam e herdem aquelles thesouros de honra...

— Quantas mulheres teriam encontrado uma feliz vida em tal esposo!... — disse Lucia.

— E quantas sei eu que o amaram! — tornou Christovão.

— Conheceu-as?

— As principaes das melhores familias. Foi um gentil rapaz!

— Conheceu-as todas, meu tio? —olveu D. Lucia com um sorriso que lhe alegrava as faces purpureando-lh'as.

— Conheci.

— Todas... não!

— Não?... Eu te digo as que me lembram.

Christovão nomeou algumas senhoras contando-as pelos dedos, e parou, recordando-se.

— Veja que lhe falta uma e a mais sua proxima parenta — emendou a menina.

— Quem foi?

— Pergunte quem é.

— Pois quem é?! Perguntou o velho.

— E' sua sobrinha Lucia.

Peixoto ergueu-se de salto e exclamou:

— Amas este digno homem, Lucia?

— Creio que amo, meu tio — respondeu ella serenamente.

XIII

Que homem !

Este hombre soy...

D. FELIX ARTEAGA — *Obras posthumas.*

José Osorio tinha dormido o somno dos que se deitam com a consciencia e coração em paz. Ao sair de casa para o quartel, encontrou Marcos Freire e o pae.

— Temos novidade ? — perguntou elle.

— Temos. Subamos — disse Christovão.

— Desafio ? — volveu José Osorio.

— Do amor — tornou o risonho velho.

— Com esse não me bato eu ! — redarguiu o major.

— Que remedio terás tu, valente ? — interveiu Marcos Freire.

Sentaram se.

— Quem falla ? — disse Christovão — sou eu ou tu, Marcos ?

— Que solemnidade ! — disse o major.

— Sou eu, se meu pae dá licença — respondeu Marcos.

— Dou.

Marcos Freire, feita uma pausa indicativa de embaraço, disse :

— Osorio, meu pae lamenta não ter uma filha. Se eu tivesse uma irmã virtuosa, pedia-te que honrasses nossa familia, aceitando-a como esposa. Adoptei, desde que minha alma pôde entender o que é um anjo n'este mundo, adoptei por minha irmã Lucia Peixoto. Meu pae e eu somos aqui para pedir-te que lhe dêes teu coração de pae e esposo.

O major não tregeitou nem exclamou. Encheu de tabaco a pipa do cachimbo pausadamente, acendeu-o e disse :

— Aqui ha dias passou-me pela cabeça uma idéa... passou, não digo bem ; mais exacto : entrou e demorou-se meia hora. A idéa era isto pouco mais ou menos : se eu tivesse menos annos e mais dinheiro, casava com Lucia. Menos annos por bem d'ella ; e mais dinheiro para quietação da minha dignidade. Casado com Lucia, dizia «Senhor Simão, roube lá sua irmã á vontade. Crave essas garras famintas nos bens d'esta mulher, sorva-os e embebede-se com esses punhados de ouro derretidos em lama ; gosc-se da impunidade de um ladrão victorioso ; o que vossê quizer, menos forçar sua irmã a ir calar no convento que vossê a roubou.» Aqui tendes a idéa, meus amigos, sem os accessorios com que a minha imaginação a vestiu. E, fallando verdade, guapamente estava a minha idéa vestida, quando accordei com quarenta e oito annos e um magro soldo com que vou ageitando o rancho. Dito isto, vamos a saber : como nasceu essa outra idéa vossa ?

— Nasceu no coração de Lucia — respondeu Marcos.

— O nascimento é o mais fidalgo — encareceu o major! — Devia ser bonito o nascimento de tal absurdo! . . .

— Seriedade, José Osorio! — atalhou gravemente o velho.— Agora fallo eu. O confidente de Lucia é Christovão Freire. Minha sobrinha respeita-me. Em sua presença, major, represento o pae de Lucia Peixoto. Venho dizer-lhe que minha filha o ama; venho pedir-lhe que a defenda como marido. Aquella menina é desgraçada. Crê-se responsavel das calamidades resultantes da sua fuga á tyrannia do irmão, e atterra-se de o ser. Entre tantos amigos, julga-se desamparada. Ella ouviu-o hontem, major, e admirou-o. A meu ver, não o ama pela sua coragem: é pela sua levantada honra. Maravilhou-se de uma dedicação que ella não conhecia no mundo, nem eu. Amou-o com o amor de filha, por que não tem seio onde se esteie com a confiança de que se acolhe a um legitimo amparo. Amou-o com o coração cheio de reconhecimento e crê que ainda a providencia lhe concede annos felizes, se poder encostar-se ao seu braço, major, com a justa soberba de mulher sem macula.

Christovão Freire proferiu a ultima palavra apertando ao seio com transporte o major e continuou:

— Osorio! não me contrarie! Veja a minha alegria que está na commoção e nas lagrimas!

O major, apertando ambas as mãos do velho, obrigou-o brandamente a sentar-se e disse:

— Não pensei dois minutos quando pedi que me déssem a vanguarda n'esta batalha com Simão Peixoto. Mas a batalha que os meus amigos me incumbem agora é peor, é formidavel! Tenho diante de mim a sociedade que escarnece os velhos pobres

que casam com as herdeiras ricas, na flôr da mocidade. Diante d'este inimigo confesso e juro que tremo e faço pé a traz. Eu ia pedir quinze dias para pensar ou quinze horas em derradeiro recurso. Desisto do requerimento, e respondo já. Casarei com a senhora D. Lucia Peixoto, observada rigorosamente a previa e seguinte clausula: D. Lucia fará doação de todos os seus bens de fortuna a seu irmão Simão Peixoto. Reduzida á pobreza, será minha mulher.

Christovão encarou no filho com perplexidade e assombro. Deteve se relançando a vista de um para outro e disse calorosamente:

— Lucia e eu aceitamos. Minha sobrinha não é irmã de Simão. Regeita e repelle o que lhe pertencia de herança de paes e de tios de Simão Peixoto. Lucia, a noiva de José Osorio do Amaral, é filha adoptiva de Christovão Freire. Quem a dota sou eu.

Marcos Freire abraçou o pae, clamando:

— Oh! isso é sublime, meu pae! Nós repartiremos como irmãos a sua casa!

José Osorio sorriu-se e disse:

— E', em verdade, esse seu um pensamento que vale um dote, senhor Christovão Freire! Das vossas mãos, amigos, não me teria eu de envergonhar aceitando as sobras da vossa opulencia; mas olhae generosas almas, eu cheguei aos quarenta e oito annos sem acertar com a vantagem de possuir um excedente á subsistencia de cada dia. Não me deis riquezas; louvae-me e ajudae me a satisfação de as desprezar. Ensinae a Lucia o desprendimento de umas tantas pompas que desviam o coração de viver de si proprio; inculcae-lhe como meritoria a qualidade do homem que se compraz de lhe dar meta-

de da sua mediania e a riqueza inexaurivel da sua independencia, e depois perguntae-lhe se quer assistir ao embranquecer completo d'estes cabellos e arriscar-se a chorar, viuva pobre, um amigo atravessado por uma balla. Dizei-lhe isto e depois disponde de mim. E deixae-me agora : bem vedes que sou um servo do estado e tenho de começar por mim o exemplo da disciplina militar. Vou ao quartel e já vou tarde.

O que faz a opinião publica

Per tal ordem fabricou Deus ho mundo, e
assi dispoz as suas cousas delle...

DUARTE N. DE LEÃO — *Leis extrava-
gantes.*

A curiosidade publica rebentava de impaciencia por não comprehender o segredo da suspensão da demanda instaurada por D. Lucia. Sabia-se que o advogado da hospeda dos Freires recolhera o processo e o sollicitador que divulgára que sua constituinte ia desistir dos seus direitos.

O gentio illustre, dispensando-se de tempo que o esclarecesse, aventou as causas da suspensão. Os opiniativos mais decentes diziam que Simão vencêra com o terror os conselheiros da irmã. Os infamadores estremes diziam que Simão transigira com a concubinage de Lucia e Marcos, tirando a partido a desistencia do litigio. Grassava terceira opinião: esta era a dos presumidos de mais sizo; vinha a ser que tanto uns como outros, homens e

mulheres, primos e irmãos e tios eram uma cáfila de tolos, de farçolas, de pataratas e descarados.

A protervia dos segundos interpretes da desistencia esfuziou como silvo de serpente nos ouvidos de Simão Peixoto.

— Não deixes correr esta aleivosia á custa seja do que fôr — diziam-lhe os amigos. — Tua irmã está em casa de Marcos Freire ; tua irmã suspendeu o pleito ; o advogado não entende a razão d'isto, n'uma occasião em que a voz publica te mordida e a sentença te ia sair condemnatoria. Os calumniadores conseguiram fundar bons alicerces á calúnia ; e, como te sobram inimigos, poucos são os que explicam o proceder de tua irmã como resultado de medo que Marcos te ganhou.

Estas incessantes incitações á colera exacerbada de Simão Salazar Peixoto podiam ser despontadas, se o major não obrigasse Christovão e Marcos a calarem o projecto do casamento. Ninguem rastejou o segredo, porque tal hypothese, atirada á circulação, seria recebida como paradoxo e a mais parvoa das invenções. Simão Peixoto escreveu a Marcos Freire uma carta recheiada de improperios dentre os quaes se tirava a limpo que o insolente ordenava a immediata saída de sua irmã do bordel onde se recolhera como barregan repulsa das casas honestas.

Marcos escondeu esta carta de Lucia, de seu pae e propriamente do major.

Saiu logo em demanda do insultador, topou-o n'uma rua das mais frequentadas, remeçou-lhe o cavallo, cingiram-se os dois hombro com hombro na reciproca arremetida. Simão recebeu no rosto duas vergoadas d'um azorrague e destrribou-se até, des-

equilibrado e repuxado pela gola do casaco, vergou e caiu do cavallo.

Agglomeraram-se os tranzeuntes á volta de Peixoto.

Os conhecidos levaram-o para uma loja de mercador a sacudir-se da lama.

Os olhos d'aquella gente via e não queria crêr tamanha derrota e descredito da fama de Peixoto ! O mestre d'armas, o terror dos valentes, assim posto de um cavallo abaixo á lama, com duas betas roixas na cara, feitas por um latego, o mais aviltador de todos os insultos !

Marcos Freire, em seguimento do feito que já estrondeava na cidade, foi mostrar a seu pae a carta recebida, a tempo que o major entrava já sabedor do caso.

Christovão louvou seu filho. O major, porém; sem o deslouvar, parecia triste.

Perguntaram-lhe se reprovava o acto.

— Não... — disse elle, e aproveitou a primeira aberta de estar a sós com o primo de Lucia para lhe perguntar se acceitaria o duello provocado por Simão, coisa que necessariamente ia seguir-se.

— Acceito — disse Marcos.

— Não debes — replicou Osorio. — Simão deu uns murros em Heitor Leme ; e, provocado a combate, respondeu que não dava com a espada em homem que houvesse castigado com murros e pontapés. Já sabes o que te cumpre responder. O azorague não é mais decoroso que o murro.

— Hei de bater-me, não obstante — redarguiu Marcos — por que me accuso de covarde, se recusar o duello. Eu já sabia que, atacando-o, lhe bateria ; não ha de que me ufanar por ter dado. Qual-

quer mariola covardissimo m'ó poderá fazer amanhã. Porém, se eu deixar de ir a um combate preparado com Simão Peixoto, o mundo dirá que o temo e a minha consciencia não poderá responder satisfatoriamente á opinião publica.

O major não recalcitou.

Quiz ainda fallar-lhe no filho, no seu Alvaro e na mãe da creança. Absteve-se por compaixão; e escrupolisou em ser parte n'um acto de franqueza: por que a razão do major abraçava os briosos receios do seu amigo.

Duas horas depois, os padrinhos de Simão Peixoto procuravam Marcos Freire.

Agonias

Despedaçada a voz, desata o pranto na eloquencia das lagrimas. .

D. ANTONIO DA CUNHA — *Memorias funebres* . .

Marcos Freire perguntara a José Osorio se aceitava o encargo de estipular as armas e condições do combate.

— Sim — disse o major — e, se não me offereceses o encargo, iria usurpal-o eu a quem o dèsses.

— Por tanto — ajuntou Marcos — não tenho que ver com os padrinhos de Simão. Escolhe quem te approuver para segunda testemunha. Eu vou ao Candal e na volta saberei o que houver occorrido.

Por tanto, os enviados de Peixoto receberam em casa de Marcos aviso para se entenderem com o major.

Deixemos em conferencia os quatro juizes do tribunal de honra, e sigamos ao Candal Marcos Freire.

A tarde é d'agosto. As ramas dos arvoredos ci-

ciam uma saudosa toada. Pendem amarelidos e queimados pelo sol os boninaes das gandaras. Contrastando com a seqidão dos montados, esverdecem e medram os milhos dos almargens. A vasta folhagem vapora um acre aroma que embalsama a respiração. As aves desemboscadas das suas acolheitas, pulam por entre os milharaes a dessedentar-se nos meandros da agua que os rega. Da espessura dos mihos surdem os descantes de vozes, as quaes parecem aprofiar n'aquellas suas vagarosas intonações que dão tristeza.

Marcos vae 'percorrendo e vendo estes quadros convidativos de maviosas sensações. A espaços, encontra alegres ranchos das familias habitadoras das casas que alvejam por entre as carvalheiras e castinçaes. As creanças desobedientes ás ordens dos paes, trepam ribanceiras, prendem-se nos silvedos, rasgam-se nos espinheiros, e, seguras da indulgencia, acclamam com festivas risadas a sua liberdade de avesinhas. N'um d'estes grupos vão-se os olhos de Marcos, aguados por um subito resumbrar de lagrimas.

Caminha. Na alameda fronteira ao portão da sua casa, vê o filho, correndo em redor da mãe, com um cordeirinho branco á trella. Maria de Nazareth exclama :

— Elle lá vem !

A creancinha soltou o cordeiro e correu a encontrar o pac, que se apeiou para tomar no colo Alvaro.

Marcos apressa-se a entrar no jardim e embusca-se n'uns caramancheis fechados de cyprestés e murtas. Segue-o Maria, a quem elle não dera ainda uma expressão das poucas com que a sua saudade se contentava.

Fixa o espantada; porque elle tem os olhos cravados no filho e tão perto do rosto como se a cada instante lh'os cegasse mais a onda das lagrimas.

E não proferiu palavra alguma.

— Senhor Marcos, que tem? — clamou Maria de Nazareth com as mãos postas sobre o seio arquejante.

E elle, estendendo e arqueando o braço, aproximou do seio a mãe da creancinha e deixou pendrer a cabeça entre o rosto d'ella e o do filho.

Maria rompeu n'um suffocado soluçar; e o pequenino beijou-a. Póde ser que a creança, habituada a vel-a chorar e a vel-a sorrir depois, se elle a beijava, cuidasse então que assim daria o costume allivio a sua mãe.

— Não me dás um beijo a mim filhinho? — disse Marcos.

O menino apertou-lhe o pescoço com os bracinhos, beijou-o e quedou-se triste.

— Já sei o que é!... — murmurou Maria, com o rosto entre as mãos e um arfar de peito que parecia trabalhosa ancia de morte.— Ah!... pobre creancinha, que eu tambem te deixo!...

— Que sabes tu, Maria? — perguntou Marcos.

— E' o que eu temia — soluçou ella — é o irmão de sua prima que o quer matar... E', meu Deus, é... que as suas lagrimas são de despedida... Vem dizer nos adeus, senhor Marcos... E deixa-nos aqui... deixa este menino sem pae nem mãe...

Marcos levantou-se, exclamando com inexprimivel angustia:

— Soccorrei-me, Deus do céo!...

E no silencio da sua alma, ajuntou:

— Não me deixeis morrer, por este innocentinho vol-o rogo!

Maria, com os braços pendidos, o rosto branco de jaspe e o seio quieto como empedrenido, tinha os olhos spasmodicos fitos no chão. Aquelle torpor de corpo e alma era o contemplar interior de uma negredão que se avisinha e cerca, e apaga com as suas trevas a luz do entendimento.

Mulher nascida n'outra escaleira social, feita n'outra sociedade e fortalecida para os infortunios na pratica de gente onde elles são mais habituaes, desafagoria em gritos, ajoelitaria diante de Marcos pintando-lhe o seu desamparo e o do filho, chamaria quem lhe dêsse auxilio para obstar ao duello, rojar-se-ia no limiar da porta com o filho nos braços para lhe tolher a passagem, invocaria a justiça humana e a misericordia divina. Ella não. Affeita a respeitar aquelle homem, sem que o amor e a confiança, alguma hora, lhe dêsse ousio para querer egualar-se-lhe, Maria tudo o que podia dizer em breve o disse. E sendo que a impetuosa afflicção não podesse respirar, nem a cultura do espirito e recursos da razão lhe inspirassem a commovente e persuasiva eloquencia de mãe e amante como esposa, a pobresinha internou-se toda na sua reconcentrada agonia, sentindo talvez o indefinivel vacillar entre a loucura e a morte.

E Marcos dizia entre si:

— Por que vim eu!... Que desatino me trouxe aqui, meu Deus! Que esperava eu d'este horrendo trance!...

N'este momento, parou uma sege á porta do jardim.

Marcos Freire conheceu a voz alvoroçada de sua prima que o chamava a gritos. Os criados indicaram-lhe o sitio para onde o fidalgo se encaminhara.

Lucia correu ao caramachão e, avistando o primo, abraçou-se n'elle clamando :

— Achei-te ! Graças, meu Deus, que me haveis de ajudar a salvar-o ! Já sei que foste desafiado, Marcos ! Não vaes, não vaes ao duello, ou irei contigo !

Maria de Nazareth, sacudida de sua muda angustia pelos gritos de Lucia, correu para ella e abraçou-se-lhe aos joelhos, sem poder articular expressões que os soluços lhe cortavam.

Marcos Freire sentiu-se quebrado de tamanhos e tão seguidos embates. Olhava em redor de si com o filho suspenso do pescoço ; queria desligar-se d'elle ; a creancinha chorava de assustada dos clamores de Lucia ; Maria de Nazareth pedia á fidalga que lhe valesse ; os creados acercavam-se do sitio onde ouviam os brados. O lance era dos que sobrelevam as torturas sem nome !

Marcos poz o filho nos braços da mãe e pediu por misericordia que o não enlouquecessem. Valeu-lhe o desabafar d'um chorar copioso, interrompido de gemidos que elle retrahia premindo-os nos labios com as mãos convulsivas.

Passados minutos, começou fallando serenamente, com pausadas vozes. Disse que o desafio não se tinha ainda tratado ; que elle poderia obstal-o sem fazer pouco de sua honra ; que o deixassem tirar-se nobremente d'aquella má situação. Pediu a Lucia que não fizesse coisa que o tornasse ridiculo ; e se lembrasse que a peor morte para elle seria a infamia. Sobreveio no astucioso disfarce de suppor ainda em conferencias o duello e talvez se dessem e trocassem explicações com que tudo terminasse pacificamente.

Maria de Nazareth acreditou. Lucia Peixoto fingiu acreditar.

Que meditava ella?

Deteve-se alguns instantes, abraçou o primo e o afilhado, disse palavras esperanças a Maria de Nazareth e saiu, sem dar tempo a que Marcos a seguisse á sege.

O bolieiro, quando ella punha o pé no estribo, ouviu-lhe dizer :

— A galope... Vamos a casa de meu irmão.

XVI

Era tarde

Buelve, dolor, a matarme,
Apura la flecha ardiente.

MARIA DO CéO—*Enganos do bosque.*

Lucia Peixoto appareceu de repente a Simão que estava encerrado com os seus padrinhos, altercando em altos brados. Quando elle a viu, estacou de golpe, encruzou os braços e disse :

— Esta mulher que vem aqui fazer ?

Lucia respondeu com brandura mas altivamente :

— Venho offerecer-me ao teu odio, Simão. Aqui me tens. Vingate em mim, que fui eu e sou a tua inimiga. Marcos é a victima innocente que a minha desgraça fez. Não exponhas a tua vida para me ferir, matando o compadecido amigo que eu arrastei com as minhas lagrimas. Deixa-o viver, que elle é bom e é pae. Vive tu, que estás moço e tens razão de esperar muitos annos felizes. Basta que se perca uma vida fadada para a desgraça eterna. Faze de mim o

que quizeres, Simão. Entro na casa onde nasci sem opprobrio. Juro-t'ó pela memoria de nossa mãe. Se tens como baixeza esmagar uma mulher debaixo de teus pés, satisfaz-te com a minha humildade que te pede perdão. Eu entrarei hoje mesmo no convento que me destinares.

Simão Peixoto despediu uma risada secca e resumeneou por entre os dentes, voltado para os amigos :

— Mandaram-na cá os covardes...

Um dos padrinhos contrariou :

— Não dizes verdade.

Simão aproximou se da irmã e continuou sarcasticamente :

— De maneira que a senhora vem dizer a Simão Peixoto que dê por saldadas as contas com o seu amigo Marcos Freire Pamplona, depois que elle, n'um rompante de lacaio, me tocou na cara com um tagante!... D'este modo insultado, entende a senhora D. Lucia que eu me devo accomodar com o insulto, logo que a sua importante pessoa se offerece em sacrificio para aplacar a vingança!...

Lucia poz os olhos no rosto do irmão e viu os vergões do açoute. Ella ignorava o successo. Perdeu logo o animo. Entrou-se da impossibilidade de obstar ao duello.

— Reparou bem?—proseguiu elle.—Viu os signaes da façanha do seu amigo? Dá-lhe isto gloria, senhora D. Lucia? Parece-lhe bem que o seu compassivo protector conceda honras d'estas á casa onde a senhora nasceu? Regosija-se de ter posto dois homens, que eram amigos, em frente um do outro para se matarem? Não: a menina não quer sangue—proseguiu elle cascalhando rispidamente—satisfaz-se com um sacrificio incruento. Immola-se ella generosamente

te em logar do seu Marcos e propõe-me que me deixe estar por casa em quanto estas nodoas da cara se conhecerem, e depois que vá ahi pelas praças offerecer á canalha uma cara já acostumada ás affrontas dos cavalheiros que só conhecem as armas usadas nas estrebarias!... De sorte que a senhora, por se chamar minha irmã, convenceu-se e veio aqui convencida de que devemos sêr eguaes nos appellidos e na infamia!...

Um dos cavalheiros levantou-se e disse a Simão:

— Esta senhora é filha de meu tio Balthasar Peixoto.

E, offerecendo-lhe a ella o braço, continuou:

— Veja vossa senhoria onde quer que eu a acompanhe.

D. Lucia, lavada em lagrimas, acceitou machinalmente o braço de Egas Coelho e desceu ao pateo.

— Não pôde evitar-se o duello — disse-lhe o parente.—O primo Freire foi excessivo no ultrage, e devia, sendo tão seu amigo, prima, lembrar-se que Simão Peixoto era seu irmão. O que tivemos esperanças de conseguir foi que se batessem á espada: assim poderiam ficar mais ou menos fereridos; porém Marcos Freire não joga a espada e os padrinhos querem forçosamente que se batam á pistola.

Lucia apenas o ouvia. Murmurou algumas palavras inintelligiveis e entrou como sem accordo na sege.

Conduzida a casa de Christovão Freire, foi transportada sem sentidos. O velho, áquelle tempo, fechado no seu quarto, abafava nas roupas do leito os gritos para que os familiares não soubessem que um Freire chorava com medo que seu filho succumbisse n'um conflicto de honra.

XVII

Disposições testamentarias

O' Deus.....
Dai-me agora favor que é necessario
Para que contar possa aqui o perigo
Quasi chegado ao fim d'este receio.

JERONYMO CORTE REAL—*Naufragio.*

A insistencia do combate á pistola foi de José Osorio, prevalecendo-se da vantagem do desafiado na escolha da arma. Outra qualquer aggravaria grandemente o risco de Marcos, nada exercitado em florete ou espada, armas de que Simão tirava a sua temivel superioridade sobre os optimos esgrimidores.

Negara-se ao principio a entrar em combate de tiro Simão Peixoto, culpando os padrinhos de máos patronos de sua honra por haverem concedido a Marcos a faculdade da escolha, tendo sido elle Simão o insultado. A boa razão estava da sua parte; mas o estylo favorecia o desafiado, sem ponderar as injurias anteriores ao desafio.

O local pactuado foi uma chá de agra que hoje

está cultivada em pinhal e demora ao poente da *Mãe d'agua*, fóra de barreiras, convisinha da estrada entre Porto e Braga. Estipularam vinte e cinco passos de distancia e tiros simultaneos. A hora aprasada para o encontro foi ao romper do dia.

Marcos Freire, ao voltar do Candal, foi inteirar-se a casa do major da conclusão das conferencias. Ouviu com inalterado semblante o accôrdo, agradeceu ao seu amigo os bons serviços, e disse, com a voz primeiro firme e algum tanto commovida depois :

— Se eu morrer, Osorio, dirás a meu bom pae que providencie para que Maria de Nazareth e meu filho não soffram necessidades. A casa em que ella vive comprei-a em nome d'ella : mas não basta possuir um telhado e umas arvores. Assim que eu lhes faltar, ella e o filho estão desamparados, se meu pae os não soccorrer. Era minha tenção pedir isto pessoalmente ao pobre velho ; mas fallece-me o animo. Fiado em demasia na minha força de alma, fui ver hoje o meu Alvaro e cuidei lá que endoudecia de afflicção. Não me affoito a fallar nem escrever a meu pae. Tu lhe dirás isto, se eu succumbir.

— Não posso dizer-lh'o — contraveio o major. — Escreve-lhe.

— Pois que duvida tens em aceitar esta incumbencia ?!

— Não posso aceitar-a.

José Osorio deu agitadoamente umas voltas na sala, parou de subito em frente de Marcos e disse :

— Não posso aceitar a tua incumbencia, e eu te digo porquê. Se não morreres, estão prejudicadas essas disposições. Se morreres, Simão Peixoto não te sobrevive mais tempo que o necessario para se

defender da morte que hade vencê-lo. Simão Peixoto hade morrer alli, logo, irremediavelmente, entendês-me, Marcos ?

As pupilas de José Osorio coriscavam. Parecia que os cabellos curtos e hirtos lhe davam parencas de javali em furia. Os resfôlegos das ventas sahiam em jactos de fumo.

— Irremediavelmente, entendes-me ? — continuou. — Se te sentires ferido e moribundo, vae-te á eternidade com a cêrteza de que eu me vinguei a mim, a mim, Marcos, por que eu não consinto que viva um quarto de hora o matador de meu irmão, que eras tu.

Demudou-se a subitas o aspeito iracundo do major. Marcos, apertado nos braços d'elle, sentiu as faces orvalhadas pelas lagrimas do seu amigo.

— Osorio, conversemos, tranquillamente — disse Freire soffreando o seu abalo. — Se eu morrer, não penses em vingar-me, pensa em ser bom e util para as pessoas que eu amei. Realisa o teu casamento com Lucia, vigia a educação de meu filho, aconselha a meu pae a beneficencia á pobre rapariga, e dize-lhe a ella que tem obrigação de vencer a sua dôr, para que o filho não fique todo orfãosinho.

— Pois conversemos tranquillamente — sobreveio o major tirando pelos bigodes freneticamente. — Se tu morreres, tua prima Lucia não carece de marido para amparo e defeza. Livre do verdugo te juro eu que ella fica ; ora, como lhe não conheço outro inimigo, não ha para que lhe desejemos quem a defenda. Quanto a desamparada... tambem não fica. Optimo amparo é o da grande casa do irmão, cuja herdeira ella é. Isto pelo que respeita a Lucia. A teu filho não temamos que lhe falte o amparo. Vaticino que

elle será o herdeiro de teu pae. Maria de Nazareth será igualmente participante dos beneficios que o honrado Christovão Freire fizer a seu neto. Fechemos esta palestra, assim a modo de instrumento testamentario. Vae dormir, que eu não me dispenso de repousar as horas costumadas. E' meia noite, e ás quatro e um quarto rompe a manhã.

— Não consentes que eu seja teu hospede esta noite? — disse Marcos.

— Alli tens a minha cama. Reservo para mim este canapé. Aqui mando eu. Deita-te, que ainda vou dar umas ordens precisas ao camarada.

Marcos sentou-se no leito, apoiou os cotovelos sobre as pernas e a face entre as mãos.

Se as almas morressem, os seus paroxismos deviam assim principiar pelos tormentos d'aquella.

Algum tempo depois, levantou-se Marcos para escrever a seu pae.

A's tres horas da manhã, o major não tinha entrado, e Marcos escrevia ainda.

XVIII

O Duello

Bien es que procures conservar la vida en paz, y quietud: pero si te pareciere incurrir en algun peligro, trabaja defenderla con honra, y estimacion, y no la guardes com menoscabo de tu fama, por que el morir a todos quizo Dios que fuesse comun: el morir honradamente a solos los buenos concedió.

PEDRO MEXIA — *Parenesis.*

A aurora do dia vinte e seis de agosto de 1818 repontou saudada pelos gorgeios das aves.

O oriente enrubescido annunciava um dia calmoso. Os cantores dos bosques madrugavam a deliciar-se na frescura matinal.

Marcos Freire e os dois padrinhos caminhavam a pé e taciturnos por entre as searas visinhas da egreja da Lapa. Defronte de Paranhos ouviram á retaguarda o rodar de uma carruagem a desapoderado galope dos cavallos; e para logo Simão Peixoto, os padrinhos, e um cirurgião perpassaram ávante dos outros, saudando-se reciprocamente.

O companheiro do major, coronel inglez ao serviço de Portugal, observou, examinando o trilho, que momentos antes devia ter passado na estrada um cavallo, afóra uma parelha aposta a uma traquitana.

As pégadas do cavallo conhecia perfeitamente o major; os vestígios, porém, da traquitana deram que pensar a Marcos, figurando se-lhe que era a de seu pae.

Revelou a suspeita ao major, presumindo que Lucia teria o desatino de vir ao local do combate dar espectaculo de lastimas.

— Como havia de saber ella o sitio? — observou o major.

— Não sei se é ella — interveio o coronel inglez — se fôr, a imprudencia foi minha, por que impensadamente disse ás dez horas da noite a um amigo de Christovão Freire o local, e sómente depois desconfiei que o indagador podia estar de intelligencia com a justiça ou com o pae do senhor Freire.

— Meu pae é incapaz de impedir o combate — disse Marcos. — Se eu o recusasse estaria morto para a estima d'elle.

Chegaram ao sitio designado. Não viram ninguem afóra Simão e as tres pessoas que o acompanhavam.

A chá onde se havia de medir a distancia entestava ao nascente, andados duzentos passos, com uma breve ladeira para além da qual se distendia uma planicie invisivel do local destinado para o combate. Marcoss Freire tinha os olhos postos na lomba da pequena encosta, receando ver instantaneamente assomar Lucia. Realidade ou phantasia, figurou-se-lhe enxergar uma cabeça de homem entre a ramaria de uns pinheiros novos.

Marcou o major vinte e cinco passos, assignalou o terreno deslocando com o pé duas pedras e levando-as ás balisas demarcadas. O coronel e Egas carregaram as pistolas. Os combatentes ouviram as breves instrucções dadas pelo coronel.

Não denotavam sombra de torvação os combatentes.

Postaram se, ouviram a voz de fogo, dada pelo coronel. A baía de Simão Peixoto bateu em cheio no peito de Marcos Freire. O trespasado, ao cair de bôrco, ia morto.

O major sem mover-se da sua postura, perguntou ao cirurgião se Marcos Freire tinha morrido.

O interrogado respondeu que sim.

Osorio acercou-se a passos mesurados de Simão Peixoto, e disse-lhe indigitando o cadaver :

— Aquelle sangue não é bastante para lavar os vergões que o latego de Marcos Freire lhe cortou hontem na cara, senhor Peixoto. Marcos é morto, mas os vergões ficaram. O honrado está alli ; o infamissimo vive n'esse miseravel chicoteado que me escuta covardemente. Eu creio que na cara onde Marcos Freire estampou indelevel deshonra posso eu tambem cuspir.

E, dizendo, cuspiu lhe no rosto.

Simão arremessou-se para elle ferozmente. O major esperou-lhe a garganta entre as mãos recurvas como garras. Os cavalheiros presentes lançaram-se em meio, arrancando-os um do outro.

O major continuou serenamente :

— Quero ser generoso rehabilitando este deshonorado homem, aos olhos de quem lhe vê os vergões e os escarros na cara. Aceito-lhe o desafio e já. A sua arma predilecta é a espada. Venham espadas.

— D'onde? — perguntou o coronel.

O major fez um aceno para o alto da ladeira onde Marcos julgara ver um rosto de homem.

Momentos depois, do sopé da encosta surdiu o soldado do major, correndo á desfilada do cavallo para o seu amo com duas espadas sobraçadas.

Osorio mandou retirar o soldado e deu as espadas ao coronel e a Egas Coelho para que as medissem.

Eram eguaes.

Simão empunhou galhardamente a sua. Se a explosão da raiva lhe não descompozesse a attitude em phreneticos tregeitos, daria a suppor vantagens sobre o adversario com a simples destreza dos primeiros golpes.

O combate corria sem condições nem resalvas de estocadas. Sem embargo, o major esperou a primeira com o animo frio de quem, livre de um golpe mortal, se impõe o dever de matar o adversario. De feito, Osorio sentiu que a ponta da espada adversa lhe raspára no sovaco esquerdo. O coronel despediu um *oh!* de consternação, por se lhe figurar que o seu camarada ia cair. N'este lance, o major estendeu-se a fundo, tirando uma estocada franca, e logo, apoz o grito rouco de um ou de ambos, Simão Peixoto largou a espada, inclinou o pescoço sobre o hombro direito, levou ambas as mãos ao seio e, caindo sobre o joelho esquerdo, espirou nos braços de Egas.

O major abraçou o coronel, apertou a mão dos padrinhos de Peixoto e caminhou vagarosamente para o local d'onde viera o soldado.

Andados cincoenta passos, avistou ao travez do arvoredado dois homens em postura de abraçados, pa-

recendo estar um pendente dos braços do outro. Avisinou-se e reconheceu Christovão Freire, sem sentidos, nos braços do seu velho escudeiro. Tomou o ancião para o peito, chamando-o e agitando-o com affligidissimo aneio. O velho cobrou alento, reconheceu o major e tartamudeou :

— Elle morreu?... o meu filho...

— Morreram ambos — disse o major. — Que veio aqui fazer, infeliz ?

— Vinha vingar o meu filho... mas faltou-me a vida, quando corria para lá...

— A sua sege ? — perguntou o major.

— Está na estrada — respondeu o escudeiro.

— Venha, senhor Freire — tornou Osorio, levando-o nos braços, — recolha-se á sua sege.

— E o cadaver do meu filho ? — obstou elle. — Eu quero levar comigo o cadaver do meu Marcos.

— Tem animo ? — perguntou o major.

— Tenho, e, se morrer abraçado n'elle, que mais quero eu d'este mundo ?...

— Poupe-me de voltar lá, senhor Freire, — instou Osorio — eu chamo quem o conduza.

— E para onde vae, major ? — perguntou o velho sem querer desprender-se d'elle.

— Mundo fóra, meu amigo. Os homicidas expatriam-se. Dê um abraço em D. Lucia, na minha esposa promettida — disse elle sorrindo. — Se ella me não perdoar a morte do irmão, Deus me perdoará. Amigo, duas palavras : olhe se ampara a pobrinha da mãe de seu neto. Lá está na minha casa uma carta que seu filho lhe escreveu. Se quer que a alma do seu Marcos tenha alegrias n'outro mundo, ame-lhe muito aquelle filhinho, sim, meu honrado velho ? Olhe que Marcos, se teve um instante da conscien-

cia da morte, pensou na creancinha e viu-a desamparada. Lembre-se tambem da triste mulher. Pão e amor para os dois desgraçados, sim? Adeus!...

E desatou-se dos braços de Christovão.

Retrocedeu alguns passos, e clamou para o grupo dos cavalheiros que rodeavam os cadáveres:

— Meu coronel, ahi vae o pae de Marcos Freire para acompanhar o filho. Faça-lhe a mercê de ajudal-o a transportar o morto á sege.

E, atravessou para o caminho de Braga, enchugando as lagrimas ao canhão da farda.

Cavalgou e partiu de galope.

XIX

Maria

... Que un alma en su purgatorio en una hora puede padecer mas que otra em syclos mil.

ANTONIO PERES. — *Cartas a D. Joanna Coelho.*

A's oito horas d'aquelle dia principiaram a dobrar os sinos a finados nas egrejas em que os dois mortos eram suffragados em virtude de serem irmãos de certas confrarias.

A cidade parecia transida de horror. Não havia caso semelhante em memoria de velhos. As familias nobres e os brazões das casas vestiram lucto.

A tristeza chegou propriamente aos que, propagando os irritantes boatos, esporeavam á vingança e ao ultimo desaforo da calumnia a Simão Peixoto.

D. Lucia estava na cama e febril quando ouviu extraordinario rumor e plangente alarido na casa. Saltou do leito a escutar. Viu as suas parentas correndo ao quarto d'ella e clamando que estava no pa-

teo o cadaver de Marcos cercado de justiças, e que o major Osorio matara Simão.

Lucia quiz lançar-se fóra do quarto. As senhoras, não podendo sósinhas reter-lhe as forças extraordinarias do delirio, gritaram por soccorro. A irmã de Simão, escabujando com as roupas já despedaçadas, caiu sem alentos e foi arrastada para a alcôva.

Encheu-se de parentes a casa de Christovão Freire; eram os mesmos de Simão; mas no palacete dos Peixotos, onde o cadaver foi conduzido, apenas appareceram os creados que o recebessem. Egas Coelho tomou sobre si o cuidado de dar sepultura a Simão, recusando-se todavia de figurar de parente anojado.

As senhoras Camaras Lemes e outras, reunidas na ante-camara de Lucia, calculavam pouco mais ou menos por dezenas de mil cruzados a *fortuna* da herdeira de Simão, e dizia uma das mais conspicuas que, se Lucia d'antes tinha casamentos bons, agora podia casar com homem titular.

Entretanto, os medicos, repartindo-se entre as camaras de Christovão Freire e da sobrinha, consultavam-se com certo ar de pessoas á conta de quem corria a cura das duas almas dilaceradas.

Vamos ao Candal. Aqui ha que chorar sem que algum incidente nos provoque uma ironia: aqui a desgraça desborda de sua enchente; vê-se o que é peor que a morte a fogo lento; e não acabamos de entender como Deus tem creado angustias assim e como valem forças humanas a comportal-as.

Uma mulher encanecida, involta em sua mantilha, com as faces maceradas e a luz dos olhos quasi extincta, assomou ao portão de Maria de Nazareth, ás nove horas d'esse dia.

Alvaro, que brincava sósinho perto d'alli, porque sua mãe estava desde a meia noite ajoelhada ante um painel do Senhor dos Affictos, assim que viu a desconhecida velha despediu a correr para o regaço da mãe.

Maria, ouvindo-lhe os rapidos pésinhos, perguntou-lhe alvoroçada :

— E' o pae, Alvaro?

— Não, mamã — disse o menino a tremer e a esconder-se nas dobras do chaile.

— Pois quem é?! Tens medo?

— Tenho.

Maria ergueu-se e saiu ao patim da escaleira.

Viu a velha; tremeu; deteve-se a reconhecê-la; julgou que era... duvidou... ia perguntar, quando a mulher macerada lhe disse brandamente :

— Sou eu, desgraçadinha!

Lanhou-se o coração á fulminada moça. Aquella mulher vinha annunciar-lhe que... O presentimento era atrozmente verdadeiro: mas Maria fugiu com a alma ao pungente agouro para o não ouvir completo.

A velha aproximou-se e murmurou :

— Maria, estás desamparada; venho buscar-te...

O pae de teu filho morreu.

O estridulo grito que estalou do peito de Maria semelhava silvo pavoroso de uma féra. A creança caiu-lhe dos braços sobre as lages. A mãe não ouviu o vagido do filho que lhe estendia os braços supplicantes. Galgou os degraus de dois impetos de furiosa investida contra a mulher.

— Isso é mentira! — bramia ella sacudindo-a a empuchões de louca. — O senhor Marcos não morreu... Não me minta, não me minta que eu mor-

ro... Que é do meu Alvaro?... que é do meu filho? Vamos procurar teu pae, menino... Anda, anda... depressa meu filho!...

E, correndo em redor da velha, procurava o filho com os olhos esgazeados e abaixava-se á terra como para o tomar nos braços. Então era o irromper em desabridas vozes:

— Senhor Marcos! acuda me, que me roubam o nosso Alvaro!... Esta mulher não me perdoou e vem do inferno atormentar-me!... Ai! que me mataram o pae do meu filho, e lá me roubaram o anjinho da minha alma! Que dôr será a do senhor Marcos, quando eu logo lhe não levar o filho ao caminho!...

E desatou em vertiginosa corrida até ao portão do jardim e o filho depoz ella chamando-a a gritos consternadores.

Ao sahir do portão, Maria foi rodeada de senhoras da quinta proxima, já avisadas da morte de Marcos e attrahidas alli pelos brados. Tiveram mão d'ella; e de prompto conheceram que a formosa mãe da loura criança, que lhe tirava pelos vestidos, enlouquecêra.

— Quem é vocemecê? — perguntou uma senhora á velha que banhada de lagrimas, abraçava a louca.

— Sou a mãe d'esta infeliz... — respondeu ella.

Trevas e lagrimas

D'aquí aprenderão os martyres

FR. PEDRO CALVO — *Da defensão das
lagrimas dos justos.*

Thomé Fernandes, de alcunha o Tamanqueiro, tinha morrido um anno antes dos successos relatados.

Os haveres legados á sua viuva, orçando por quinze mil cruzados em predios, representavam ha meio seculo um bom espolio de negociante de pequeno trato.

Rosa Fernandes, mãe de Maria, posto que nunca mais houvesse directas noticias de sua filha fugitiva e deshonestada, considerava que os seus haveres deviam ir ter á mão de sua filha, cujos eram legitima e religiosamente, sem embargo do ruim caminho que ella levava, e ainda sem impedimento de lhe haverem dito os padres que dispozesse do seu dinheiro em missas e obras pias.

Santa mulher que pôde resistir aos padres e obedecer a Jesus Christo !

Assim que a noticia da tragica morte do seductor da filha chegou a sua casa, saiu logo a velha caminho do Candal. E, ao anoitecer d'aquelle dia, a mãe, cheia de graça e misericordia do Senhor, foi buscar em uma carruagem a filha e o neto, recolhidos em casa das compassivas senhoras, que acudiram aos gritos da demente.

Ora, até áquelle momento ninguem da casa de Christovão Freire havia procurado o filho de Marcos. E' que nem o velho nem Lucia tinham ainda desatado a alma das angustias proprias para poderem lembrar-se das alheias.

Ao outro dia, o velho, ainda antes de lêr a longa carta de Marcos, escripta nas suas ultimas horas, mandou parentes ao Candal procurar e conduzir para sua casa Maria de Nazareth e o filho.

Os enviados desandaram a noticiar que Maria insandecera e fôra levada por sua mãe e o menino juntamente.

Mandou o fidalgo, como quem ordena, buscar Maria e o seu neto a casa da viuva de Thomé Tamanqueiro.

Rosa respondeu humildemente que Maria de Nazareth e o menino estavam em casa de sua mãe e avó. Observaram os mensageiros que deixasse ir a creança ao menos ; que o contrario seria estorvo á sua futura felicidade. Replicou a velha que de melhormente deixaria ir a creancinha, se ella para ter pão carecesse dos beneficios de seu avô ; mas como, louvado Deus, ella tinha o bastante para a sua educação e subsistencia limpa, não havia razão forte que a obrigasse a tirar o filho á mãe. E ajuntou que ti-

nha muita fé em Nossa Senhora que a sua filha tornaria á razão ; e que, se não visse o seu Alvaro, inlouqueceria de novo ou morreria de dôr.

Cessaram as instancias de Christovão Freire e elle mesmo divulgou as virtudes maternas da mulher do povo, promettendo ir visital-a e beijar seu neto, se Deus lhe permittisse vencer a morte.

D. Lucia, volvidos alguns dias, saiu do leito com apparencias de cadaver. Qualificaram-na de ferida de thysica pulmonar e para pouquissima vida. Verdadeiramente, os prognosticos da sciencia mal poderiam receiar quebra de sua costumada infalibilidade.

A primeira, a segunda e todas as saídas de D. Lucia, a rica morgada, era de cadeirinha com as cortinas impenetraveis, para casa de Rosa Fernandes.

As primeiras visitas aggravaram-lhe a enfermidade. Era um incessante chorar com o menino no collo. Redobravam as pennas, se o pequenino se abraçava á mãe e ella o sacudia violentamente de si exclamando com voz enrouquecida e cava :

— Não te quero... Não és o meu Alvaro... o meu filhinho está no céu com seu pae.

Lucia dizia-lhe tudo que podia espertar-lhe as lagrimas, citava o seu nome muitas vezes, lembrava-lhe o dia do baptisado, as infantis graças do menino, o amor que o pae lhe tinha, lia-lhe a carta que elle deixára ao avô de Alvaro.

E todo este recordar custava á attribulada senhora inenarraveis afflicções.

Maria de Nazareth umas vezes ficava-se a escutal-a com olhares fixos e chammejantes ; outras vezes chorava alternando com os soluços dizeres dis-

paratados, e, muitas vezes, quando Lucia se contorcía em lancinantes transportes, desfechava ella umas gargalhadas asperrimas que raspavam no coração da prima de Marcos Freire como vidro em chaga viva.

Christovão Freire já acompanhava a sobrinha a casa de Rosa. A velha agradou-se tanto da respeitavel e piedosa presença d'aquelle ancião, que já lhe consentia levar comsigo o menino, tirando a partido que elle viria sempre pernoitar com sua mãe para o caso esperado de lhe apparecer logo que ella recuperasse o juizo.

O menino voltava sempre, ao escurecer, na traquitana de seu avô que parava no largo de S. Domingos por não poder entrar no escorregadio quinchoso de Rosa Fernandes.

A plebe maravilhava-se de ver o neto de Thomé Tamanqueiro levado no collo de um creado vestido com os galões encarnados dos Freires Pamplonas. Algumas das mulherinhas d'aquelle tempo, em cujas entranhas se geraram os actuaes viscondes da cidade industriosa por excellencia, diziam, vendo o menino de carruagem amoreada :

— Aquella filha do Thomé foi bem feliz ! Se não endoucesse, andava ahi pimponando que mettia tudo n'um chinello ! E, se ella volta ao seu juizo, vocês hão de vel-a de carruagem com o filho e a morar no palacete dos Peixotos.

Mãe dolorosa

Que ingenio avrá mortal que comprehenda
De vuestra sanctidad el hondo abismo...

JUAN LOPES DE UBEDA. — *Cancionero*.

D. Lucia e Christovão Freire, animados pelos medicos, conceberam esperanças de que Maria de Nazareth, recolhida a um hospital de doidos, e methodicamente tratada, vingaria ainda, a exemplo de muitas loucas, restaurar-se.

Rosa impugnava o alvitre, fundamentando a recusa no preconceito de que os doidos no hospital de S. José, em Lisboa, eram barbaramente chibatados todos os dias e espartilhados de continuo em chapas de ferro.

E não havia desconvel-a d'este preconceito popular, até que um dia Christovão Freire lhe impoz a responsabilidade da incuravel demencia da filha, á conta d'uma falsa voga com que a gente bruta calumniava o tratamento na enfermaria dos alienados.

Rosa escrupulisou e gemeu sob o peso de tal responsabilidade. Condescendeu, resalvando ir ella com sua filha para Lisboa, de modo que podesse visital-a e demorar-se lá duas vezes por dia, a não poder morar no mesmo hospital, para o que se offerecia a dar quanto lhe pedissem. A segunda condição era que o menino iria com ellas.

A esta clausula contradisse brandamente Christovão Freire, supplicando-lhe, enternecido a prantos, que o não privasse do fragil esteio que lhe sustinha a existencia. Sobrevinha tambem lacrimosa D. Lucia Peixoto, dizendo que ella por amor de seu afilhado iria tambem viver no hospital com Maria, se não fosse enfermeira do desventurado pae de Marcos, cujo fio de vida um leve desgosto em cumulo de tantos lh'o cortaria subitamente.

Emfim, a santa velhinha obedeceu e preparou a mudança de Maria para Lisboa, pedindo á providencia de Deus que lhe acceitasse em beneficio da filha as dôres que a crucificavam ao apartar-se do neto.

Recommendadas aos parentes de Freire, mãe e filha conseguiram casa excellente e assiduos cuidados no hospital. Os serviços de medicos e enfermeiros, remunerados liberalmente tanto pela mãe da demente como pelo fidalgo do Porto, competiam em solicitude. A sciencia ia exaurindo o seu pobre thesouro, sem que Maria denunciasse o calor d'um raio de luz interno no spasma glacial dos olhos, na immobildade marmorea das cavadas feições.

A velha escrevia para os seus animadores amigos e dizia: «A Virgem Santissima não ouve as minhas orações. A minha filha está para todo o sempre perdiddinha. Uma d'estas noites accordou perguntando-me se o senhor Simão ainda queria matar-lhe o

«pae de seu filho. Eu não sabia responder a isto. «Entrei a chorar; e ella, saltando da cama, deu altos «gritos, dizendo que o senhor Marcos tinha morrido, «e que Deus, (queira a divina bondade perdoar á «doudinha!) se fosse bom, o tinha defendido, vendo «o muito que elle chorou abraçado no seu filhinho. «Pensei — continuava Rosa — que ella ia ganhando «a sua razão á medida que se ia lembrando. O en- «fermeiro animou-se com esperanças eguaes ás mi- «nhas, dizendo-me que todas as doudas tinham es- «tas recordações quando iam ser outra vez allumia- «das de entendimento. Mas foi um engano. Nosso «Senhor Jesus Christo não quiz que eu morresse «com esta alegria. D'ahi a pouco, a minha desgra- «çada filha, se eu lhe fallava no senhor Marcos e no «Alvaro, não dava ares de me entender.»

E, concluindo uma das suas cartas mais desanimadas, mostrava-se resôlvda a sair de Lisboa e voltar na esperança de que o anginho innocente, tocado de graça divina, faria o milagre de curar sua mãe.

N'este proposito, não encontrado por Christovão Freire, antes applaudido por D. Lucia, estava a esperançada Rosa, quando as fadigas, as vigílias, os jejuns e atormentadas horas de noite e dia lhe anteciparam com subita doença o praso da vida.

Christovão Freire, avisado da perigosa doença da boa mãe, refez-se de animo e forças para ir a Lisboa com D. Lucia e o neto.

A jornada era longa e os trabalhos d'ella não comportavam mais que tres a quatro leguas de caminhada em tormentosa caleça. Quando chegaram ao hospital de S. José, a velhinha, como a lampada do sanctuario desprovida de oleo, expirava suave-

mente com os olhos em Jesus Christo e na filha que, sentada no catre fronteiro, via, indifferentemente, o sacerdote a ungil-a, e ouvia, entreabrindo os labios em geito de assombrada, lêr as orações da agonia.

A alma que se alava para Deus ainda reconheceu atravez dos olhos nublados o neto e os bemfeitores de sua filha. Murmurou uns sons não articulados. Póde ser que a muribunda quizesse dar graças a Deus por que via as duas compadecidas creaturas á beira de sua filha, no momento em que a louquinha ia ficar só.

Cessou o brando respirar. Aquella alma foi pedir a Deus a razão de sua filha. A face, ainda alumuada pelo esplendor do espirito que passara, influiu no coração a reverencia das coisas sagradas. Os labios estavam seccos como um calix de amargura esvasiado e enchuto.

D. Lucia apertou Maria nos braços, clamando:
— Morreu sua mãe!

A louca estremeceu, apontou contra o cadaver com rapido impulso de braço indicador e disse:

— Está alli... Quem morreu foi o senhor Marcos e o meu filho...

— Não! — Bradou a fidalga com vehemencia — o seu filho está aqui. Não o vê? Olhe Maria, o seu Alvaro, o meu afillhado, o filho de Marcos Freire, tão lindo! não vê como está lindo? Dê-lhe um beijo, aperte-o muito ao coração, e verá que o conhece...

Maria contemplou-o desde os cabellos até aos pés, apalpou-o com esgares que assustavam o menino, affastou-o com desdem e murmurou:

— O meu Alvaro é pequenino. Deixei-o ha pouco no jardim a brincar com o cordeirinho branco. O pae foi que lh'o trouxe, e o filhinho até batia as

mãosinhas de contente. E o senhor Marcos pediu-me uma fita de setim verde e atou-lh'a ao pescoço do cordeirinho. Olhe, olhe, como o Alvaro o leva aos saltos por entre as flôres... Olhe! olhe! que lindeza!... e apontava para um recanto escuro da alcova.

O menino, recordando-se do cordeiro branco, disse para o avô:

— Eu queria o meu cordeirinho... que é d'elle?...

— Que é? — bradou Maria saltando no leito com os braços estendidos para Alvaro sem o fitar no rosto.

— E' o seu filho que está aqui a pedir ao avô o seu cordeiro branco — disse pressurosamente D. Lucia, aconchegando a timorata creança da face da mãe.

O retrato de Marcos Freire.

Mira, qui las mudanzas repentinas en el cielo,
 i la terra, de ordinario paráron en miserias,
 i ruinas.

LUPERCIO — *Rimas.*

Os medicos do hospital contestaram a Christovão Freire o designio de reconduzir para o Porto a alienada, abonando-se com alguns symptomas de cura, supposto que as intercadencias lucidas se apagassem logo. Interesseira ou esperançada, a sciencia ganhou conformar o velho e a sobrinha, porque nenhum queria o remorso de impedir os recursos medicos, embora os considerassem malogrados.

Maria ficou vigiada por duas enfermeiras generosamente assoldadadas.

Porém, que pena fazia vêr a douda a procurar nas creadas as feições da mãe! Que compaixão vêl-a ir ás vezes ao leito onde a velha morreu e ficar-se á beira d'elle hirta, immovel a contemplar a coberta!

Passados dias, esqueceu-se da creatura[que lhe chamava filha e entrou a cobrar odio ás enfermeiras.

As mercenarias impacientavam-se, e, ás escondidas do fiscal, tratavam-na asperamente, violentando-a a estar sentada, quando ella, desfazendo as camas, arrastando os leitos, dizia que procurava o seu Alvaro, ou fugindo para os corredores se assentava no pavimento, cantando e fazendo uns ademanos por sobre o taboado como quem colhe flôres. Bem é de vêr que Maria se figurava no seu jardim do Candal, porque, de subito, se levantava e partia ás carreiras gritando que o senhor Marcos estava na alamêda.

As mulheres agarravam-na então brutalmente, repuxando-a a repellões ou de rojo para o seu aposento. Gerou-se d'isto o rancor da douda ás creadas, e pelo conseguinte as intermitentes furiosas, funesto accessorio á enfermidade.

Suspeitou o fiscal e espiou em horas desusadas o que se passava no quarto de Maria. Convenceu-se da crueza das enfermeiras, surprehendendo-as no lance de maneatarem a douda enfurecida.

Foram expulsas e substituidas; mas não havia encontrar piedade nas estipendiarias que iam sem coração para aquelle officio.

Os medicos desanimaram. Viam-n'a, ao cabo de um anno de medicamentos, exaurida de forças, effeito das sangrias, causticos e toda a casta de revolvucivos. Não podiam já simular boa fé com as pessoas que, a miudos prazos, visitavam a demente, incumbidas pelo fidalgo do Porto.

Por derradeiro, outros alienistas consultados alvitram o recurso de repôr a demente na casa onde enlouquecera. Esperanças, se algumas tinham, assentavam no impressionar incessantemente com objectos conhecidos os olhos da louca, por maneira que se desse um ressurgimento de recordações con-

fusas ao principio, e, no consecutivo actuar das mesmas coisas espertadoras do passado, a possibilidade de se irem destramando e dilucidando as lembranças, até que a alma, identificada em uma só e clara recordação exercitasse actos de juizo, pelos quaes se reconhecesse e chegasse a reaver a razão perfeita.

Esta racional theoria, cimentada na experiencia do maximo numero de insanos restaurados, moveu Christovão Freire a mandar um facultativo e creadas suas buscar Maria de Nazareth para o Candal.

D. Lucia Peixoto e Alvaro esperaram-na á porta do jardim.

O facultativo observou nos olhos da doida um brilhantismo estranho na conjunctura de lhe sair inesperado á vista o recio do jardim e Alvaro a correr para a liteira com festões de acacias.

— Alli vem seu filho, minha senhora — disse o facultativo.

Ella olhou para a creança, sorriu-se e disse :

— Anda a brincar este menino. . . Como é branco! e tão asseadinho !

D. Lucia approximou-se da liteira e não pôde falar afogada em soluços. Maria estava de todo desfigurada. Os ossos da face seccos e vestidos de pelle esverdinhada faziam por equal compaixão e asco. Pestanas e sobrelhas tinham caído. As cicatrizes rôxas dos causticos chegavam até ao lobulo inferior das orelhas. O labio superior mirrado e alvacento assentava sobre as gengives; e os dentes, apoiados sobre o labio inferior, ficavam a descoberto e esqualidos. O collo eram umas cordoveias adherentes a proeminencias osseas.

D. Lucia, debulhada em suffocante choro, não

podia sequer encaral-a. O menino, se não chorava, é porque se acolhia á defeza da madrinha, amarello de medo. As aldeãs da localidade e as senhoras que, dois annos antes a tinham hospedado algumas horas, faziam uma consonancia de espantadas exclamações.

Aparearam a desventurada e sentaram-na debaixo das cilindras onde era seu costume esperar Marcos.

O cirurgião disse a D. Lucia :

— Póde ser que ainda recobre o juizo ; mas, com juizo ou douda, morre inevitavelmente muito cedo. Os medicos de Lisboa cuidaram que, tirando-lhe a vida lhe davam a razão.

— E pelo caminho teve accessos de furia ?—perguntou Lucia.

— Já não tem forças. Veio quasi sempre n'uma somnolencia que muitas vezes me pareceu que era o beneficio da morte.

— Eu queria dizer-lhe algumas palavras ; mas não posso. Meu Deus ! — exclamou Lucia — quem viu esta mulher ! . . .

A fidalga refez-se de animo, acercou-se d'ella com o filho pela mão e disse-lhe :

— Comadre, aqui está o seu Alvaro e mais a madrinha . . . Não nos diz nada.

Encarou-os a douda alternadamente, abriu um sorriso e fez uns esgares de olhos que amedrontaram o menino.

— Que está a fazer aqui ? — tornou Lucia — está á espera do senhor Marcos ?

— Estou — disse ella — e tenho muito frio . . .

— E o seu filho onde está ?

— No berço, deixei-o a dormir muito cobertinho que faz muito frio . . .

E movendo uma perna ao geito de quem embala um berço, cantava muito baixinho e a tremer :

Quem tem meninos pequenos
 Não se lhe estranha o cantar;
 Quantas vezes as mães cantam
 Com vontade de chorar.

— Vamos conduzil-a á cama — disse o cirurgião. Transportaram-n'a em uma cadeira.

A' beira d'ella ia D. Lucia mostrando-lhe as estatuas do jardim, os canteiros, as fontes, os massiços de verdura, os caramancheis e grutas, as cascatas de buzios e conchas, as cadeiras de cortiça com os reclinatorios estofados de heras e baunilhas. Para tudo olhava Maria; mas Deus sabe o que a sua imaginação lhe entrepunha entre os olhos e os objectos.

Quando entrou na primeira salêta, circumvagou a vista espantada pelas alfaias da casa e desencostou-se das pessoas que a amparavam. Deu dois passos com firmeza e fez menção de ir direita a um gabinete em que Marcos Freire costumava lêr.

D. Lucia adiantou-se a abrir a porta e disse a Maria de Nazareth :

— Aqui era o escriptorio do senhor Marcos. Entre, minha comadre.

A doida foi de impeto direita á porta. Viu a banca e os livros, a cadeira, tudo intacto desde que, pela primeira vez, Marcos Freire alli estivera.

Em frente da poltrona, a meio da parede, estava o retrato de Marcos, a oleo, meio corpo ao natural.

D. Lucia pegou na mão de Maria, apontou-a para o retrato e disse :

— Olhe...

A doida olhou; e logo um tremor por toda ella a vibrava de sorte que até as pupilas se lhe viam convulsivas. E ao mesmo tempo saiam-lhe do peito uns gritos tão de pulmões esphacelados que não imitavam voz com que os comparemos. Lagrimas, porém, nenhuma.

— Meu Deus! — exclamava Lucia — Será agora? Fazei o milagre, Virgem do céu!

A esperançosa anciedade dos circumstantes foi trocada n'outra de muita dôr, por que, ao verem cair sem accordo Maria, julgaram-na morta.

— Não está morta — disse o medico tomando-lhe o pulso. — Tenho esperanças agora de que ella não morra sem saber quanto foi desgraçada. Nós, os que nos dizemos ajuizados, somos tão barbaros que desejamos que os doidos não morram sem saber que o foram.

O expatriado

Nenhum official poderá desafiar a outrem; e o que o fizer encorrerá nas penas estabelecidas contra os que desafiam. Todo o desertor... será condemnado em pena de morte.

Regimentos militares de D. João IV.

Espera-se que o retrato de Marcos Freire complete o inferno de Maria de Nazareth, restituindo-lhe uma razão bem clara, de modo que todos os instantes da sua vida os empregue na consideração de que o seu amado é morto. Tal é o fervoroso desejo das pessoas que a estimavam, tirante uma que pedia a Christovão Freire se houvesse misericordiosamente com Maria, deixando-a acabar demente, se acaso a sciencia podia repô-la no momento horrendissimo e anterior á morte moral.

Este pedido excepcional vinha de Inglaterra nas cartas do major José Osorio.

Vem a ponto dizer-se o essencial do destino do expatriado vingador de Marcos Freire.

O coronel inglez, seu padrinho no duello, não vingando quebrantar-lhe o proposito de matar Simão Peixoto em combate successivo á morte de Marcos, deu-lhe cartas para pessoas importantes em Londres.

O fugitivo embarcou em um porto de Hespanha e aportou nas praias amigas da nossa alliada. Chegado a Londres, apresentou as cartas e logo entrou ao serviço de Inglaterra no posto equivalente ao que tinha em Portugal. O motivo da fuga, relatado li-songeiramente em cartas posteriores do coronel aos seus compatriotas, realçaram notavelmente os creditos do major, e d'isso lhe adveio a optima grangearia de amigos e lustrosa camaradagem a divertil-o de saudades da patria.

Osorio escreveu a Christovão Freire narrando-lhe a feliz viagem, e inculcando-lhe o necessario alento para viver e amparar o melhor da vida de Marcos, o pequenino em que o bom velho devia sempre cuidar que via o filho. Encarecia as virtudes hospedeiras da Inglaterra, lamentando ter de aprender a lingua ingleza, em idade tão desmemoriada, para poder exercer a sua posição militar, que não podia bem desempenhar mimicamente.

O pae de Marcos enviou-lhe na primeira carta letras de cambio illimitadas, pedindo-lhe que largasse o serviço e vivesse independente, gastando sem receio de lesar a herança do seu neto.

O major devolveu as letras com affectuosas expressões de reconhecimento, desculpando-se de não acceitar a liberalidade, e reflexionando para que elle o ocio, se a riqueza lh'o aconselhasse, seria estreme e cerrada desventura.

O major tinha contra si, no Porto, dois processos instaurados: um de desafio e homicidio, outro de deserção. Não obstante, os accessores, promotores e mais justiças do conselho de guerra zelavam froixamente a disciplina, e cuidavam menos em vingar a moral ferida na pessoa ou coisa do defuncto Simão Peixoto. Todavia, as portas da patria estavam fechadas para o criminoso, em quanto civil e militarmente não fosse absolvido da deserção e do homicidio.

O pae de Marcos Freire cogitava em livral-o, empenhando amigos e parentes com os membros do conselho de guerra e com a regencia. Restavam ainda assim muitos estorvos que vencer em agosto de 1820. Depois, porém, da revolução do Porto, d'aquelle anno e mez, os amigos do general enforcado Gomes Freire de Andrade não tinham mais que ordenar baixa nas culpas e sentença absolutoria de José Osorio. O homicidio não se provou á mingua de testemunhas; quanto á deserção, creio que se provou que o major estava licenciado, quando saiu de Portugal para estudar as manobras do exercito inglez.

Christovão Freire avisou o major de que tinha francas as fronteiras da patria e a sua patente no exercito e no regimento de cavallaria que suspirava por elle.

Estranha hesitação e singularissima insensibilidade! O major não se alegrou da inopinada noticia nem se deu pressa em voltar a Portugal. A sentença absolutoria, sem que elle sequer houvesse estabelecido procurador em sua defeza, figurara-se-lhe uma triste amostra do desprezo da justiça e corrupção dos seus fiscaes. A ridicula sofistaria da deserção, quanto a elle, redundava em zombaria da disciplina

militar. Paiz onde se enforcava um general suspeito de pedreiro livre, e se trancava um processo de homicidio e deserção sem que o criminoso solicitasse ao menos defender-se, quiz parecer ao coronel que era terra para mediocres saudades e menores desejos de repatriação.

E, n'este presuposto, agradecendo a mercê de Christovão Freire, com expressões mais affectadas que sentidas, resolveu voltar á patria, quando os frios de Londres lhe acabassem de gelar o velho sangue. E acrescentava : «Receio, á vista do que vossa senhoria me diz da revolução e do que por aqui dizem os tutores de Portugal, que esse estado de coisas seja momentaneo, e se lhe sigam muitas alternativas. A sentença que me absolveu tem de seguir os reveses da politica. Por quanto, constituido eu creatura favorecida dos revolucionarios do bando de Gomes Freire, assim que os outros suplantarem aquelles, terei eu de responder d'entre ferros pela indulgencia dos meus protectores.»

Em conclusão de outros argumentos de equal porte, rematava dizendo que permaneceria em Inglaterra mais alguns mezes, se esta deliberação não contrariasse a vontade do seu amigo Christovão Freire.

O velho replicou, pedindo-lhe instantemente que viesse ao Porto e, depois, se lhe parecesse, conforme a seus gostos e interesses, tornasse para Londres.

Em principios de 1821, o major José Osorio do Amaral hospedou-se em casa do pae de Marcos.

Capitulo indispensavelmente estafador

...Os que blasfemam de amor e praguejam das mulheres, mostram-se esforçados em resistir-lhe, mas com a alma lhe fazem sua inclinação; queixam-se das mulheres e são os culpados, contaminando sua innocencia com nossa malicia, donde fazemos peor a melhor cousa que temos.

JORGE FERREIRA.— *Comedia Eufrosina.*

Acontecimentos de maior parte impediram até agora uma averiguação em que deve estar empenhada a curiosidade da leitora sensível.

Que fim levou o affecto exaltado de D. Lucia Peixoto ao amigo de Marcos Freire?

Esta pergunta ensina os romancistas a serem mais logicos, mais explicativos, mais concludentes e mais naturaes que a natureza.

Por quanto, — razão do periodo anterior — nas historias da vida que vivemos, vemos e palpamos, ninguem já pergunta que fim levaram nem como prin-

cipiaram certos amores. Já ninguém se espanta d'esses orientes e occasos. O costume acabou o maravilhosos da coisa. Eva e Adão, se não me engano, deviam de pasmar de vêr o sol n'um horisonte a subir e n'outro a descer. Que fez o costume? Que esses dois esplendissimos espectaculos quotidianos apenas impressionam algum poeta que nunca os viu por inteiro.

Correm a mesma fortuna os amores. Um homem, engraxado e lustrado na sociedade fina, acautela-se de perguntar a uma dama noticias d'um velho amor que nasceu, queimou e morreu entre dois bailes. Guarda-se esta delicadeza com os amores e os annos, quando uns e outros excedem os trinta e seis. A civilidade legisla que para a idade hypothetica de uma dama, que se paga do *baratillo da galanteria* como diz portuguezmente um frade ¹, falsifiquemos a nossa razão, e o assento baptismal d'ella e a rotação do globo, dando-lhes sempre entre os vinte e tres e os trinta. Quanto ao recenseamento e chronologia dos amores, é bom aviso e summa urbanidade conceder-lhe á pessoa uma trigesima virgindade de coração, se os amores orçarem por trinta e um.

Estas ponderosas reflexões frizam com a pergunta sobre o affecto de Lucia ao major, mas não dizem com a pessoa.

A irmã de Simão Peixoto era formosa argila fabricada a primor, urna de balsamicos aromas, excellente e donosa entre as melhores, todavia era argila, feitura do mesmo oleiro, peça quebradiça,

¹ Frei João de Ceita, n'um sermão.

fraqueza e mulher, costella de homem finalmente. Esta derradeira clausula diz tudó. Se as mulheres, rês de iniquissimos libellos, soubessem defender-se, não allegavam mais nada. *Costella do homem*: não ha ahi mais dizer. Multipliquem a ruindade da costella subtrahida pelo numero das que ficaram: ahi tem os praguentos a somma da maldade do homem. Isto são questões de maior fôlego.

Agora, ao ponto.

Destrinçar are de das intrincadas operações espirituaes que passavam entre o coração e o raciocinio de Lucia, antes e depois da morte de Marcos, isso não posso. A mulher é um abysmo, diz o santo abbade Ruperto; e quem não fôr mais santo que eu, hade crer que a mulher é, pelo menos, tres abysmos.

No entanto, rastreemos com o faro da experiencia até onde fôr escrutavel o enigma do subito luzir e apagar-se do amor de Lucia ao major.

As explicações que offereço e regeito por insufficientes são as seguintes:

Lucia, como visse arriscada a vida de seu primo, conjurado em sua defeza e alvo onde mirava o odio sanguinario do irmão, penson que o extremo lanço de generosa renuncia era desligar Marcos dos compromissos, tornando superflua a sua intervenção no auxilio que ella carecia. Este raciocinio insinuara-lh'o propriamente Marcos Freire encarecendo-lhe a necessidade de escolher marido, para que a honra de ambos se defecasse das impurezas que a opinião publica lhe assacava. Ora, é natural que o pudor de Lucia não se agoniasse até ao desespero com o ultraje das aleivosias publicas: a mulher que ama, virginal e puramente que seja, perdôa, embora o

não diga, a calúnia que tira consequências falsas de um principio verdadeiro ; — que as almas innocentes mal sabem estremar e abstrahir o amor que doura a vida e em si tem outro que a desdoura.

De umas faz o mundo o panegyrico, dizendo que ellas se defendem : é favor que se lhes fazem. Quem as defende não são ellas ; é o leitor (escuso de lhe adjectivar o *honesto*, por que os deshonestos costumam adormecer quando topam capitulo impado da gravidação em que este vae.)

Apanhando os panos largos do assumpto, consideremos que D. Lucia doeu-se menos da calúnia que do pundonor de Marcos. Toda a mulher se quer defendida da infamação ; mas se a defeza cifra no privar-a do affecto que lhe conspurcam, quadra-lhe melhor o desprezo do mundo que a discricção do seu cumplice. E ás vezes sobra-lhe razão ; que o *mundo*, gallicismo com que alcunhamos a jolda dos fundibularios de lama, o mundo, quando espuma peçonha de aleivosias, não ha ahi fogo de consciencia arrependida que lhe cauterise as ulceras. O descredito sobre-está á penitencia.

E que tinha que ver com o aleive o immaculado affecto de D. Lucia a Marcos ? A conformada senhora quizera que elle não podesse repetir as vozes da maledicencia ; e, em premio de tamanho amor defraudado, a considerasse digna de ser defendida do irmão e dos calumniadores, simultaneamente.

Este zelo justo incitou-lhe o amor proprio. O choque foi grande. Fendeu-se a primorosa amphora de argila e saiu a vaidade. Foi maior o estrôndo. Acorudou o coração do seu lethargo e escutou a hospeda que se lhe inculcou filha dos brios.

Eis a crise. Foi a vaidade.

Não se cuide, porém, que este elemento, especie de irritação no aparelho nervoso da alma — peço perdão aos espirituaes que desadoram methaforas — não se pense, digo, que a vaidade incita sempre o coração a viciosos dislates e soberbias damnosas da sã moral. As excepções louvaveis são tantas que eu estou em que muitas mulheres mal compleicionadas, carecidas do reactivo da vaidade, perderam-se no menos preço de si mesmas, no desmazello, para que assim digamos, de sua dignidade.

Porém, amor proprio, vaidade, coração, razão, brio, tudo isto que relampadejou n'um repente tempestuoso, é febre da alma enferma. Se os deslumbramentos da allucinação presistem, a mulher glorificada ou victima, decidiu-se ; mas se o céo entreaberto se fechou, e as trevas se espessaram, ou um pesado infortunio esmagou a vaidade, não ha que esperar da fragil creatura se não argila a diluir-se em lagrimas. A pobresinha, quebrantada pelo peso das azas que magoam os hombros fracos, Deus sabe que tristezas devora, quando a injustiça dos homens lhe argue a inconstancia ou lhe castiga a fraqueza com mais vituperosa injuria.

Baixando do especulativo ao raso das coisas, offerece-se-me pensar que Lucia Peixoto cuidou amar José Osorio por que amava n'elle o defensor a probidade alliada á bravura, e a bravura confederada com o sentimento romanesco das lagrimas — graças reunidas no homem que em duas horas de palestra lhe espertára os primeiros enthusiasmos da admiração — eram attributos que ella não podéra esperar de Marcos.

O estimulo, porém, de seu amor proprio, de sua

vaidade, pundonor, enlevos, esperanças de tudo que a fez admirar e talvez amar o major, esse estímulo acabou com a vida de Marcos Freire.

Depois, sobreveio uma febre de outra natureza : a saudade, excruciada ainda pelo remorso de ter sido ella quem o levou á morte. Todas as imagens deslumbrou este infernal incendio. Se ella podesse ser mais forte, affastando o coração do tumulto de Marcos e do seio do filho do homem que em defeza d'ella morrera, não sei que indulgencia bastasse a desculpar-lhé o opprobio.

Perdoe-se-lhe a leviandade de ter crido que amava o major, em desconto das virtudes maternas com que indemnisa o filho de Marcos, a creancinha orfandada de pae e mãe.

Palavras solemnes

Quão confiado chega, quão olhado
Por onde quer que vae!...

ANTONIO FERREIRA — *Cartas*.

A primeira entrevista de D. Lucia e José Osorio do Amaral daria muito que discorrer, se o major fosse capaz de denunciar, em qualquer lance, a minima perturbação.

Os cincoenta e um annos; a pratica da caserna polida pela das salas; a lhaneza da indole com o mais aberto rosto; a presteza da palavra rude mas bem soante com o ar afoito e despresumido; a fidalguia dos modos a dizer com a dos altos espiritos — eram conjuncto de bons accessorios que deram ao major socegadissima apparencia quando a irmã de Simão Peixoto, chamada por Christovão, entrou á sala a cortejar o hospede recém-chegado.

D. Lucia — isto já devia estar dito — rodado um anno sobre o tumulo de Marcos Freire, viu que a morte, á primeira vista preitejada com os medicos, se affastava d'ella, deixando-lhe os pulmões a res-

pirar livremente, os labios a retingir-se, as proeminencias malares a vestirem-se de tecidos assetinados e purpurinos, e os os olhos a desnevoarem-se de uma neblina que devia parecer aos que lh'a viam o homus da leiva da sepultura. Outra vez formosa.

Ficou triste ; mas com belleza em dobro. Digo em dobro por que a tristeza é a formosura que mais inculca o anjo dorido de saudades do céo. Para o commum dos homens, a gentileza de Lucia tresdobra, sem lhe levarem a melancolia em conta de graças supranumerarias. Logo se dirá, se fôr preciso, o que era mais para adorar na herdeira dos vinculos de Simão Peixoto. Eram os vinculos : pode-se desde já ir dizendo para desfadigar a imaginação scismatica de quem lê.

O major, bem que avesado a seguir o *non mirari* horaciano, d'esta feita maravilhou-se. Contava elle com um corpo esfriado e livido do gelo interno, urna de cinzas de um coração. Relançou olhos interrogadores a Christovão Freire. Queria perguntar se a prima de Marcos, como o velho tinha dito para Londres, estava a pique de seguir os dois esquifes da tragedia ou egualar-se em mais deploravel morte com Maria de Nazareth.

— Dou-me os parabens de a vêr restabelecida, minha senhora e prima — disse o major. — O nosso extremoso Christovão Freire pôde convencer-me de que vossa senhoria esteve a ponto de deixar em maior desamparo as duas almas orphãsinhas de Marcos Freire.

— Eu auppliquei a Deus — disse Lucia — que por amor d'ellas, e não da minha triste sorte, me dêsse vida. Ouviu-me Deus. Contentamento não me dá ; mas é já bastante esmola o desejo de viver.

— Mãe e filha ;— disse o major—mãe amparadora do orphão, e filha com vasto coração ainda para dulcificar as lagrimas d'este ancião.

E, voltando-se risonho para Christovão Freire, o amigo de Marcos proseguiu :

— Seria calamidade grande quebrarem-lhe este bordão de sua velhice, este anjo que o defende com suas azas como o anjo do ermo aos santos que dormiam entre feras... Lembra-me uma noite de agosto de 1818, n'esta sala, quando a tempestade se formava, e eu já via o raio que havia de abrir duas sepulturas. Que seculos de angustia desde aquella noite!... E, no dia immediato, prima Lucia, que triste pensamento levou seu tio a querer renunciar em beneficio de outrem o coração que lhe hoje restitue o amor de Marcos! Não se constranjam de me ouvir... Prima Lucia, se eu tivesse pejo de recordar as commoções d'aquelle dia, seria a meus olhos ridiculo; e o silencio não o seria menos. Conversemos. Olhe, prima, eu acceitei a proposta dos seus dois amigos, por que entendi que se entregava á minha protecção uma filha. A historia do seu coração, minha senhora, ninguem a sabia melhor do que eu. Eu tinha-o visto nascer; vi-lhe as magoas como confidente de quem não podia consolal-as; sei que doença lhe accendeu o delirio de algumas horas... Que Deus me livrasse... e nos livrou a ambos, prima Lucia, de ser eu uma como sepultura de um coração que vinha moribundo. Meu honrado amigo—proseguiu friamente José Osorio, passando ao velho o olhar que parecia molesto a Lucia—receba-me isto com juramento: eu sabia que se não celebram noivados entre dois cadaveres. A' hora em que vossa senhoria e Marcos me offereciam uma esposa que

voluntariamente os auctorisava a dispôr do seu indifferentismo...

— Não... —atalhou Lucia—indifferentismo... não.

— Minha prima—voltou o major—Eu tinha quarenta e nove annos. A minha mocidade foi d'aquellas que deixam a chave de todos os segredos. A sua alma era tão legivel para mim como o mais claro dictame da minha propria consciencia... Vinha eu dizendo que áquella hora, o meu destino era o desterro, a paixão que avassalava em mim todas as conveniencias da posição e da paz, era — permitta minha prima que assim falle o vingador de Marcos Freire,—era não permittir que a terra que cobrisse um digno homem, perdido e morto por um honrado, grande e heroico sentimento de estima, fosse calcada pelo homem que o matasse. Eu não podia divertir o meu espirito por outro qualquer sentimento... Mas a que vem isto? Eu lh'o digo, prima: pareceu-me que a senhora D. Lucia entrou aqui de certo modo enleuada e mal senhora de si. E então, sob a minha palavra de honra lhe digo que me vi a mim até certo ponto na posição dos velhos irrisorios. Desafoguei... e consola-me a certeza de que minha prima d'hora em diante estará na minha presença mais á vontade, mais tranquillada e de todo esquecida de que, no tempo da sua enfermidade moral, teve um delirio honroso para uma senhora dos seus annos que deseja acolher-se ao abrigo de um segundo pae.

Agora — continuou José Osorio demudada em tom e ademanes a solemnidade com que se expressava — fallemos da pobre Maria de Nazareth e digam-me onde está o meu afillhado, que ainda me não mostraram.

Tentativas

Sem remedio estava acabando.

PADRE DIOGO MONTEIRO — *Meditações.*

E a doida?

A Doida do Candal. Já a não conheciam por Maria de Nazareth. O povo das aldeias visinhas parava debaixo das janellas a escutar-lhe o choro alto ou o vertiginoso fallario. Nos seus saráos, as mães diziam ás filhas :

— Baparigas, ponde os olhos na doida do Candal... Aquella está a pagar os desgostos que deu a seus paes...

Mas ouviam-na chorar e gemer. Maria de Nazareth d'antes não chorava. Ficou assim, com intermitentes de pranto a soluçar, desde que viu o retrato.

A sciencia fiava muito d'este symptoma.

Davam-lhe o quadro para o leito, e mostravam-lhe o filho de par com e retrato. A louca despedaçava-se interiormente em contorsões d'alma que se denunciavam no tregeitar de olhos. Era o espirito a

debater-se na desesperação de aferrar uma imagem que lhe prelusia e coriscava a instantes d'entre as suas trevas: assim escabuja o ebrio alongando os braços a um apoio que lhe foge e segue os movimentos do cerebro revolto. Esta reluctancia, anciedade afflictissima, desfechava n'um sinistro uivar que dava calafrios. Alvaro já chorava quando o levavam defronte da mãe. E Maria, fitando o ouvido, parecia aspirar a haustos de asphixiada aquelle ar vibrado pelo chorar da creança e murmurava como em segredo, voltada para o lado opposto d'onde Alvaro estava:

— Não chores, filho, que teu pae hade voltar...

Assim a contemplou, um dia, o major José Osorio e chorou.

— Isto é que era alma! disse elle entre si, com os olhos do espirito no semblante refflorido de D. Lucia. — Pobre mulher, tu não custaste algum dissabor ao homem que te deu esta morte!... A ti desgraçou-te elle; tirou-te familia, mocidade, honra e vida, e tu amaval-o até isto! Se elle houvesse morrido a proteger-te, a repulsar da tua fraqueza um irmão cruel, qual outra paga lhe darias tu? que outros supplicios inventaria o inferno para ti! Assim estás, deploravel mulher! e quem lhe abriu a sepultura ao pae de teu filho está viva, está formosa e escorreita de razão para saber que o é... Pobresinha de ti, Maria! E que desconceito Marcos fazia da sensibilidade das mulheres da tua esphera! Quando me elle dizia que só a educação póde desenvolver as faculdades da alma e para pouco era o coração da mulher ignorante como tu! Se te elle assim visse agora, ó agonia sem igual, que outro supplicio infligira Deus á injustiça que te fez!...

E scismava assim, com os braços cruzados e os olhos marejados e fitos no aspeito disforme da louca.

— Esta é aquella Maria de Nazareth!—dizia elle a D. Lucia. — Veja isto, minha prima! Como ella amava um homem que apenas via aqui n'esta creatura a mãe de um filho muito estremeado!

E aproximando-se de Maria disse-lhe :

— Comadre, onde está o meu afilhadinho ?

A demente sorriu-se, e, feita uma pausa meditativa, respondeu :

— Anda a brincar com o cordeirinho branco.

Decorridos alguns segundos de reflexão, disse o major :

— Prima Lucia, póde vossa senhoria conseguir um cordeirinho branco atrelado com uma fita ?

— Tanto posso — respondeu Lucia — que ainda aqui está o cordeirinho com que Alvaro brincava.

— E o menino — tornou Osorio — nunca mais appareceu com elle diante da mãe ?

— Nunca mais.

— Tragam-me o cordeiro e a fita ; Alvaro é quem hade trazel-o á trela.

Entretanto, o major, voltando a Maria de Nazareth, com festival semblante, disse :

— Comadre, foi-se buscar o nosso Alvaro e mandei que elle trouxesse o cordeirinho. Quero que o pequenito venha aqui brincar no quarto ?

— Tem uma graça o meu filho a brincar com o seu cordeirinho !... — acudiu ella jubilosamente palmeando e sacudindo a cabeça. — Foi o pae que lh'o comprou e trouxe-lh'o n'um açafate sobre uma camilha de feno. A criança parecia morrer de alegria. Ria-se ; ria-se com as mãosinhas a dar, a dar... Ria-se, ria-se...

Maria chorava ao mesmo tempo que pintava as alegrias do menino.

N'este acto, D. Lucia chamou o major á saleta e deu-lhe Alvaro. Tomou-o pela mão Osorio e assomou ao limiar da porta, dizendo ao menino :

— Chama tua mãe, Alvaro.

O menino chamou acanhado e medroso.

Maria voltou o rosto vagarosamente para a porta.

— Elle aqui está e mais o cordeirinho — exclamou o major e entrou até á beira do leito com o afilhado pela mão.

Maria de Nazareth esbugalhou os olhos e fez uma arremettida para se lançar da cama. Queriam contel-a as creadas; porém, Osorio, retirando-se da alcova, disse a D. Lucia que a deixasse saltar do leito e a não embaraçasse de qualquer transporte.

E esperou anciadamente na antecâmara, elle, que, poucos dias antes arguia de crueza quererem dar áquella doida o flagello da razão, a luz que lhe havia de mostrar a voragem da sua desgraça. Agora experimentava, de envolta com o dó, a santa e aprazível vaidade de a ver ainda mãe respeitada, á beira de seu filho e talvez amada como filha por Christovão Freire.

Escutou e ouviu altos clamores. O choro da criança misturava-se em rispida dissonancia com os brados da mãe. Lucia saiu e disse ao major que Maria de Nazareth parecia reconhecer o filho. Voltou alvoçada. O major chamou-a com afanosa energia e disse-lhe que não cessassem de lhe mostrar o retrato de Marcos ao lado do filho.

Assim fizeram.

A doida, cravando os dedos nas fontes descarnadas, caiu em joelhos diante do filho e do retrato,

com a bocca aberta e como desarticulada. Quedou-se alguns segundos assim. Depois, jogando com o corpo a sacões e fugindo de golpe aos braços que a seguravam, apertou o filho contra o seio com phrenetico arrebatamento.

Urgia arrancar-lhe a creança. Aquelles impetos asseguravam que a doida não sentia ainda o coração de mãe. Lucia deu as mãos ao menino que a buscava enfiado de medo. Era inutil o esforço para lh'o tirar dos braços. Maria de Nazareth tinha perdido os sentidos. . .

— E a vida? — perguntou Osorio a D. Lucia, que saía a dar-lhe conta do desmaio de Maria.

— A vida creio que não. . . o pulso e as fontes batem-lhe fortemente — respondeu ella — mas está caída.

— Então esperemos — disse o major — esperemos que Deus a levante.

XXVII

Historia necessaria

Convem logo e é cousa muito acertada que, pois Lucifer arma e faz campo contra o credito e reputação da virtude, trabalhem os que escrevem para doutrina do mundo por descobrir seus enganos.

FREI LUIZ DE SOUSA — *Historia de S. Domingos.*

Temos de remexer na sepultura de Simão Salazar Peixoto.

A historia dos máos não póde calar-se, quando a pedra os separa do mundo em que deixaram rasto e alheias lagrimas a memorarem largo tempo a passagem de um delinquente.

Assim como a vida abençoada dos justos que morreram é recontada para eẓemplo e gloria, justo é que os caminheiros d'este desterro, alguma hora, se asentem á beira das cinzas do réprobo da humanidade, e, sem condemnar os que já passaram ao juiz misericordioso, relembrem os maleficios que lhe de-

nigrem a memoria e sobrevivem ao malfeitor d'elles.

Simão Peixoto, já n'outra parte se disse, foi alferes de cavallaria, exercicio a que seu pae o forçára esperançado no poder da disciplina sobre o genio desabrido e indocil do filho. Tambem se deixou perceber que o moço, tão rebelde aos superiores quanto ao pae, frequentes vezes desafogou a deshumana condição insultando sem motivo seus camaradas para os levar ao extremo do duello e adquirir o renome de invicto esgrimidor.

A' volta dos actos de odiada e injusta bravura, outros não menos offensivos da moral lhe avantajavam a pessima nomeada.

As suas travessuras amorosas ou estrondeavam pelo escandalo ou atavam n'algunha extraordinaria prova de cruelissimo coração. As victimas que se lhe affeioavam honestas passavam da sua libertina e fatua saciedade para o desamparo que só costuma achar encosto nos beirões dos abysmos. Se o não egualavam muitos socios em fereza de entranhas, sobravam d'elles que desejariam imital-o e o apontavam como felicissimo e denodado galã. Tanto lhe fazia ao homem das *boas fortunas* levar o descredito ás alcantifas das salas como ao pavimento terreo dos sótãos. Sobejava-lhe democracia de vicio para complanar a jerarchia das pessoas.

Um dia, deu-lhe na vista cubiçosa de commoções renovadas uma creatura das que fazem pensar nos actos primorosos da vontade divina. Nunca tinha visto em Chaves aquella forasteira.

Informou-se.

Era filha de um proprietario de Montalegre. Ia ser freira clara no mosteiro de Nossa Senhora dos Anjos.

Empenhou escudrinhadores de melhor faro. Soube que a menina se chamava Margarida, e que o pae a compellia a professar para accrescer a herança de uns filhos de segundo matrimonio. Colligiu em summa, que Margarida, convertida a honestidade em desesperação, não hesitaria em acceitar um redemptor.

Principiou noviciando a violentada noiva de Jesus Christo. A sua amargura devia ser grande, por que levava para o mosteiro a cruz da saudade. Tinha sido muito amada de um moço pobre que a viu entrar á portaria do convento, chorou e desapareceu: desterrou-se, esqueceu-se ou morreu. Vivo ou morto, esquecido sabemos nós que elle foi.

Lá dentro dos mosteiros ha santas que redobram o martyrio e ha peccadoras que consolam. Não se decide quaes sejam as mais credoras do céo.

As consoladoras são umas que dizem ás que choram golpeadas de saudades :

— Meninas, amae, se tendes quem. Isto aqui não é inferno: é purgatorio onde a esperanza não morre nunca. No inferno é que ha o constante blasfemar das coisas divinas. Meninas, amae. Quando mais não possa ser, diverti-vos, aligeirae o tempo. As grades não reprezam as enchentes do coração. Ide ver como por lá as velhas ainda representam o ultimo acto da sua comedia. Espairecei, noviças; e, se a mestra vos não deixa, vesti o habito de professas; que depois as vossas infidelidades ao divino esposo já correm a responsabilidade da vossa emancipação de casadas com Deus. Andae, meninas, amae santamente, amae idealmente, amae freiraticamente: aguçae os espiritos na pedra das paixões da terra e vereis como a alma se desfaz em azas a voejarem para os espirituaes amo-

res, ahí por volta dos cincoenta annos pouco mais ou menos.

Isto cae no coração das encarceradas como orvalho em flôr abrasada, como gota d'agua na lingua d'aquelle biblico regalão condemnado, se com o fogo eterno fosse compativel o refrigerio da agua.

Moça, com sêde e fome de liberdade e amor, com repugnancia e nojo de côro e psalmos, quando lhe dizem que alli, n'aquelle palacio de mais continente Salomão, nem todas as odaliscas do divino são leaes, nem ás desleaes se comminam jejuns e disciplinas, que quereis que ella faça?

Ama por necessidade, ama por instincto, ama por passatempo, ama por vingança, ama, para que em breve o diga, para não morrer.

N'isto do amor diz a experiencia que os vulcões, rebentando, cavam voragens. O coração salta na lava; mas o perigo é a queda, se a lava esfria. Debai-xo está a garganta que a explosão abriu.

Posto isto, entremos mais ao claro no assumpto.

Seis ou sete freiras entretinham espiritualidades não mortificativas com bizarros e gentis cadetes e alferes de dragões. Tinham que ver os abutres a crepitarem as azas em volta d'aquelle pombal, e mais tinha que admirar a confiança com que as alvéloas em suas gaiolas de ferro sueco ensinavam áquelles passaros de rapina a saborearem-se não em carniças instinctivas do seu natural, senão em aromas de peitos castos e n'alguns cartuchos de rebuçados e tocinho do céu com que revezavam os manjares d'alma.

Soror Margarida das Dores, á imitação de Soror Filomena do Menino Jesus, e á imitação de

Soror Leocadia das Tres Divinas Pessoas e á imitação das outras quatro ou cinco, reparou n'um guapo alferes de cavallaria, cinta de annel, geitos a primor de afidalgado pisa-verdes, a um tempo soberbo e docil, sobranceando os camaradas pela soberania dos modos e compondo ao contemplal-a uns olhos de tão supplice melancolia que era não ter coração vê-lo assim sem pena e desejo de ser-lhe boa.

O alferes não ha para que nomeal-o. Uma das filhas de Santa Clara, melhormente conhecedoras dos mais grados officiaes de dragões de Chaves disse a Margarida :

— O teu alferes é um estroina dos mais desenvol-tos. Todas as mulheres morrem por elle e todas lhe fazem más ausencias, por que não se deixa governar por nenhuma. E' militar por que o pae o não quer no Porto. E' morgado muito rico e dos mais fidalgos que por ahi passeam. Mas olha, Mimi, escolhe outro, que o Peixoto não serve para amar á moda conventual. O que elle procura em ti é o que tu não podes ser, filha. Aquelle não se entretém com palavriados innocentes e corações puros. Está affeito ás peccadoras lá de fóra e verás que não atura uma semana o frio das nossas grades. Por ahi dizem que elle tem bisouro. Sabes o que é bisouro, Mimi? é ter varinha de condão para infeitiçar corações. Cautella, que não vás tu peorar de cruz em vez de arranjar um Cirineu que te ajude a levar a tua.

— Dizes bem, menina... —obviou Sorror Margarida das Dores. — Não lhe dou mais attenção... Até lhe vou mandar sem resposta duas cartas que já recebi... Parecerá mal, filha?

A delicadeza pôde tanto com ella que respondeu ás cartas. Lastimava-se de não poder corresponder a tão extremoso amor, por que seu pae a condemnára á solidão eterna da alma. Pedia-lhe que a deixasse beber o seu calix e lhe não vertesse mais fel. E o mais do estylo.

A linguagem era a melhor das novellas do tempo, e o espirito inspirador, palavra de honra, sincero e dorido. A carta custou-lhe lagrimas. Mandou-a; mas o arrependimento chegou-lhe primeiro que a carta ao seu destino. E porque não? As outras eram tão felizes!

XXVIII

Queda

...Tantas donzellas perdidas; tantas honras infamadas e tantos innocentes expostos! Digam-no estas ruas; digam-no estas praças, digam-no os mesmos conventos que não sei se servem ás vezes de theatro onde se ensaiam estas sacrilegas tragedias...

PADRE NICOLÁO COLLARES—*Sermões*.

O faceto D. Eugenio Geraldo Lobo, poeta hespanhol de memoraveis e bonissimas tretas, na sua satyra do *chichisbeo*, que diz tanto como *enamorado de freiras*, definiu-o assim:

És um racional tributo
que lá diversion previene
sobre una Ara, donde tiene
propriedad sin uso-fruto.

Com o ultimo verso não se accommodava Simão Peixoto, nem com estes de mui lauvavel espiritalidade:

És aquella de Platon
 alta idéa respectable
 que hizo á el alma reparable
 de su misma propension :
 subtilissima openion
 de natural repugnancia ;
 pues la comum elegancia
 de los preceptos, que informa
 sin materia, admite forma,
 accidente sin substancia. ¹

Este poeta é duplamente louvavel por que escrevia assim dos amores immateriaes dos conventos, não obstante ser *ayudante mayor de las reales guardias españolas de infanteria*.

O alferes de dragões portuguez lia por outros praxistas. Bocage e os da sua laia fescenina fertilisaram que farte de erothismo desbragado a sua terra. Simão tinha admiraveis collecções no genero de que não era avaro. Ministrava-lh'as um frade antonino do Porto, meia alma de José Agostinho de Macedo, e como elle entendido em amorios monasticos, consoante a biographia metrica escripta por Pato Moniz. Em conclusão José Agostinho, o frade de Santo Antonio collector de sordidezas bocagianas e prégador sanguinario em 1829; e outro sim Simão Peixoto, freguez da bibliotheca do frade, nenhum, em artigo amar freiras, reconhecia a verdade e utilidade do verso de D. Eugenio Gerardo Lobo:

propriedad sin uso-fruto.

Margarida comprehendeu logo o que a sua ami-

¹ Obras poeticas de D. Eugenio Gerardo Lobo.

ga explicava zoologicamente com o nome de um inofensivo animalejo chamado «bisouro». Bisouro vinha a ser um exaltado amor que lhe tirava o repouso das noites e a vontade de pedir a Deus que a defendesse. Ia-lhe mais de vontade o coração a pedir-lhe que a deixasse fugir do convento cegando as porteiras e os esbirros da justiça.

Almas previstas e condoidas da freira avisaram-lhe o pae. O proprietario de Montalegre respondeu que sua filha estava emancipada e livre; que se elle quizesse guardal-a não a tinha mettido no convento. Toda a desmoralisação se justifica philosophicamente. Aquelle pae respondeu pelo theor do maior numero. Ao parecer d'elles, esposadas as filhas com o Senhor, cumpria ao esposo guardal-as. Considerae, christãos, o que nosso Senhor Jusus Christo soffreu! que esposas e que sogros!

A prelada, arguida de nimiamente tolerante, admoestava Soror Margarida; mas a freira, industriada pelo amado, recalcitrava arrogantemente, dizendo que as suas companheiras não eram mais virtuosas nem mais peccadoras do que ella.

A porteira religiosa muito reformada, um dia, respondeu carrancuda ao alferes que procurava Margarida. Simão collou os beiços ao locutorio e disse: — O' santinha, olhe que eu vou buscar lá dentro a madre Margarida ás cavalleiras de vossa mercê.

A virtuosa foi queixar-se á prelada e pedir que a dispensasse de porteira. Margarida foi encarcerada no tronco, por oito dias, a pão e agua. O alferes, sabedor do castigo, enfuriou-se, mas não lhe appareciam victimas a talho de espada. Porém, como quer que soubesse que o respeitavel capellão, confessor e procurador do mosteiro de Nossa Senhora dos An-

jos era o conselheiro da prioreza, foi-se ao padre e disse-lhe suavemente que o mataria, se Margarida não saísse do tronco no espaço de uma hora.

O capellão assaz informado dos ruins figados do alferes de dragões, obteve o perdão da freira e licença para ella continuar ás grades, quer dizer os colloquios do

accidente sin substancia,

como escrevia o outro.

Oppressas de medo, ás authoridades do mosteiro já appellavam para o mais tragico desfecho; e era que Margarida fugisse e as deixassem em paz. Se não fosse o escandalo, as virtuosas, ameaçadas na pessoa do seu capellão e confessor, iriam de cruz alçada abrir-lhe a porta para que ella saísse; ainda assim menos escandalosas que a prelada de Odivellas, a qual abria as portas para que D. João v entrasse: o que é diferente.

O galanteio continuou desaforado. Simão, propondo á freira a fuga, achou tão leve resistencia que se não dispendeu em removel-a. As combinações feitas deram que o alferes pediria licença ao general da provincia para visitar seu pae moribundo: escondido nos arrabaldes de Chaves, viria, em aprasada hora da noute convencionada, com o auxilio de um hortelão do mosteiro, recebê-la a uma porta da cêrca. Ao ardil da freira incumbia sumirse no bosque, á tardinha, de sorte que a encarregada de fechar as portas communicativas da cêrca a julgasse já recolhida.

O restante do plano depois o veremos prosperar, satanicamente realisado.

A prioreza andava suspeitosa e dizia á escrivã :

— Deus a leve! . . .

— Que a leve o diabo: — emendava a escrivã.

Vinha a madre porteira e perguntava:

— O cão tihoso não se irá embora?

— O' meninas! — dizia a septaginaria prelada ás meninas suas coevas — se esta casa se vê limpa d'aquella endiabrada . . .

— Vae-te, vae-te para onde não faças mal, coisa ruim!

Clamava á surdina, com eloquente abrenuncio, a escrivã formando uma cruz de osso nu com os dois dedos indicadores.

Ao lusco-fusco de certo dia, foram dizer á priora que Soror Margarida das Dores não estava na sua nem n'outra cella e talvez ficasse na cerca.

— Deixal-a ficar . . . — respondeu a filha de Santa Clara que, passados annos, morreu em cheiro de santidade e muito bem póde ser que esteja inteira.

As religiosas velhas reuniram-se á volta de um bulle de chá e bandeja de fatias e pão de ló, congratulando-se da provavel fuga de Margarida n'aquella noite. Nenhuma disse:

— Deus tenha piedade d'ella!

XXIX

Mãe

Senor, una alma ha llegado.

ANDRÉ NUNES DA SILVA. — *Poesias.*

Da christa do Marão por onde trepa a estrada da Regoa e chamam *Padrões da Teixeira*, olhae lá em baixo onde as gargantas da serra acabam em enorme bacia de fragas acastelladas, e vereis alvejar por entre morros de penedias uma casa que, em 1811, ainda campeava torreada como solar que tinha sido de D. Gomes Peixoto, o filho de D. Egas Portocarreiro, tronco dos avós de Simão, senhor d'aquella deshabitada reliquia do feudalismo.

Deshabitada, não. Em 1811, a horas mortas, chegou alli o fidalgo, chamou os caseiros que moravam em casarões visinhos, fez alumiar o lôbrego aposento e entrou com a freira fugitiva do mosteiro de Chaves.

Vinte e quatro horas depois, Margarida ficou e Simão Peixoto correu de galopada para o Porto. E' que elle, se a justiça o perseguisse, havia de de-

fender-se testemunhando a sua presença em casa do pae á hora pouco mais ou menos em que a religiosa era procurada.

O pae estava gotoso. Folgou de vêr o filho, abençoou-lhe a saudade com que viera para elle e disse-lhe :

— Pede a tua baixa, que eu não posso viver muitos dias.

Presagiára como os justos que presentem o bafejar glacial da morte.

Volvidos breves dias, o velho morreu.

Simão Peixoto pernoitou uma noite no solar de D. Gomes ; soube dos creados que a dama chorára sempre, interrogou-a e desculpou-lhe as lagrimas que eram de saudade d'elle e tristeza de se ver ali sósinha vinte dias, sem querer ouvir voz humana nem ter alma para pedir lenitivo a Deus.

Ao outro dia foi a Chaves. Os camaradas perguntavam-lhe pela freira e elle respondia :

— Que sei eu da freira ! Venho de assistir á morte de meu pae. Se alguém disser que a freira fugiu para mim, mente e hade engulir a calumnia na ponta da minha espada.

Amordaçaram-se os propaladores do boato. Alguns julgaram-no innocente do crime assacado. Outros fingiram-se duvidosos. E os mais prudentes conformaram-se em silencio com o facto consummado.

Ninguem viu o pae de Margarida entre os indagadores. Fiel aos seus principios, o homem disse :

— O esposo que a guardasse.

Simão Peixoto licenciou-se para tomar conta da sua casa e requerer baixa.

Na volta para o Porto, deteve-se alguns dias solapado na casa lugubre; e, ao despedir-se, prometeu a Margarida que iria buscá-la para perto do Porto, assim que as suspeitas se desfizessem.

A solitaria esperou longos dias. O inverno chegou primeiro. O lençol da neve amortalhou em volta d'ella todas as verduras. Desfolharam-se as arvores. Rugiam as torrentes. Dos cabeços sobranceiros do Marão desnovelavam-se e caíam nuvens pardacentas que lhe resfriavam o sangue e coagulavam as lagrimas no rosto.

Não lhe era permitido escrever, a titulo de que as cartas podiam descaminhar-se e perigar a segurança de ambos, mormente a d'ella.

Desafogo nenhum, e a suspeita do abandono a espedaçal-a.

Simão voltou.

Ao cabo de quinze dias não podia com o tédio. Viu-a chorar. E em vez de condoer-se teve pena de si proprio, accusando-se ao mesmo tempo de se ter enganado com a persuasão de que Margarida seria exceptuada entre as fatigantes victimas do seu capricho. Arguia-se, pois, de ter accedido encargo algum tanto melindroso, e dizia entre si:

— Que heide eu fazer a isto?

A isto!

Teve a bondade de a deixar chorar, e foi para o Porto, com a promessa de voltar em designado tempo, e transferil-a sem risco.

E, para retel-a n'algum arrojado passo em impeto de desesperação, figurava-lhe perseguições, buscas, espionagens e ordens regias de prisão. Margarida aterrava-se e dizia-lhe:

— Defende-me Simão... Antes quero aqui morrrr que voltar para o mosteiro.

O certo, porém, era que já ninguém fallava d'ella, desde que um amigo de Peixoto fez correr em Chaves que a freira tresmalhada do redil se deixára levar de um francez do exercito de Loyson.

Volveu Simão com a primavera.

Margarida revelou-lhe alegremente que era mãe. A fera ouviu a nova com tristeza e teve a excelsa virtude de dissimular o desgosto.

Espantou-se, atravessada de dores, a deploravel criminosa, e disse em seu coração: «Perdi a minha ultima esperanza!...»

A esperanza d'ella era que o filho trouxesse do céo coração a seu pae.

O governo de grandes bens não se compadecia com a longa ausencia do herdeiro. Simão, acariciando-a constrangido, simulou-se contente com a doce esperanza de ter um filho de mulher tão querida: alentou-a com esta esmola de moeda falsa e tornou para o Porto.

Os paes mais opulentos offereciam-lhe esposas; as meninas casadeiras menos recommendaveis pela riqueza, curavam de sobrelevar ás mais ricas, com embelecocos de amorosos avanços, sem todavia defraudarem o capital da honestidade.

O moço andava como encantado. E os encantamentos são uns raptos d'alma que se desata de memorias da terra. Por isso, o requestado das formosas esquecia-se de Margarida.

Assignale-se-lhe, todavia, uma caridade que por ventura lhe foi descontada nas contas do saldo eter-

no: é que elle mandava todos os mezes abundantes recursos á mulher, cujo nome os creados ignoravam.

Sobejava ouro a Margarida. E ella olhava para os rôlos de dinheiro como para embrulhos de lôdo. Que lhe fazia á solitaria dos desfiladeiros do Marão a avultada esmola do seu bem-feitor? Nem sequer os mendigos alli paravam! Nem a consolação de matar a fome dos velhos e vestir as creancinhas nuas nos braços das mães lividas de penuria!

Margarida ajoelhou uma noite no chão da arruinada capellinha da casa pedindo a Deus que lhe perdoasse e fechasse os olhos.

Foi um confessar-se em altos soluços ao crucifixo no qual tremulavam as sombras da lampada. Era outra vez inverno. O norte assobiava nas vigas empenadas e balançava o braço da lanterna. A imagem de Jesus Christo estava alli ha seculos como esperando aquella desgraçada. Se alguém assim tinha chorado e ajoelhado n'aquellas lages, o segredo fechara-se em dois jazigos cavados nas paredes. A nortada vibrou a sineta suspensa n'um quadrado de pedra sobre a porta profunda da capellinha.

Margarida lembrou-se do toque a matinas no seu convento e murmurou:

— Que fiz eu da minha vida!... Como posso eu pôr os olhos no vosso rosto, meu Deus!

Saiu espavorida e fechou-se no seu quarto a tremer de frio e medo.

Quando atravez da velha portada de dois vidros affumados já coava o alvor da neve nos pincaros do Marão, Margarida teve somno. Mas uma dôr aguda e nunca experimentada fêl-a estremecer e saltar do catre.

Chamou a Escolastica, a velha criada que Simão Peixoto lhe dera, trazida de longa distancia.

A criada sentou-se á beira d'ella e disse com magoado rosto :

— O fidalgo deixal-a sósinha comigo n'esta occazião...

As dôres recresceram.

Tres horas depois, Margarida, com a milagrosa energia de mãe, aconchegava do seio uma filha, e murmurava :

— Meu Deus, não queiraes que eu morra agora...

Como tantos...

Ouvi, mortaes, o pranto enternecido
Em cythara de dores.

MANOEL DA VEIGA—*Laura de An-
friço.*

Agora é que elle vem vêr este anjinho! — dizia Margarida exultando.—Como teu pae te hade amar, filha! Não lhe dizer o coração que tu nasceste!...

Um dos cazeiros tinha ido levar a nova.

Chegou. . e Simão não veio.

— Não vem?! elle não vem?! exclamou Margari-
da.

O camponez entregou-lhe uma carta, e, com os olhos aguados, disse:

— Senhora, o fidalgo diz ahi não sei quê... que me parte o coração... Não sei como elle... Valha-me Deus!... Nem os lobos fazem o que elle quer...

Margarida lia em convulsões uma longa carta, na qual Simão Peixoto lhe dizia que seria não só prudente mas necessario que ella engeitasse a filha.

Após grandes preambulos de considerações mais infames que engenhosas, Margarida topou aquelle desfecho, aquelle pungente ferro que a traspassou e por largo espaço lhe cortou a voz na garganta.

Anciava em mudas angustias. Contorcia-se no leito em ancias de estrangulada. Quando pôde gritar, pediu a creança. Escondeu-a entre a camisa e o seio, clamando a gritos :

— Não ! não ! minha filha ! eu irei pedir uma esmola ás mulheres que forem mães! . . .

E o lavrador, voltado para a consternada serva de Margarida, dizia :

— Pois elle não me disse que fosse pôr na roda de Lamego aquella menina ? Meu amo é mau homem ! . . . Eu ainda lhe disse : « O' fidalgo ! » Mas elle carregou a cêlha e atirou-me dois berros que parecia um lobo ! Tem má alma ! . . .

Exauridas as valedoras lagrimas, Margarida reconheceu em si força e consolação de mais alto. Levantou-se, desceu amparada até á capella, ajoelhou no degráo do altar com a filhinha nos braços e disse :

— Meu Deus, esta menina não tem pae . . . Sêde vós, Senhor piedoso, o pae d'este anjinho que não tem culpa dos meus crimes . . .

Dois passos atraz de Margarida, estavam o abegão e Escolastica de joelhos com as mãos postas.

As lagrimas corriam a quatro nas faces d'elles.

A mãe levantou-se, chegou d'elles a filhinha e disse em tom supplicante :

— Heis de ser padrinhos da minha filhinha, sim ?

A creança foi baptisada sem nome de pae nem mãe. Os padrinhos disseram ao vigario que toparam a menina á beira do caminho publico, e ficariam com ella já que a tinham encontrado.

Mais um degráo

† Senhoras, si algum senhor
 Vos quizer bem ou servir,
 Quem tomar tal servidor
 Eu lhe quero descobrir
 O galardáo do Amor;
 Por sua mercê saber
 O que deve de fazer,

GARCIA DE REZENDE — *Trovas*.
 (Cancioneiro).

Simão espinhou-se ao principio com a inobediencia de Margarida; mas as razões lastimosas com que ella se desculpava fizeram o milagre de o apiedarem.

Além de quê, a menina, baptisada sem pae nem mãe, que mal podia fazer-lhe? Era de todo um ser estranho á sua vida. Em nenhum tempo lhe empeceria difficultando-lhe vantagens de casamento ou desvelando o segredo do sacrilego rapto.

O egoismo, pois, de mãos dadas com a compaixão, assocegaram-no.

Como a depravação fecunda d'este homem estivesse continuamente a escogitar novas maldades, saíu-se com a sêde de ouro, a tenaz em vivo fogo da cobiça a fistular-lhe as entranhas já repletas de variada peçonha.

Ao pensamento de espoliar a irmã, enclausurando-a, sobreveio o de se descartar da mulher que o incommodava com cartas de incessante lamuria e ao mesmo passo o carregava com o peso de duas vidas por tempo indefinido. Já Simão Peixoto, o senhor de vastos recursos, sentia irem-se-lhe os olhos no cartucho de cruzados que enviava mensalmente a Margarida.

Multiplicava aquelle rôlo mensal por doze de cada anno, e os de cada anno por vinte, trinta ou quarenta equivalentes, ponderando as probabilidades da duração de Margarida. E, depois, a filha? Não seria quasi certo que a mãe lhe havia de dizer quem era seu pae? Não bastaria o testemunho dos cazeiros, embora a certidão baptismal o não dissesse? E as cartas que elle escrevera a Margarida não justificariam de sobra a paternidade allegada pela filha?

O anjo máo, executor da justiça divina, dava-lhe d'estas garrochadas, pervertendo-lhe a sensibilidade afim de que os ferros lhe pungissem bem dentro.

Occorreu-lhe no marulho de alvitres mais ou menos deshumanos a intervenção d'um terceiro, vestido com as insignias da prudencia e, podendo ser, da religiosidade. Saíu-lhe da sentina da alma uma imagem de frade antonino, o seu fornecedor de versos, o pontual conviva dos seus jantares em certos dias e da sua garrafeira selecta todos os dias.

Contou-lhe o caso sem salvas nem hypocrisias. O frade de vez em quando, ria-se e resmungava:

— O' morgado ! tem-nas feito boas !... Uma esposa de Christo !... Oh ! Sacrilegio !...

E recitava-lhe um soneto obsceno em que S. Pedro, ouvindo as queixas do divino esposo offendido pelas esposas adúlteras, aconselhava o Senhor a não casar-se com... freiras. A torpeza da palavra betava com a impiedade do pensamento.

Com recheio de sordidas pilherias, dialogaram largo espaço e accordaram que o frade iria aos Padres da Teixeira, mensageiro de Deus, dizer a sôror Margarida das Dores que os alçapões do inferno estavam abertos para lhe receber a alma por seculos sem fim, se ella não curasse de pedir perdão á justiça irritada do Senhor, e recolher-se a um qualquer mosteiro remoto do theatro dos seus crimes, deixando a filha entregue aos cuidados d'elle mensageiro do céu.

Foi o frade, tendo apostado dizer de graça seiscentas missas que Simão lhe encommendára em virtude da disposição testamentaria do pae, se a freira lhe resistisse ; e Simão Peixoto apostou perder cincoenta garrafas de vinho de 1770, se o frade reduzisse Margarida a reformar-se e enclausurar-se.

Partiu o antonino para as fraldas do Marão. Anunciou-se com o titulo de ministro do Eterno Pae das misericordias.

Margarida viu-o entrar no pateo, seguido de um arrieiro com uma possante mula á redea.

Considerou-se descoberta : abafou as exclamações de medo, foi ao berço buscar a filhinha e fugiu por uma avenida que ia dar a um fechado castanhal.

A criada procurou-a muito espantada para lhe dizer que ali estava um frade perguntando por a ma-

dre Margarida das Dores ; e, que, respondendo-lhe ella que na casa não morava madre nenhuma, senão uma senhora que se não chamava Margarida, mas sim Leonor, o frade teimára a dizer que avissassem a madre Margarida que estava ali um ministro do Eterno Pae das misericordias.

A serva, madrinha da menina, procurou sua ama, chamou-a e comprehendeu que ella tinha fugido. Voltou ao frade e disse-lhe que não sabia da senhora.

— Vá procural-a — trovejou o frade. — Ordeno-lh'o em nome de Deus!

— Onde heide eu ir procural-a? Vossa reverendissima não vê que por ali tudo são covas e mattas? Vão lá saber onde ella está!

— Mulher! —olveu o collecter de poemas devassos. — Eu vou chamar sobre esta casa o raio do céu, se a madre Margarida não apparece!

— Não tenho que lhe fazer, senhor frade —olveu Escolastica pouco menos de incredula na obediencia dos raios á invocação d'um frade que lhe baforava ao nariz recedentes eructações de vinhaça revolta.

— O' raios! — exclamou o antonino, pondo os olhos no céu, cuja serenidade indicava que nem para um milagre se podia arranjar um corisco.

— Mulher! — tornou o seraphico a escorchar de raiva e offegando com a barriga e belfas — vá chamar sua ama e diga-lhe que venho aqui enviado pelo morgado Peixoto. Diga-lhe que é para seu bem; que venha, quando não eu a deixo entregue ao demonio dos seus crimes e a justiça humana offendida virá lançar-lhe as prezas.

A velha ganhou medo então. Foi em demanda de sua ama; emboscou-se nos arvoredos, chamando-a:

espreitou as grutas abobadadas pelos penhascos ; buscou-a nas margens sombrias d'um correjo derivado por entre brenhas. Não lhe viu rasto. Voltou, duas horas depois, e disse ao frade, chorando :

— Saiba vossa reverendissima que a não vi. Lembra-me se ella se deitaria d'alguma fraga abaixo !...

— Que Deus tenha piedade de sua alma, murmurou o amigo de José Agostinho de Macedo e escançou-se na mula, dizendo ao arrieiro :

— Onde ha mais perto uma boa estalagem, rapaz ?

— A dos Padrões não é má.

— Anda lá p'ra frente e meche-te que é tarde : isto aqui é covil de lobos. Move-te...

Quando a mula e o frade transpuzeram o têsô do mais proximo outeiro, Margarida saiu de uma arribana de pastor e chamou a madrinha de sua filha, que andava regirando por entre o matto, a chamal-a em alto chôro.

A velha contou-lhe o succedido, com o grande espanto de elle dizer que procurava madre Margarida das Dores.

A consternada senhora julgou-se perdida. A ameaça da justiça quebrou-lhe o ultimo alento. Imaginou se Simão Peixoto seria o seu proprio denunciante ! Atrocissima suspeita de que ella se envergonhou ! Referiu, pela primeira vez, a sua miseravel vida á criada que lhe chamava Leonor. Pediu-lhe em nome da creancinha de ambas que a não desamparasse e lhe desse uma cabana na sua terra, para ella se esconder, se a justiça viesse ali procural-a.

— Pois fuja-mos já esta noite... — clamou Escolastica.

— Ainda não: quero primeiro escrever a Simão...

— Vou eu levar-lhe a carta... — disse a velha.

Miseria extrema

Assim se vae de um mal a outros maiores,
 Por que seguimos o que não devemos
 A desejos sujeitos e accidentes.

Largo caminho de tormento e dores,
 Que em roda viva d'asperos extremos
 Nos deixam como em sonho de doentes.

PEDRO DA COSTA PERESTRELLO — *Sonetos.*

Como seria a carta de Margarida! Que remordente opprobio ella entranhou do covil d'aquelle ferocissimo coração! Que pungitiva, se o fez condoer-se e arrepende-se da traça com que, para se desfazer de um leve encargo, ia arrancar a mãe da filha para encerrar uma em penitente clausura e atirar a outra ao acervo dos engeitadinhos!

Respondeu-lhe brandamente e ainda em termos de amoroso. Assegurava-lhe que não temesse a perseguição e esperasse dias mais venturosos. Chamava á creancinha sua filha, recommendando-lhe, porém, que não descobrisse o segredo, em que estava a segurança da sua tranquillidade.

Apasiguou-se Margarida. Foi necessario ameaçar-lhe a posse da filha para que o possuill-a sem medo da perseguição lhe parecesse felicidade grande. E' pois certo que as desgraças deixam de o ser logo que outras maiores se avisinham.

O desamor de Simão era-lhe já saudade e magoa que a filha remunerava. Quando a pena a mortificava muito, a triste senhora fugia-lhe a scismar nas torturas que a esperavam, se a justiça a fechasse em uma cella, e lhe tirasse para sempre a filha. E consolava-se e pedia a Deus perdão de se ter lastimado da sua soledade e desamparo do homem por quem se perdêra.

Dobraram-se os annos.

Margarida lá envelhecia nas brenhas da serra. A filha, chamada Julia da Soledade, crescia entre as flôres bravias da urze e da giesta, via as tormentas que trovoavam e coriscavam no dôrso das cordilheiras, aprendia com sua mãe a soletrar as orações de um livro de missa, e escutava as lendas já terriveis, já graciosas que lhe contavam os padrinhos e os pastores.

E Simão Peixoto desde 1812 não voltára a ver Margarida nem, em 1818, conhecia a filha.

O seu desejo cumpria-se integralmente: no Porto ninguem, salvo o frade silencioso, sabia da existencia da freira. Em Chaves julgavam-na em França as poucas pessoas que ainda se lembravam d'ella.

A' volta do paço solarengo de D. Egas Portocarreiro, os moradores das arribanas viam aquella senhora com uma menina vestida limpamente; saudavam-na com respeito e agradeciam-lhe as esmolas

que a criada e Julia levava a longes cazebres, quando o anno era de fome.

A noticia da morte de Simão Peixoto chegou a Margarida, quando os caseiros foram avisados para dar contas a D. Lucia, successora dos vinculos.

O coração não podia dar muitas lagrimas de saudade de quem o não tivera. A pobre senhora não perdoára ao descaroadado homem que recusára sempre vêr a filha. Os ultrajes a si feitos relevava-os; mas o crú desamor a sua filha não podia.

Se o não chorou, tambem se não carpiu dó desamparo em que ficava.

— Eu sei trabalhar — disse ella. — Deus me dará forças. Irei para terra onde possa ganhar o pão de cada dia, e irei antes que a irmã de Simão queira saber que mulher é esta que lhe occupa a sua casa.

A comadre aconselhou-lhe a ida para o Porto, onde com algum dinheiro das economias de ambas poderiam alugar e alfaiar uma casinha onde vivessem a trabalhar sem receio de dar nos olhos á curiosidade.

Assim fizeram.

Alugaram uma casa mais que modesta na rua das Aldas, uma das betesgas sujas que se emmaranhavam nas visinhanças da cathedral.

O lavor de Margarida era bordar e marcar. Escolastica costurava em camisas para os armazens de roupa da Ponte-nova. Julia aos sete annos já ajudava sua mãe.

O trabalhar sem o repouso restaurador adoentou a incansavel senhora. No Marão, ao menos, tinha sobejas horas de dormir e purissimo ar. Ali o respirar das insalubres sentinas da cidade velha, a permannencia continua em casa, por medo de que a

reconhecessem, acaso, parentes ou conhecidos, infeccionaram-lhe os pulmões.

Cessou de trabalhar por já se lhe baldarem os esforços. Até a perda de vista, no muito que chorava, lhe impedia a costura. Os lucros da velha eram pouquíssimos e incertos.

Chegou a fome ; a fome que leva os vestidos, as roupas do leito, as coisas mais urgentes da vida.

E Margarida trouxera do seu ermo pouquíssimo o que vender. Simão nunca lhe dera uma joia que valesse o alimento de vinte dias.

— Deus me leve cedo — dizia a enferma. — Deus me tire dos olhos este afflictivo quadro. Minha filha tem fome e eu não tenho nada que lhe dê. Assim que eu morrer, a caridade pôde ser que a venha tirar d'esta miseria.

A velha chorava e meditava.

Saía. Não sabemos se esmolava, se pedia de emprestimo aos algibebees que lhe forneciam o trabalho. E' mais de crer que mendigasse. De qualquer maneira, trazia pão e pouco mais. Pão e lagrimas, alimentação de tres partes dos filhos de Deus, filhos orphãos, segundo parece, tutelados do diabo.

Um dia, Margarida sentou-se no leito, dizendo que se sentia muito animada para o trabalho.

Principiou a recortar para fazer o bordado de um lenço.

D'ahi a pouco, as lagrimas ensopavam o lenço.

Depôz o cestinho da costura, e disse com amarguradissimo desalento :

— Comadre, pôde vocemecê vender a minha thesoura e dedal, se ha quem dê por elles um pãosiinho á minha Julia. São coisas que já me não servem de nada.

A velha não respondeu.

Saiu da alcova com Julia pela mão e disse a Margarida :

— Minha senhora, nós vamos a um pouco, e voltamos logo.

— Aonde ides ?

— Onde Deus nos levar.

Serena claridade

† Deixae, pois, já, Senhora, o amargo pranto,
 A pena, a dôr, o mal que tanto cresce

 Um anjo novo tens, santo e benino,
 Vive, Senhora, alegre e consolada. †

CAMÕES—*Elegia.*

O major Osorio tinha chegado do Candal com Alvaro, e dizia a D. Lucia e Christovão Freire que Maria de Nazareth pedira que a levassem ao jardim e andara passeando com o filho silenciosamente, não obstante as perguntas com que o major a estimulava a fallar. Referiu tambem que Maria entrando de impeto n'um caramanchão com o filho quasi de rojô, prorompeu em soluçantes gritos, dizendo á creança :

— Teu pae esteve a chorar aqui e eu não tornei a vê-lo !

Accrescentava o major que a considerára em uso de sua razão n'aquelle momento ; mas que em pou-

co se descapacitou vendo-a logo alquebrada e recolhida á modorra habitual.

Prolongava-se a conversação, quando um creado entrou dizendo a D. Lucia que uma mulher e uma menina vestida de preto a procuravam.

— Não dizem o que querem? — perguntou a fidalga. — Será esmola?

— Pelo trajar deve ser — confirmou o creado. — Eu disse á mulher que se queria esmola bastava mandal-o dizer á fidalga; mas ella diz que precisa mui-fallar a vossa senhoria.

— Pois que entre, se o tio Freire dá licença.

Freire e Osorio continuaram conversando, sem dar attenção á entrada das suppostas e bem julgadas mendigas.

Escolastica achegou-se timidamente da senhora e disse a meia voz:

— Queria particularmente fallar a vossa senhoria.

— Diante d'estes senhores não tenha receio em dizer o que pretende — tornou affavelmente D. Lucia.

O major e o velho quizeram sahir: a senhora, porém, impediu-os sorrindo com estas palavras:

— Ah! querem escusar-se de ouvir alguma historia triste? Pois hão de ouvi-la. Diga mulhersinha.

— A historia é bem triste... isso é... — respondeu a comadre de Soror Margarida.

— Morreu o pae ou mãe d'esta menina, que vem vestida de luto, e ella ficou pobre, não é assim? — perguntou Lucia. — Quer ver se lh'a posso arranjar no recolhimento de S. Lazaro?

— Morreu-lhe o pae, morreu, minha senhora — voltou a velha com a eloquencia do commovido coração. — E ella vem pedir esmola para sua mãe... e

vossa senhoria que é esmoler e ficou herdeira do pae d'esta menina . .

— Eu!—Exclamou Lucia.—Pois de quem é filha essa menina?

— Do senhor Simão Peixoto que Deus tem.

— E a mãe quem é... e onde está?—accudiu a alvoroçada senhora.

A serva de Margarida relanceou os olhos aos dois cavalheiros perplexos e disse :

— Estes bons senhores hão de ter piedade d'ella e não hão de accusal-a...

— Accusal-a!...—atalhou a rir-se o velho—voce-mecê vem denunciar uma criminosa ou pedir esmola para uma desgraçada?

— E isso, meu senhor, para uma desgraçada é que eu peço.

— Naturalmente—tornou o velho—essa mulher era alguma das muitas que elle por ahi perdeu...

— E' uma senhora—disse serena e intencionalmente a madrinha de Julia.

— Senhora!—volveu Christovão Freire.—Como se chama? onde está e d'onde é? Minha sobrinha, as esmolas são sempre abençoadas; mas precisamos n'este caso averiguações minuciosas. Como se chama essa senhora?

— Soror Margarida das Dores.

— Como?!—accudiu o major.

— Soror Margarida das Dores.

— Do convento de Chaves?—perguntou elle.

— Sim, meu senhor.

Osorio, feita uma curta pausa, disse:

— Senhora D. Lucia, esta mulher não mente. Eu estava em Chaves quando do convento de Nossa Senhora dos Anjos fugiu um formosa freira chamada

Margarida. Toda a gente entendeu que seu irmão a tirára do convento, por que era elle quem todos os dias a procurava. Simão negou, a freira desapareceu, ninguém mais deu novas d'ella, senão um amigo de Peixoto que fez acreditar que a freira passára a França com um official de Loyson.

— E onde tem ella vivido? — perguntou D. Lucia.

— Na quinta da Teixeira — disse Escolastica. Lá viveu até que soube que o senhor Simão tinha morrido.

— E para onde foi depois? — tornou Lucia.

— Veio para uma casinha ganhar a sua vida a trabalhar. Em quanto pôde remediou-se, Deus sabe como, depois adoeceu, e vendeu o pouco que tinha. Agora não tem nada, e esta menina passa fomes e frio.

— E por que não mandou ella dizer-me logo a sua posição? — disse D. Lucia com os olhos a reverem lagrimas.

— Ella não mandou, fidalga, nem mandaria... Fui eu que vim com este anjinho que eu aparei nos meus braços quando nasceu. Vim agora, por que ella, não podendo já trabalhar, mandou-me vender a thesoura e um dedal de prata que lhe deu sua mãe. E' o que resta na casa; e ella disse-me que trocasse a thesoura e o dedal por um pãosinho para a sua filha...

Embargaram-na os soluços. O major e o velho limpavam as lagrimas. Lucia achegava de si a filha de seu irmão e dizia-lhe:

— Como te chamas?

— Julia da Soledade.

— Repare, primo, n'estas feições... — disse ella ao major.

— São as de seu irmão, prima. Seria mais formosa, se tivesse as da mãe.

— Conheceu-a ?

— Assisti á sua profissão convidado pelo pae, um rico proprietario de Montalegre que era o fornecedor do regimento. Não vi mais peregrina belleza n'este mundo...

— Onde mora ella ? — exclamou a irmã de Simão Peixoto.

— Na rua das Aldas, na casa mais pequena.

— Eu vou já em busca d'essa pobre senhora...

— Vou primeiro mandar preparar a carruagem que a deve conduzir ? — perguntou Osorio.

— Para aqui ? — disse ella.

— Para aqui não me parece... A casa de Soror Margarida... directamente... devia ser a do pae de sua filha... Por que eu... — e, fallando perturbadamente, aproximou-se de Lucia e tomou-lhe a mão que levou aos labios — eu o matador do pae d'esta menina, rogo com estas lagrimas... supplico á sua caritativa alma que me desopprima da angustia de ser pobre e não ter muito para dar tudo á creança a quem tirei o amparo. Valha-me vossa senhoria, prima, aceitando como incentivo á sua generosidade o lembrar-lhe que as sobras da sua riqueza devem ser da filha de seu irmão.

— Por que m'o pede ? — disse D. Lucia. — Pois o meu coração necessitaria dos seus rogos?... Tudo, tudo que era de meu irmão será teu, minha sobrinha.

A madrinha de Julia prostrou-se a beijar os pés da fidalga e a regar-lh'os de lagrimas. D. Lucia levantou-a nos braços e pediu-lhe que fosse adiante prevenir Margarida para que se apromptasse. Per-

guntou a Julia se queria ficar e a menina respondeu com medo :

— Eu queria ir ver minha mãe...

— Tua mãe está contigo d'aqui a pouco, Julia— disse Lucia. — Nós vamos ambas buscal-a.

— Olha lá, sobrinha—interveio Christovão Freire — eu por estar trôpego não heide ficar estranho a esta alegre scena do teu coração. Traz-me essa senhora para minha hospeda ; e, quando a tua casa estiver arejada e habitavel, então irá. Bem sabes que as janellas não se abrem ha tres annos...

O anjo da caridade

Assi que podemos decir que aunque aquello por accidente fue hecho... no fue sino misterio de nuestro Señor que le plugo que assi passasse.

Amadis de Gaula.

Margarida cobrira o seio com o lenço de sua criada, porque o pão do penultimo dia tinha sido trocado pelo seu ultimo lenço.

Dissera ella, ao tiral-o do peito :

— Vou-me despindo para mais depressa me amortalharem. . .

E sorrindo continuara :

— E d'onde virá a mortalha? De lagrimas... irei coberta das vossas lagrimas, pobre amiga e pobre filha. . .

Estava pois enfeitada com o lenço de algodão azul afogado nas pelles do pescoço para receber a irmã de Simão Peixoto.

E dizia a Escolastica :

—Eu não me envergonharia de receber assim nosso Senhor porque elle sabe a minha pobreza; mas vejam que vaidade!... tenho pejo de que uma creatura, sujeita á desgraça como eu a mereci, me veja assim!

Ouviu-se rodar e parar uma carruagem á entrada da estreita rua. Saiu á janella Escolastica e exclamou:

—Ella ahi vem com a menina pela mão e um lacaiõ com um bahú.

D. Lucia entrou com pareença desafogada e pisando senhorilmente o tabuado bambo e esburacado como se pizasse tapetes. Aproximou-se do leito, soffrendo o espanto d'aquelle avelhantado rosto que o major encarecêra, e disse jovialmente:

—Quando a senhora D. Margarida tiver saude capaz de castigo heide dar-lhe com um páo. Se sabiam que eu não era má, como pôde esconder-se de mim com esta menina?

—Minha senhora — disse Margarida — as desgraçadas tem medo de tudo. Esta minha bemfeitora disse-me que vossa senhoria era uma alma generosa; mas eu temi que as minhas culpas não me recessem a sua commisseração. Perdoe-me, minha senhora...

—O meu perdão hade tel-o, se se vestir depressa — atalhou Lucia. — Vamos a repartir entre as duas o que temos. A senhora D. Margarida dá-me parte do coração de sua filha e eu... olhe que paga!... dou-lhe algum dos meus vestidos...

—Obra de misericordia... vestir os nus... — balbuciou Margarida com os olhos engorgitados de lagrimas. — Minha filha disse-lhe que eu não tinha mais que um velho vestido? A tolinha cuida que eu me

heide enfeitar para apparecer bem á morte?... Minha senhora, abençoada seja a sua esmola...

— Não diga esmola! — exclamou Lucia. — Se me faz chorar, não lhe perdôo. Eu choro ha tres annos... Deixe-me hoje passar este dia alegre... Vamos buscar o bahú, Julia?

— Eu vou, fidalga — impediu Escolastica.

Lucia abriu o bahú e tirou roupas brancas de en-voltã com os vestidos de seda, mantos, chapeo, sapatos e o necessario para o aceado traje de mulher.

E, ao compasso que punha a roupa sobre o leito, dizia:

— Isto vem tudo atrapalhado... Eu e Julia atirá-mos tudo a eito aqui para dentro. Ora vá! Eu ajudo a vestir-a.

E desdobrou as roupas brancas desembaraçadamente.

Margarida quedou-se contemplando-a e murmurou:

— Irmã de Simão... esta creatura com graça do céo! Minha filha, ajoelha aos pés d'esta senhora...

— Valha-me Jesus! — disse Lucia com geito de fingida zanga. — Eu quero lá que a pequena me ajoelhe!... D. Margarida vista-se... ande...

A velha parecia apalermada de jubilo com as mãos cruzadas sobre o seio, e a menina andava á volta da tia com os seus grandes olhos a saltarem de prazer.

Vestiu-se Margarida com auxilio de D. Lucia e Escolastica.

Olhava para si e dizia risonha:

— Um cadaver adornado!... Já me não via ha muito... As sedas hão de ajustar bem n'este esqueleto... Se o pae d'esta menina visse em mim a

freira de nossa Senhora dos Anjos... ficava sobejamente castigado... Deus castiga assim a vaidade da mulher; mas a mim tirou-me a vaidade antes da belleza, se alguma tive... Devia de ter por que... até as minhas amigas me odiaram... e ajudaram a perder.

Estava preparada. Lucia escutava maravilhada as serenas pausas d'aquelle dizer triste por entre um sorriso que, apesar de o ser, harmonisava com o travor das expressões.

Margarida fez sentar-se a irmã de Simão para lhe ouvir duas breves palavras. Encostou-se arquejante de cansada á borda do leito e disse:

— Minha senhora; queira ter a bondade de me dizer para onde vou, e perdoe-me a curiosa pergunta. Ha felicidades que não convem ás almas abatidas. Póde ser que vossa senhoria me queira dar um destino que, sendo excellente em outra mulher, me faça mal a mim.

— Por em quanto — disse Lucia — quero que me obedeça; vae para a casa onde eu sou hospeda, e lá conversaremos sobre o seu destino. O de Julia já eu lh'o posso dizer: hade ser herdeira de seu pae...

— Não póde ser — interrompeu a freira.

— Porquê?

— Seu pae não reconheceu o baptismo, não a viu... morreu sem a vêr, foi d'este mundo sem ouvir a palavra *pae*.

— Pois meu irmão nunca viu a filha?

— Nem mais me viu a mim desde que eu fui mãe... Foi a divina providencia que o affastou das minhas lagrimas... Foi... Se eu tivesse mais filhos, póde ser que tivesse visto acabar alguns de fome.

Esta pude sustental-a quazi tres annos; mas, se fossem duas, o alimento era tão mesquinho que repartido por ellas e por mim... eu não chegaria a vel-as morrer, não... Teria ido antes d'ellas...

D. Lucia levantou-se de golpe, travou-lhe do braço com suave vehemencia e disse :

—Vamos. Não me sinto bem n'este ar...

Caminhou Margarida amparada e vagarosamente. Entraram todas na carruagem e apearam a pouca distancia no pateo de Christovão Freire na rua Chã.

O velho saiu ao salão de espera, cortejou Margarida e disse com fidalga urbanidade :

—Quer Deus que á volta de um infeliz velho se ajuntem pessoas que o divirtam de suas magoas fallando das proprias. Seja isto hospicio e albergaria de peregrinos desventurados. Venham aqui tomar colação para a viagem eterna os romeiros que caminham pelo valle de lagrimas. Seja bem vinda, senhora !

—Quem é este respeitavel senhor? — perguntou Soror Margarida, em voz baixa, a D. Lucia.

—E' o pae de Marcos Freire...

—Ah!... — exclamou a freira, recordando-se.

—Pae de Marcos Freire que foi morto por meu irmão — concluiu D. Lucia.

Supplicas de Margarida

+. . . Da longa dôr que ha já muito tempo que eu passo, tem o cansado d'este meu corpo tão costumado a soffrel-o que já agora vive n'ella. +

BERNARDIM RIBEIRO. — *Menina e moça.*

Vejam as prodigiosas incongruencias que a desgraça conciliou! Em casa de Christovão Freire, a volta de uma mesma toalha, fatiando o mesmo pão, vereis o filho de Marcos de par com a filha de Simão Peixoto. Alvaro tem seis annos. Sabe que seu pae foi morto; ignora porém, que D. Lucia é irmã, e que Julia é filha do matador. E são muito amigos, chamam-se primos e folgam em brinquedos, bem que Julia se avanteje em cinco annos. E' que a filha de Margarida nunca tinha brincado. Lá, nos pardieiros da casa da montanha, a creança via as avesinhas a saltitar entre as franças das arvores, corria para ellas cheia de inveja e as avesinhas fugiam. A mãe acariciativa dava-lhe muitos beijos quando a via quêda, a modo de pensativa, e dizia: — Que triste infancia! Como hade ser sempre

sombria esta alma formada sem contentamentos de puericia e tão acostumada a vêr-me chorar!

E da solidão das arvores e penedias passára Julia á sujeição de passar dias, e o mais das noutes a seroar com a mãe, na rua das Aldas; e por de sobre isto a nudez e a fome que, para assim dizer, apodrecem os embriões do contentamento da juventude antes que abrolhem e floresçam.

Mas ainda a tempo o anjo da mocidade lhe deu a ella das suas azas. Julia retrocedeu aos jubilos de infancia quando as fórmas lhe saiam esveltas e desenvolvidas juvenilmente. Doidejava como ebria de alegria, contrastando com a taçiturna melancolia da mãe. Tomava no colo o primo Alvaro e communicava-lhe sua alegria. O filho de Maria de Nazareth agradecia o beneficio de uma companheira de brincue-dos; porque tambem elle, depois da morte do pae, nunca mais vira nem ouvira senão lagrimas, vozes lastimosas e os gritos assustadores de sua mãe.

Contemplando os dois meninos, dizia Christovão Freire:

— Como se apartarão dilaceradas aquellas duas almas, chegada a occasião de Alvaro saber que o pae de Julia lhe matou seu pae!

Margarida respondeu á cogitação melancholica do velho:

— Serão apartados antes que o mundo os ensine a odiarem-se.

— Porque não faremos antes que se estimem e lancem de si o injusto odio?— observou D. Lucia.— Que tem que ver estas duas vidas innocentes com as vinganças e rancores de seus paes?

— Mas — contestou Margarida — esta menina, tem de receber a herança do meu infortunio. Mal d'ella

se eu não conseguir, apartando-a do mundo, affeiçoal-a á solidão e ensinar-lhe o contentamento das coisas innocentes e da simplicidade dos prazeres. Quando penso no que tenho padecido minha senhora, desejo que ella vá adiante de mim. Cheguei ao estado de crêr que não ha felicidade nenhuma que torne a vida desejavel, salvo se a felicidade está em consciencias como a da nossa bemfeitora e do senhor Freire, martyr que se vinga da desgraça arrancando-lhe as victimas. Não é a riqueza que salva dos precipicios. Se minha filha podesse ser rica, eu nem por isso me alegrára por julgal-a mais defendida da desventura que as pobresinhas. Rica tambem eu nasci... Se meu pae fosse pobre, ter-me-ia amado e não me obrigaria a entrar no mundo pela porta do crime... A riqueza que eu queria deixar a minha filha, não a tenho: era o exemplo da virtude. A' mingua d'este beneficio, o meu intento, se vossas senhorias me permitissem, era voltar com Julia para a casa onde eu morri ás esperanças e ella nasceu com tão má sina que não tinha pae bastante piedoso para lhe dar nome de filha, nem sequer mãe que podesse em publico dizer que o era. Para ser christã foi preciso pedir eu á minha criada e ao pobre cazeiro da quinta que a baptisassem; e o vigario não lhe daria o sacramento, se os pobres que levavam a creança não dissessem que a levantaram do chão. O padre amaldiçoou a mãe, affronta dos feras, e baptisou a engeitada. Quem assim nasce que deve esperar? O tumulto é sempre melhor que o berço; em um começa o repouso eterno; no outro a batalha com as calamidades. Minha filha foi offerecida a Deus; ajoelhei eu com ella diante do crucifixo que seus bisavós beijaram, senhora D. Lucia. Quando vossa se-

nhoria alguma vez o vir na sua casa, lembre-se de que eu chorei alli... E que lagrimas! Offereci ao Senhor a minha filha; e hoje vejo que a bondade divina m'a recebeu no seu coração, minha senhora; mas eu queria que a sua beneficencia m'a protegesse lá n'aquelle abrigo onde está a imagem que me viu chorar e pesou a justiça dos meus rogos, não por mim, mas pela creança que tinha em si o bafejo celestial da innocencia. Se eu pudesse lá restituil-a com o seio sem macula nem sentimento impuro!... Se eu pudesse vê-la mulher com a candura dos dez annos! Dê-nos vossa senhoria a esmola das suas sobras, não aqui, mas lá... Deixe-nos voltar para o esconderijo da sociedade onde eu já não posso ser apontada pela compaixão, nem perdoada pela indulgencia. Sou freira; Julia é minha filha, filha sacrilega. Não poderá já mais ser rica para se fazer perdoar...

— Será rica... — interrompeu D. Lucia. — Podesse a riqueza dourar-lhe a vida... Não póde, não, senhora D. Margarida... Mas a casa de meu irmão é d'ella... Ainda assim, quer a senhora voltar para a quinta da Teixeira? Pois sim; irá, irei tambem eu; mas ainda não. Convalença, adquira algum contentamento, veja se tira da escuridade de seu espirito alguma luzinha de esperança... Depois, quando nos faltar este pae, e tivermos fechado a sepultura de Maria de Nazareth, então iremos juntas envelhecer e morrer amadas de nossos filhos; que eu tambem sou mãe de Alvaro...

— O pae não te demorará muito tempo aqui... — disse Christovão Freire. — A outra, a morta do Candal, que estorvo vos será? Levae-a. As tres victimas de Simão Peixoto deviam ajuntar-se debaixo das mesmas telhas...

Explicação aos sabios

Tenho medo d'estes senhores legistas que tudo querem levar de codilho.

ANTONIO RODRIGUES FLORES—*Antiepitome*.

O leitor sabido e enxertado em Pereiras e Souzas, Lobões e Correias Telles está morto por entender como foi aquillo de estar D. Lucia persuadida que a filha de Soror Margarida das Dores havia de herdar os vinculos de Simão Peixoto. E outro sim em que lei se estriba Christovão Freire, se tenciona, como de facto, transmittir os vinculos de que era administrador a um filho natural de Marcos Freire.

Ou a illustre dama e o extremoso avô não sabiam os mais triviaes principios da ordem regular da successão dos vinculos ou o chronista d'estes acontecimentos os altera para recompor o entrecho da historia, sem recear que, á conta da sua ignorancia dos reinicolas, lhe apodem de phantastico o romance, e a elle o lastimem do absurdo juridico por lhe faltar,

como habilitação para romancista de servir, cartas de bacharel em direito.

D'esta feita, a alcunha de ignorante não será legitimamente applicada nem a D. Lucia nem ao avô de Alvaro nem a mim.

O filho da doida do Candal e a filha da freira de Chaves verdadeiramente não podiam succeder nos vinculos; mas podiam herdar os bens desvinculados.

O leitor que me fez a honra de reparar e talvez cruzar com a unha intelligente uma ementa marginal, conhece o art. 1463.º, § 3.º, secção II, *Dos Morgados*, no DIGESTO PORTUGUEZ de Correia Telles. Creio que pela primeira vez este sujeito e o seu livro são citados em novellas. Já Bertholo e Cuvarrubias não estão dispensados de figurarem n'um quadro romantico de envenenamento com cabeças de phosphoro ou sulimão.

Pois diz Correia Telles no predito artigo que: «Se o instituidor (do vinculo) determinou que, extincta a linha dos descendentes do administrador, o vinculo se haja por dissolvido, o ultimo possuidor poderá dispor dos bens, em conformidade com a disposição da instituição.»

Christovão Freire e D. Lucia Peixoto eram os ultimos possuidores da linha descendente do instituidor. Corria-lhes obrigação, não tendo filhos, nem irmãos, nem parentes da mesma linha, desvincularrem. Aqui está a meu juizo desfiado o empecilho, e lucidissima a resolução de um caso que os doutos podiam ter esquecido e eu podia ter ignorado por effeito de uma calaceira aversão que me faz ignorar muitissimas coisas admiraveis de Correia Telles e outros sabios, a um tempo martyres e algozes.

Com este capitulo, deixo para serventia dos meus collegas um exemplo de acatamento devido ás glosas de leitores que ao invéz do philosopho christão descreem dos contos quando elles são absurdos.

Quem escreve romance onde se toca em successão de vinculos deve presuppor que ha-de ler-lh'o um juiz do supremo trlbunal, ou, se quer, um procurador de causas.

XXXVII

Emfim!...

N'est'alma, que anda em trevas, amanheça
Vossa divina luz onde sem fim
Diante vossos olhos resplandeça.

DIOGO BERNARDES — *Varias Rimas.*

Maria de Nazareth desceu-se, uma noite, do leito socegradamente, e começou vestindo-se. Acudiu a vigilante enfermeira perguntando-lhe que fazia.

— Vou para minha mãe, disse ella.

— Olhe que são duas horas da noite ; como hade a senhora ir ?

— A's quatro é dia... Bem sei que são duas horas—tornou Maria com apparencias de escorreita serenidade. — Bei sei que horas são. Tenho-as ouvido todas.

— Mas onde quer ir, senhora ? ! — redarguiu a criada convicta da loucura do intento.

— Já lhe disse onde vou ; não me mortifique, pelo amor de Deus. Quero ir para minha mãe... Vou morrer em graça ; aqui não posso acabar, sem pe-

dir perdão a minha mãe. Ella, em eu lá chegando, abraça-me e perdôa-me. Aqui não vem... porque é virtuosa e diz que me não criou para isto. Meu pae morreu de paixão.— E, dizendo, sentou-se, quebrantada do esforço feito em apertar o vestido, e proseguiu: — Meu pae morreu de paixão. Fui eu que o matei com desgostos. Era muito meu amigo. trabalhava sempre para me deixar bom dote, queria-me casar com um primo que estava no Pará. Fugi no dia de annos de minha mãe, á noite, quando meu pae ficou á mesa a cear com os nossos parentes. Não tornei a vê-lo nem elle a mim. A nossa criada Angelica é que veio dizer-me que meu pae nunca mais desceu á loja nem foi á igreja. Chorava sempre á beira de minha mãe. Estavam assim os dois velhos um ao pé do outro estarecidos até que Deus o levou para si. Meu pae, tem compaixão de tua filha !...

Maria, com os olhos enchutos, e as mãos enclavinadas sobre os joelhos, ficou largo espaço absorvida.

— Não esteja a lembrar-se d'essas tristezas... — disse a criada pegando-lhe das mãos.

A doida, que a não ouvira, continuou :

— Como ficaria triste minha mãe ! Vê-lo amortalhar, vê-lo sahir e... nunca mais voltar !... Amaldiçoava-me, se não fosse tão boa !... Era santa e desculpava as mulheres perdidas... Quantas vezes ella me disse : «Filha, Deus é que vê as peccadoras. Quem sabe se ellas se perderam obrigadas pela necessidade e enganadas por promessas de melhor vida !... — Que trabalhem, que vão servir, — diz toda a gente... — A vontade de trabalhar para conservar a virtude é maior virtude que todas as mais.

As pobres pensam em remediar-se; acham quem as engane com esperanças : depois não ha quem as queira ; até os amos as atiram á rua. Que hão de ellas fazer ? Acabam de perder a vergonha... e lá vão.» E' uma santa a minha pobre mãe... Também ha de desculpar-me e perdoar-me. Quero ir para onde a ella...

— Mas se a sua mãesinha já não fôr viva ? — atalhou a criada.

— Agora não é ! Ainda hontem a vi.

— Viu-a ? :

— Vi em sonhos, a dizer-me : «anda para ao pé de mim, que eu estou á tua espera.» Pois não a vi eu ? Estou a vê-la... muito acabadinha, com a pelle sobre os ossos...

A enfermeira, crendo que era mysterio a visão de Maria, tremia de susto religioso olhando para o canto sombrio, onde a louca pregára os brilhantes olhos, dizendo : *estou a vê-la.*

E, saindo a resar, foi acordar a sua companheira.

No emtanto, Maria levantou-se e foi indo encostada de cadeira em cadeira até sair á saleta, apenas alumiada com o clarão pallido da luz que mal aclarava a alcova.

As duas mulheres, dando de subitas com ella em pé, na meia escuridade da saleta, retrocederam atterradas.

Maria quedou-se a murmurar palavras inintelligíveis até qua as fugitivas cobrando animo com a certeza de que era Maria, e não o phantasma da mãe que tinham enxergado na ante-camara, voltaram com dois castiças animando-se reciprocamente.

— Ajudem-me a vestir, que é dia — disse-lhes a louca. — Andem depressa, que eu quero entrar em

casa antes que os visinhos abram as portas. Tenho vergonha que me vejam... Que eu, depois de estar em casa, nunca mais appareço... Nem morta me hãode vêr, por que eu estou muito acabada... — e, dizendo, apalpava as cavidades do rosto — e se me virem morta dizem que a vida do peccado me poz assim e que eu já tenho cara de condemnada...

— E o seu filhinho onde fica? — interrompeu uma enfermeira — Leva-o tambem?

Esteve Maria a recordar-se, fechando e abrindo as palpebras. Depois, disse:

— O meu filho... é verdade!... eu poderei levar tambem o meu filho?!

— Póde, senhora; manda-se buscar ao Porto.

— Quem o levou?

— Foi a tia, a senhora fidalga, irmã do senhor Marcos.

— Não me disseram nada... Foi quando elle hontem esteve a chorar abraçado no filho?

As criadas olharam uma na outra dando aos hombros em demonstração de dó.

— Mas eu — proseguiu Maria — fiquei com o meu filho quando elle partiu; e tive-o nos braços, ajoelhada diante do oratorio, até que elle adormeceu; e pul-o no berço ao pé de mim, onde eu passei toda a noite sempre de joelhos. Apagou-se-me a luz de madrugada, abri a janella e já havia sol. Tornei a ajoelhar e a escutar o que meu filho dizia... Estava a sonhar e a chamar o pae... E eu acordei-o... acordei-o...

Maria levantou-se impetuosamente e arrancava as palavras do coração com dilacerantes arquejos e estridentes vozes:

— Acordei-o! — proseguiu ella — e perguntei lhe :
«Alvaro, meu filho, que tens? viste teu pae?... teu pae morreu, filho?... E o menino chorava... chorava... por que tinha visto morrer o pae...

As mulheres ampararam-na quebrando-lhe os impulsos e o bracejar vertiginoso. Seguiu-se o deliquio e um froixo de tosse aspera que lhe tingiu levemente os cantos da bocca de espuma ensanguentada.

Levaram-na ao leito e mandaram aviso a D. Lucia contando-lhe o succedido.

A fidalga saiu logo com Alvaro para o Candal. Quando chegaram, estava Maria de Nazareth dizendo ao vulto imaginario de sua mãe palavras de arrependida.

Consoante o costume, o menino foi á cama chamar sua mãe e beijar-lhe a mão.

A doida attentou n'elle com a usual indifferença e disse a D. Lucia :

— O meu Alvaro está no berço. Quando fôr assim grande, tambem hade trazer casaquinho de veludo.

Passados alguns minutos de silencio disse abruptamente :

— Onde está minha mãe ?

— No céo — respondeu a prima de Marcos.

Maria abriu os seus grandes olhos a fito no rosto de D. Lucia e disse :

— A senhora estava tambem a chorar quando o senhor Marcos foi hontem...

— Estava...

— E levou-me o meu filho ?

— Levei; mas aqui lh'o entrego.

— Este? o meu Alvaro faz ainda tres annos dia de Santo Antonio...

— Mas ha tres annos que meu irmão morreu...

— replicou D. Lucia, na persuasão vulgar de que, nas demencias capazes de curativo, é necessario estar sempre escalavrando a chaga que as produziu, afim de alumiar a alma com a mesma luz infernal que a offuscou.

— Ha tres ánnos... — murmurou Maria.

— Sim — instou a senhora — ha tres annos que o mataram... Lembra-se d'elle? Olhe!

E poz-lhe em frente o retrato.

A louca afferrou d'elle contra o seio e exclamou:

— Senhor Marcos! senhor Marcos!... Responda-me, que eu morro se me não falla!... Está morto!... mataram-no!... Não me diz nada!... O' senhor Marcos...

A's vozes articuladas sobrevieram agudissimos gritos. Tremiam e choravam todos; queriam já tirar-lhe das mãos o retrato e não podiam; que ella abraçara-se com elle e escondia-o entre o seio e o regaço, bamboando em phrasis o tronco e cabeça até bater no espaldar do leito, quando se levantava, para recair com a moldura ajustada ao peito.

De repente aquietou-se, os braços penderam e o retrato ficou encostado ao peito d'ella. Olhos e face pareciam estoirar e transudar sangue. Caiu para os travesseiros. A espiração saia-lhe em arrancos e estertuosa.

— Vão chamar medicos, que ella morre! — clamava D. Lucia.

Seguiram-se convulsões que faziam ranger o leito

e viam-se por sob a pelle das fontes borbotões de sangue a ferver.

Lucia apalpou-lhe os braços e disse que eram de gelo. O abraçado do rosto demudou-se em repentina pallidez. Pararam as convulsões, parou o cachoar do sangue na testa, parou o estertor crepitante do respiração, parou a vida...

Estava morta.

Luzira a aurora da eternidade n'aquellas trevas. Fez-se dia sem fim na alma de Maria de Nazareth.

Lucia caira a soluçar sobre o seio d'ella.

Alvaro, como visse uma das enfermeiras ajoelhar, poz as mãos, ajoelhou tambem e chorou.

Em frente do leito, sobre uma commoda, estava encostado á parede o retrato de Marcos Freire. O raio visual das fulgurantes pupillas ia direito ao rosto de Maria. E, a morta, com os seus olhos meio cerrados, parecia trocar com elle a derradeira luz de sua vida.

Conclusão

Demol-os já chegados á pousada.

FR. JOÃO DE CEITA.—*Quadragesma.*

Lembrem-se da *Advertencia* que antecede o romance.

Digo alli que um companheiro de passeio, na estrada d'entre o Porto e *Ponte da Pedra*, me apontou o sitio onde se travaram dois duellos de morte.

Aquelle cavalheiro era Alvaro Freire de Pamplona, filho de Maria de Nazareth. Elle foi quem me deu a chronica manuscripta d'esta tragedia, escripta e formada de differentes cartas, umas do major José Osorio do Amaral a Christovão Freire e a seu neto ; outras de Margarida a Simão Peixoto ; algumas de D. Lucia a Marcos Freire e bastantes laudas escriptas do punho da religiosa, em variados tempos, na casa da serra.

Sendo tantas e excellentes as achegas para que mais habil alvenel architectasse historia a um tempo distractiva e doutrinal, não consegui urdil-a engenhosamente sem afastar-me da singeleza com que os successos derivaram, em corrente de lagrimas,

até escorregarem á voragem do olvido pela ladeira da morte. Antes me quiz mal visto da censura que divorciado da verdade.

Os apontamentos, sendo tantos como eu vinha dizendo, não bastaram a informar-me dos casos posteriores ao trespassse da doida do Candal. Segurissimo da condescendencia de Alvaro Freire, pedi-lhe venia para sollicitar a mercê de me continuar vocalmente ou de escripta os successos sequentes á morte de sua mãe. Em resposta, recebi convite para sua casa na provincia transmontana, dando-me o itinerario para a quinta da Teixeira no concelho de Mesão-frio.

Figurou-se-me logo que esta quinta devia ser o ergastulo das tribulações e saudades de Soror Margarida das Dores.

Fui. Já não alcancei reliquia alguma do paço feudal que se desconjunctava na decrepidez de sete seculos em 1810. As torres e ameias, os ponderosos batentes e hobreiras, os arcos das gelosias, as grosseiras columnas monolithas, os balaustres das varandas internas á volta do pateo claustral, os restos em fim do seculo XII mesclados com reparos no primor da era manuelina, tudo estava cimentando um vasto palacete affeitado com todos os arrebiques de uma architectura phantasiosa. As penedias circumjacentes e sobrestantes ao solar extincto eram agora jardins, hortas, laranjaes, bosques de variadas fructeiras, cryptas escuras e como subterraneas de impenetraveis ramarias, bacias marmoreas a espelharem cedros do Nilo nas suas aguas limpidas; ruas ladeadas de hortensias e ennoitecidas pela exressura dos cypresses entretecidos com agigantados magnolios; grutas escuras e frias como antros com pavilhão de rochas;

por entre as carvalleiras seculares as viridentes araucarias bracejando a sua lancinante folhagem; um lago á ourela da serra, com as margens bordadas de salgueiraes; um bätel azul embandeirado no lago e um menino dentro a rebatinhar migalhas de pão de ló a uns cisnes... eis a metamorphose que quarenta annos tinham feito na casa que o frade antonino — a quem Deus terá perdoado — praguejara como covil de lobos.

Tinham-me conduzido ao lago, onde encontrei Alvaro Freire e com elle uma senhora adiantada em idade, todavia admiravel no complexo de bellezas raro resistentes á decomposição de cincoenta annos.

Alvaro levou-me d'ali para sua casa, dizendo á dama:

— Vem logo que o pequeno esteja farto de nautica.

— É' seu filho? — perguntei.

— Nada: é meu neto — respondeu elle sorrindo. — Eu tenho cincoenta annos. Os meus filhos são mulheres com filhos, casadas por esse Douro fóra. Deu-me aquelle neto uma das minhas filhas. A avó e eu somos os aios do rapaz.

Da sala do refeitório passamos á livraria de Alvaro Freire; e de uma conversação frivola saltamos ao essencial motivo da minha visita.

— Quer você, portanto — disse o filho de Marcos Freire — que eu lhe continue a historia dos obscuros martyres...

— Se isso não faz implicancia com o resguardo de certos segredos de familia que...

— Não, senhor; implicancia nenhuma — accudiu elle. — Como sabe, uns martyres já lh'os fiz conhecer até que a sepultura os resgatou e confundiu com

a sorte... do algez... Desculpe me a palavra pouquissimo generosa... A historia deixa de ser urbana para ser verdadeira.

Minha mãe foi sepultada no jasigo dos Freires, na cathedral do Porto. De lá se erguerão as duas almas, ou os dois corpos, ou os dois punhados de cinzas no ultimo dia.

Quer que lhe diga de minha tia a senhora D. Lucia Peixoto? Voltou do Candal para casa de meu avô, trouxeram-na com a alma em agonias e remorsos crudelissimos, exclamando que fôra ella quem matára meu pae e minha mãe. Deus, porém, que lhe não pedia tão rigorosas contas, collocou ao seu lado mão de anjo que lhe foi despontando os espinhos de remorso. Era D. Margarida, a martyr de Simão Peixoto. Recobrou-se D. Lucia; mas não lhe hão de invejar as mais desgraçadas similhante vida. Sempre triste, sempre a desejar a morte, e inconsolavel até quando saía a encher de pão e cobertura os nus e os famintos.

Decorreram dois annos.

Em 1824 meu avô, o senhor Christovão Freire desvinculou a sua casa e testou-a em mim reconhecendo-me filho do senhor Marcos Freire: fineza que eu sobreponho ao legado de grandes haveres.

Eu ia nos nove annos e já em quatro de bons mestres e muita applicação. Como não tive a infancia que folga e cresce n'uma athmosphera pesada e para assim dizer saturada de lagrimas, adiantou-se-me a idade da madureza precocemente.

Meu avô, pois, tendo eu nove annos contou-me o que eu de todo ignorava: a morte de meu pae, a façanha de José Osorio, a demencia de minha mãe, os liames que prendiam D. Margarida a minha tia

D. Lucia, a filiação de Julia e os mais pormenores que você sabe.

Estas revelações impressionaram-me; e bem me lembro das demoradas reflexões que meu avô me fez ácerca dos duellos, mandando-me considerar, á medida que o meu entendimento se desenvolvesse, quantas calamidades se seguiram á morte de meu pae, quantas lagrimas custou aquelle lance de honra e a fria indiferença com que a sociedade as viu chorar, sendo ella' quem prescreveu a Simão Peixoto e a Marcos Freire o dever de se matarem. O' meu amigo! não ha homem, esposo ou pae, que não abra sepultura ás pessoas que mais presa, nos sete palmos sobre que cae morto em duello. E se os seus desamparados não morrem, cruelissima força é essa que os faz sobreviver ao morto, para agonias de saude e transe de pobreza. Isto é peor que o trespassar da bala ou da espada.

Que é de um exemplo mais doloroso que a vida de minha mãe!... Estou ainda como ha quarenta e quatro annos com ella na phantasia! Que espectáculo! Que faria a Deus aquella mulher tão penitenciada? Que custava á desgraça levar-lhe a alma com a razão? Se a escuridão da sepultura não seria um favor do céo, comparada ao horror da demencia e ao desfibrar das dôres que lhe arrancavam piedosos gritos!

Meu avô não occultou quadro nenhum á minha debil razão. Fortaleceu-m'a, porém; que eu decorei o maximo das suas palavras. Pediu-me que me sequestrasse do meio dos homens que legislam codigos de honra e dão ao homicida a franquia de mostrar o rosto lavado com o sangue do adversario... legisladores infamissimos que reabilitam a digni-

dade do insultador, se elle teve a melhor pontaria e matou o coração onde estava a dignidade ultrajada. Em conclusão, meu avô me disse com enthusiasmo juvenil estas palavras: «Alvaro, quando poderes morrer ou matar com a gentil bizzarria do major Osorio, mata ou morre, que então não saes pela honra convencional; obedeces á tua razão e sentes que a honra te incita desde o mais recondito de tua alma devotada a um amigo digno.»

Em fins de 1824, meu avô conheceu que a sua hora ultima tinha chegado. A' volta do seu leito estavam D. Lucia, D. Margarida, os servos antigos da casa, Julia e eu. A ella e a mim chamou-nos o veneravel ancião e disse-nos: «Sêde sempre amigos, orae em commum pelas almas de vossos paes.»

Os paroxismos não lh'os sentimos. Aquella alma estava perto da bem-aventurança. Voou. Foi como a avesinha que mudou de ramo. Nós esperavamos ainda ouvil-o e elle já devia de estar fallando com as almas dos justos.

— E José Osorio — interrompi — não estava á beira do leito de seu avô?

— Não. Vou fallar-lhe d'elle. O major, bem que na sua volta de Inglaterra, não entrasse no serviço de Portugal, manifestou-se partidario da revolução de 1820. Os inimigos da mudança murmuravam contra o poder que o absolveu do homicidio e sophismou despejadamente a deserção, por isso que os seus amigos eram os bandeados com os vingadores de Gomes Freire. Osorio avisado por amigos e pelo seu proprio juizo dizia a meu avô que nunca lhe daria o dissabor de o visitar no carcere.

Assim que rebentou a contra-revolução esporeada por D. Carlota Joaquina, em 1823, o major quiz des-

embainhar a espada e morrer com os seus protectores ; mas meu avô, que lhe conhecia a bravura e previu uma morte desesperada, pediu-lhe com as mãos postas que voltasse para Inglaterra.

Abraçaram-se, despediram-se e disseram um ao outro : «Agora, até a eternidade.» E' que meu avô já via a morte e o major via-o morrer.

Militou o major em Inglaterra até 1828. Em outubro d'este anno, chegou a Londres D. Maria II, pedindo aos ministros de Jorge IV auxilio para restaurar o throno. O major, escrevendo a minha tia D. Lucia, dizia : «Vi a filha de D. Pedro IV. A minha espada vae ser portugueza. Já agora acabarei como os heroes das novellas de cavallaria, defendendo damas. Se fosse homem que viesse aqui pedir a corôa de Portugal não expunha a minha cabeça para que a d'elle tivesse corôa. Parece-me que não tardo ahi, se a intenção de D. Pedro é «lá ir.»

Cumpriu. Osorio esteve na Terceira já promovido a coronel e desembarcou brigadeiro no *Mindello*.

Quando nos procurou no Porto não nos encontrou. Mezes antes minha tia D. Lucia... Não tenho agora remedio senão interromper as paginas finaes da biographia de José Osorio, porque é forçoso que eu entre no quadro geral.

Vivi no Porto, continuando a minha educação em collegio até aos desesete annos. D. Margarida, Julia e D. Lucia, alguns mezes depois de meu avô fallecer, saíram para esta casa que era o antigo Paço em ruinas. Demoliram tudo, reservando o necessario para viverem tres senhoras com algumas criadas. Principiaram a reedificar uma casa aconchegada

sem fausto nem grandeza inutil. Vim aqui passar as primeiras férias e pedi que ampliassem a casa, porque eu desejava ali viver tambem. «Mas esta casa filho, — atalhou minha tia — não é tua : é de Julia.»

Córei, e D. Margarida, affagando-me beijou-me ambas as faces e disse : «A casa é tua, Alvaro. Ha-de fazer-se como tu quizeres. Manda-nos o risco do Porto.»

Eu não mandei o risco ; mas a casa foi assim feita como você a viu de passagem.

Quando aos dezeseite annos aqui cheguei...

N'este ponto da narrativa, ouviu-se o chilrear do menino que vinha chamando o avô para lhe accusar a avó que o não deixava subir á livraria.

De poz o menino entrou a senhora que eu tinha visto á beira do lago, perguntando a Alvaro Freire se queria que levasse o traquinas do rapaz.

— Deixa-o estar — condescendeu o meu amigo e ajuntou : — senta-te aqui tambem tu a ouvir a nossa palestra, e mais podes avivar a minha memoria embotada pela velhice e pela paciencia com que te aturo a ti e mais ao neto.

Sorrimos todos, e elle proseguiu :

— Ainda lhe não apresentei minha mulher. Ella já sabe quem você é. Os seus livros por ahi andam e não é muito por minha vontade ; que esta senhora quer por força que eu lhe pergunte se as historias dos seus romances aconteceram ou não. Ella agora que lh'o pergunte e você minta á sua vontade.

— Todas as historias dos meus romances são verdadeiras, minha senhora — respondi eu. — Uns casos aconteceram, outros podiam acontecer ; e logo que podiam, é quasi evidente que aconteceram ; por que

as dores não se inventam : ou se experimentam ou se adivinham.

A insinuante senhora fez um signal de assentimento. Alvaro Freire interveio :

— Posso agora continuar ?

— Se sua excellencia permite... — disse eu impetrando o consentimento da dama.

— Pois não... — condescendeu a senhora.

— Onde ficamos ? — perguntou-me o cavalheiro.

— Na vinda de vossa excellencia para esta casa aos dezeseite annos.

— Justamente. Cheguei, vi e fui vencido. Pouco me faltou para hobrear com Cesar, mas vencido, meu amigo, por tão soberbo inimigo que me fez ajoelhar a seus pés e pedir-lhe que tivesse comigo a generosidade de me fazer seu escravo. O inimigo que usou a caridade de me algemar chamava-se Julia da Soledade. Tenho de fazer-lhe segunda apresentação : aqui está Julia da Soledade.

Eu já sabia o nome de vossa excellencia, minha senhora — disse eu.

— Já sabia ! — exclamou Alvaro. — E eu a cuidar que o sobresalvava com a novidade...

— Vossa excellencia não se desvanece com a presumpção de romancista — redargui — por isso não estive a gisar surpresas. Aliás não me teria dito que ao lado do leito do seu moribundo avô recebeu das santas palavras d'elle a sagração de uma amisade que o santo varão desde o céu havia de afervorar até que as duas sentissem n'uma só alma.

— Pois é verdade, meu auigo — proseguiu Alvaro Freire. — Aos desoito annos casei : e desde este anno conto a idade pelos annos dos filhos : que

eu de mim, á imitação do frade de Villar que esteve setenta annos enleiado no cantar d'um melro, como dizem as veridissimas chronicas, não dou tino de que passa o tempo. E desculpa me tu, Julia, estar eu aqui comparando-te aos melros dos *bons hommes* de Villar, onde os melhores melros e de bico amarello eram elles e mais os seus chronistas.

Agora, voltemos ao brigadeiro Osorio. Estavamos aqui ao tempo do desembarque. Deram-se as batalhas que você sabe, grandes batalhas dizem os vencedores e vencidos, dadas as mãos do amor proprio; mas Osorio chamava-lhes escaramuças, perfidias e bamburrios. Bamburrios, porém, em que elle perdeu um olho e foi seis vezes sangrado copiosamente.

Quando o duque da Terceira, abertas as linhas, veio por esta provincia varrendo as reliquias dispersas do exercito dos oitenta mil, Osorio acompanhou-o e pernoitou aqui.

Disse-nos elle á entrada na sala: «resta-me ainda meia vista. A' alma, para vos ver, basta-lhe uma janella. Trato-vos assim por que tenho sessenta e cinco annos...» E abraçou-se em minha tia D. Lucia, querendo sorrir e as lagrimas a ondearem-lhe pelas faces avincadas.

Por que choraria elle? Eu sei o que era. Viu velha e com os cabellos brancos a mulher que elle conhecêra formosissima. Viu de relance o passado todo a desdobrar-se-lhe. Viu meu pae, viu-me creancinha, viu o pae da minha mulher empurrado á sepultura pela ponta da sua espada. E disse entre si: «O que é a vida! no que parou tudo! Esta mulher velha, outra morta, eu aqui a despedir-me d'elles...» e chorou, por que aquella valentissima alma chorava de se ver

n'um corpo tremulo como se já sentisse o frio da mortalha.

Ao outro dia, o brigadeiro foi reunir ao duque da Terceira, dizendo-nos : heide cá vir morrer.»

— Se as balas o respeitarem, primo Osorio—disse D. Lucia. «A velhice deu-me casca de crocodilo: já me não furam as balas» replicou elle.

Partiu. Fomos eu e Julia com o velho até Lamego.

Todos os dias mandavamos saber noticias das linhas de Lisboa. Uma vez veio o mensageiro com a noticia de que o brigadeiro Osorio fôra mortalmente ferido; mas quasi ao mesmo tempo recebemos carta d'elle em que nos dizia : «Se lá chegar a má «nova do meu ferimento, não vos assusteis. Não é «nada. Ainda assim tenho de me demittir da invio- «vel familia dos crocodilos; mas transfiro-me para «a dos Achilles, por que fui ferido n'um calcanhar. «E' o resultado de se bater a gente entre dois fo- «gos. Não vades pensar que o inimigo me viu os «calcanhares...»

Finda a guerra, José Osorio reformou-se em marechal de campo e veio para aqui.

Trazia livros inglezes que alli estão nas minhas estantes. Eram tratados de jardinagem e silvicultura. Dizia elle que o seu pão havia de ser suado e bem merecido. Começou a arrancar umas arvores e a plantar outras. Foi elle quem encaminhou agua para o lago, quem architectou as casas de fresco e engenhou esses castellos massiços que por ahi nos estão sempre fallando do nosso hortelão general. As minhas filhas chamavam-lhe avô, e levavam-lhe em bonecas todo o soldo do marechal. Eu muitas vezes lhe pedi que me ensinasse a jogar as armas.

Respondia-me que aprendesse a escolher os terrenos proprios de certas plantações, e que usasse de espingarda com bala para matar os lobos que descessem do Marão forçados pela fome. E accrescentava: «Jogar armas para quê? Aprende a matar lobos; e quando algum homem te deshonorar — de modo que a tua razão te diga que estás deshonrado e a consciencia te castigue, — então, meu filho, pega da arma, com que matas os lobos, e crava o pelouro no peito do homem que te houver offendido. outro Ha modo de vingança que é a de Jesus Christo. — Padre, perdoai-lhes que elles não sabem o que fazem. — Não te aconselho este estylo, por que não t'o posso abonar com o exemplo. Admirei grandemente a paciencia de Jesus; mas preferi para meu uso a doutrina da igreja, posta n'aquella obra de misericordia que não manda perdoar, mas ensinar os ignorantes. O sentido do preceito vae torcido; mas, em mundo tão torto como este, quem andar direito com os preceitos de Deus acaba victima dos filhos do diabo.»

Não o detenho — continuou Alvaro — a referir-lhe especies memoraveis d'aquelle sublime character. Amavamol-o com ternura de filhos. Aqui está Julia que chamava, desde o intimo do coração, pae ao homem que lhe matara o seu. D. Margarida, minha sogra, que ao principio o encarava com secreta repugnancia — bem que a não revelasse por gestos nem palavras — queria-lhe, como nós e dizia que via no braço d'elle um executor da justiça de Deus.

Afinal... morreu... E morreu quando já não desejava viver. Tinha setenta e nove annos. Já não ia jardinar nem sequer saía do quarto. Os ferimen-

tos saíram-lhe na decrepitude com dores incomportáveis. Abordava-se a muletas no ultimo anno. Perdeu a alegria e o gosto de ouvir facecias. Tinha a cabeça inclinada para o peito como avergado pelo fardo da vida. Dizia elle : «se a consciencia me accusasse de crimes, havia de cuidar que o inferno era este mau estado.»

Já vê que não teve a morte do justo. Ha infames que morrem tranquillamente. O marechal Osorio padeceu muito e acabou quando já não tinha esquirola de osso que não fosse um espinho torturoso.

Está sepultado no jazigo de meu pae e de minha mãe.

— Que mais quer saber ?

Abstive-me de perguntar o destino de Soror Margarida na presença de sua filha. Alvaro percebeu a delicadeza do meu silencio e disse :

— Minha mulher já não póde ter mais lagrimas ouvindo contar os ultimos dias de sua mãe.

D. Julia da Soledade levantou-se já com os olhos amarelos e saiu.

— Ainda tem lagrimas . . . — observou elle — Não lhe posso dizer se foi honradissima, se consolativa a vida de minha sogra nos ultimos seis annos, que se fecharam em 1840. Assaltaram-na as serpes dos escrupulos e enroscaram-se-lhe no pescoço. Foi uma asfixia de estrangulada atravez de milhares de dias e noites. A idéa de que era freira e a da transgressão dos votos, não sei se espontanea, se suggerida por algum confessor, mudaram-na de repente para exaltado ascetismo. Da oração mental passou aos jejuns, dos jejuns aos cilicios, dos cilicios ás disciplinas. Açoutava-se por noite alta no mais affastado esconderijo da casa. As lavadeiras perguntavam ás

criadas se a senhora tinha chagas; e assim viemos a saber a piedosa loucura da infeliz. Chamei um sacerdote virtuoso e illustrado para a demover d'aquelle selvagem suicidio. Ella respondeu que as penas do inferno eram mais insupportaveis.

E subiu a vertigem ao ponto de perder o amor á filha e aos netos, pedindo-me que lhe obtivesse licença para ir penitenciar-se no convento mais pobre e austero de Portugal. Combati-a com argumentos inuteis, e illudi a com esperanças de se lhe dar o convento pedido com as mãos postas.

Affastei d'esta casa certos egressos que se fechavam alternadamentē na sachristia da capella em prolongadas confissões. Começaram por ahi a murmurar da minha impiedade e ellá a bramir que eu lhe estava impedindo a sua salvação.

Franqueei as portas aos egressos e deixei. . . que a salvassem. Acabaram seis annos de supplicio para ella. . . e para nós devia eu dizer, se não fosse raro o dia em que Julia não vá, lavada em lagrimas pedir ás imagens da capella que lhe revelem se sua mãe se salvou.

Pobresinha! E' tão boa mãe como era filha! . . .

Não me esqueça dizer que Escolastica, a madrinha de minha mulher, morreu de oitenta annos, e creio que ainda viveria, se a não matassem saudades de sua ama.

Não tem mais que saber?

— E a senhora D. Lucia Peixoto?! — perguntei admirado da omissão imperdoavel.

— Ah! — accudiu elle — venha comigo.

— Pois ella vive? — exclamei.

— Vive. Vac vél-a.

Descêmos ao primeiro andar. Alvaro levantou um

reposteiro e disse a uma criada grave que costurava n'uma elegante antecamara:

— Pergunte a sua excellencia se posso entrar á sua camara com um amigo.

A criada voltou com o consentimento. Saltava-me o coração. Ia ver a formosa irmã de Simão Peixoto, o inflexível idolo da mocidade fidalga de ha cincoenta annos.

Entrámos. Inclinei-me profundamente. Ella ouviu o meu nome, depois que Alvaro lh'o disse estrondosamente ao ouvido.

Estava surda e olhava-me atravez de uma luneta de ouro com um só vidro.

A cadeira era de setim com reclinatorio alteroso e rodas. D. Lucia estava paralytica das pernas. Aproximei-me. Disse-lhe que agradecia infinitamente ao senhor Alvaro Freire a honra de me apresentar a sua excellencia.

Moveu muito a cabeça e perguntou-me se era do Porto. Respondi que residia no Porto.

— Sabe onde é o Candal?— tornou ella.

— Perfeitamente, minha senhora.

— Conhece lá a casa do meu Alvaro?

— Sim, minha senhora, conheço. Já fui ver de perto aquella memoria de sublimes angustias em que as de vossa excellencia foram eguaes á sua grande alma.

— Ainda por lá se lembram de Maria de Nazareth?

— Com outro nome, minha senhora.

— Bem sei... *A doida do Candal*.

Alvaro aproximou-se do outro ouvido e disse:

— Este meu amigo tenciona escrever as desgraças da nossa familia.

— Sim? — disse ella com vivacidade.

— Permittido-m'ò vossa excellencia — respondi — receio, porém, que me falte a especial intelligencia do coração com que possa elevar o espirito do leitor ao entendimento e admiração da martyrisada alma de vossa excellencia.

— Olhe—accudiu ella agitada—Se escrever a tragedia d'esta familia, lembre-se de que verdadeira martyr, verdadeira desgraça foi só uma: a *doida do Candal*, aquella santa esposa do coração de Marcos Freire, a extremosa que morreu com elle... e se não correu logo a procurar-lhe a alma, foi porque esteve agonizando tres annos. Em comparação d'esta, as outras dôres não merecem dó. Ella morreu... E eu tenho setenta e quatro annos... e vivo...

— Vive vossa excellencia, por que Deus lhe entregou o coração de mãe com as sacratissimas palavras do Calvario: — *Mulher, ahi tens teu filho.* — E mostrei-lhe Alvaro.

Saltaram-lhe as lagrimas. Inclinei-me até lhe beijar a mão, e saí.

Pernoitei na quinta da Teixeira. Ao outro dia vi reunidas, á volta da poltrona de D. Lucia, as filhas e netos de Alvaro Freire. Todos queriam gritar-lhe ao ouvido sem esperarem sua vez. E ella sorrindo aos péquenos dizia:

— Vocês querem acabar-me a outra metade do corpo, rapazes! Dão-me uns berros que me fazem mais surda...

Depois de jantar, fui despedir-me. Acenou-me com a luneta e disse-me:

— Não se esqueça da minha recommendação...
A martyr foi só uma... a DOIDA DO CANDAL... Hei-
de lêr o seu livro, se ainda tiver vista.

Ah! o meu livro não subirá do lodo d'este mun-
do, lá onde resplende o ouro d'aquella alma!

D. Lucia Peixoto acabou de morrer ha seis me-
zes.

FIM

J. P. OLIVEIRA MARTINS

OBRAS COMPLETAS

I. Historia nacional:

- HISTORIA DA CIVILIZAÇÃO IBERICA, 4.^a ed. (1897), 1 vol. br. 700 rs. Enc. 960.
HISTORIA DE PORTUGAL, 6.^a ed. (1901), 2 vol., br. 15400 rs. Enc. 15800.
O BRAZIL E AS COLONIAS PORTUGUEZAS, 3.^a ed. (1888), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
PORTUGAL CONTEMPORANEO, 3.^a ed. (1895), 2 vol., br. 25000 rs. Enc. 25400.
PORTUGAL NOS MARES, (1889), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
CAMÕES, OS LUSIADAS E A RENASCENÇA EM PORTUGAL, (1891). 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
NAVEGACIONES Y DESCUBRIMIENTOS DE LOS PORTUGUESES, (*ed. do Ateneo de Madrid*, 1892), 1 vol. (não entrou no commercio).
A VIDA DE NUN'ALVARES, 2.^a ed. (1894), 1 vol., br. 25000 rs. Cart. 25400. Enc. (folhas doiradas) 35200.
OS FILHOS DE D. JOÃO I, 2.^a ed., 2 vol., br. 15400 rs. Enc. 15800 rs.
O PRINCIPE PERFEITO, (1895) 1 vol., br. 25000 rs. Encad., folhas doiradas, 35200 rs.

II. Historia geral:

- ELEMENTOS DE ANTHROPOLOGIA, 4.^a ed. (1895), 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
AS RAÇAS HUMANAS E A CIVILIZAÇÃO PRIMITIVA, 2 vol., br. 15400 rs. Enc. 15800 rs.
SYSTEMA DOS MYTHOS RELIGIOSOS, 2.^a ed. (1895) 1 vol., br. 800 rs. Enc. 15000.
QUADRO DAS INSTITUIÇÕES PRIMITIVAS, 2.^a ed. (1893) 1 vol., br. 700 rs. Enc. 900.
O REGIME DAS RIQUEZAS, 2.^a ed. (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
HISTORIA DA REPUBLICA ROMANA, 2.^a ed., 1897, 2 vol., br. 25000 rs. Enc. 25400.
O HELLENISMO E A CIVILIZAÇÃO CRISTÃ, 2.^a ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 15000 rs.
TABOAS DE CHRONOLOGIA E GEOGRAPHIA HISTORICA, (1884), 1 vol., br. 15000 rs. Encadernado 15200.

III. Varia:

- A CIRCULAÇÃO FIDUCIARIA, 2.^a ed., 1 vol. br. 800 rs. Enc. 15000 rs.
A REORGANIZAÇÃO DO BANCO DE PORTUGAL, *opusculo*, (1877) br. 150 rs.
O ARTIGO «BANCO» no *Diccionario Universal Portuguez*, (1877), 1 vol., br. 500 rs.
POLITICA E ECONOMIA NACIONAL, (1885), 1 vol.; br. 700 rs.
PROJECTO DE LEI DE FOMENTO RURAL, *apresentado á camara dos deputados na sessão de 1887*, 1 vol., br. 300 rs.
ELOGIO HISTORICO DE ANSELMO J. BRAAMCAMP, *ed. part.* (1886), 1 vol. (esgotado).
THEOPHILO BRAGA E O CANCIONEIRO, *opusculo*, (1869) esgotado.
O SOCIALISMO, (1872-3), 2 vol., br. 15200. (Esgotado)
AS ELEIÇÕES, *opusculo*, (1878), br. 200 rs.
CARTEIRA DE UM JORNALISTA: I. *Portugal em Africa*, (1891), 1 vol., br. 400 rs.
INGLATERRA DE HOJE, CARTAS DE UM VIAJANTE, 2.^a ed., (1894), 1 vol., br. 600 rs. Enc. 800.
CARTAS PENINSULARES, (1895), 1 vol. br. 600 rs. Enc. 800 rs.

Parceria Antonio Maria Pereira

LIVRARIA EDITORIA

Rua Augusta, 50, 52 e 54 — LISBOA

Nova grammatica elementar da lingua portugueza, redigida segundo as theorias modernas, e contendo quadros synopticos muito uteis, cart. 160 réis.

Compendio de arithmetica e systema metrico, 28.^a edição, contendo 29 gravuras e mais de 2.000 exercicios e problemas, reformado segundo os actuaes programas, br. 200 réis, cart. 280 réis.

Resumo de arithmetica e systema metrico, 5.^a edição, muito augmentada e contendo 13 gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Dois mil exercicios e problemas de arithmetica e systema metrico, abrangendo os programmas do ensino elementar e complementar, em br. 160 rs., cart. 240 rs.

Compendio de historia patria, 13.^a edição, reformada, e contendo no fim uma noticia resumida dos factos principaes de cada reinado, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Compendio de historia sagrada, 2.^a edição, illustrada com muitas gravuras, approvado pelo antigo conselho superior de instrucção publica, br. 160 réis, cart. 240 rs.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 1.^a parte, 9.^a edição, muito augmentada, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 7 a 9 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo para premios e brindes, 300 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas: primeiras lições sobre objectos. — 2.^a parte, 6.^a edição, ornada com gravuras e vinhetas, dedicada ás creanças de 10 a 12 annos, br. 160 réis, cart. 240 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis.

Leituras Correntes e Intuitivas, obra adoptada para o ensino official primario, 300 réis, cart.

Historias de animaes, sua vida, costumes, anedotas, fabulas, etc. — **noções amenas de zoologia para creanças — lições sobre objectos**, 3 volumes, obra interessantissima, ornada com 400 gravuras e vinhetas, br. 200 réis cada volume, cart. 280 réis; com encad. de luxo, para premios e brindes, 400 réis.

Os contos da avózinha, collecção illustrada de historias, lendas, fabulas e contos, com 300 gravuras, 3 volumes, br. 160 réis, cart. 240 réis, com encad. de luxo, para premios e brindes, 360 réis cada volume.

Noções elementares de geometria intuitiva, contendo 97 gravuras, br. 100 réis, cart. 180 réis.

Grammatica elementar da lingua portugueza, 22.^a edição, br. 160 réis, cart. 240 réis.

Parceria Antonio Maria Pereira — Livraria-editora

OBRAS DE CARLOS AUGUSTO PINTO FERREIRA

Engenheiro machinista, capitão-tenente graduado da Armada

INDISPENSÁVEIS A INDUSTRIAES, OPERARIOS, ENGENHEIROS, ARCHTECTOS, ETC.

Engenheiro (O) d'algibeira, livro portatil e utilissimo, especie de *vademecum*, onde se acham compendiadas grande quantidade de formulas e dados praticos com applicação á engenharia nos seus differentes ramos; 3.^a edição muito augmentada. Este livro deve ser o companheiro indispensavel do contra-mestre, do mestre, do architecto e finalmente do engenheiro; para todos tem materia util. Livrinho nitidamente impresso, contendo mais de 150 tabellas. — Preço 800 réis br., 1\$000 réis enc.

Guia do fogueiro conductor de machinas de vapor, approvado pela associação dos engenheiros civis portuguezes. Livro escripto expressamente para servir de ensinamento pratico aos fogueiros, e em harmonia com a portaria do ministerio da marinha que obriga esta classe de individuos a serem examinados. Contém 230 paginas em 8.^o francez, com bastantes gravuras intercaladas no texto e duas bellas estampas, 2.^a edição. — Preço 800 rs. br., 1\$100 réis enc.

Guia de mechanica pratica, precedida de noções elementares de arithmetica, algebra e geometria indispensaveis para facilitar a resolução dos diversos problemas de mechanica. Volume de 557 paginas em oitavo francez, nitidamente impresso, contendo mais de cem gravuras intercaladas no texto e cinco bellas estampas no fim. Livro indispensavel, não só aos industriaes, mas a todos os individuos que desejarem pôr em pratica quaesquer trabalhos mechanicos. — 6.^a edição. Preço 1\$600 rs. br., 1\$900 rs. enc.

Manual elementar e pratico sobre machinas de vapor maritimas antigas e modernas, comprehendendo as de dupla, triplice e quadrupla expansão — Livro utilissimo para quem precisa fazer algum estudo sobre machinas maritimas, construil-as, mandal-as coustruir, ou dirigit-as. Vol. de 420 pag. em 8.^o francez, contendo 40 gravuras intercaladas no texto e 2 magnificas estampas. Os engenheiros machinistas encontrarão n'este livro indicações de grande utilidade para o desempenho da sua difficil missão. Preço 2\$000 réis br., 2\$400 réis enc.

Manual de noções elementares de tecnologia, Livro utilissimo para todos os que se dedicam á industria, e tratando dos seguintes assumptos: — Madeiras. — Rochas e pedras. — Carvão. — Metaes. — Materias textis. — Construcções. Adornado de muitas gravuras explicativas. Preço 500 réis br., 700 réis enc.

Opusculo ácerca das machinas mixtas de alta e baixa pressão, applicadas aos navios movidos a vapor. 2.^a edição, Preço 600 réis br., 800 réis enc.

